



PPGL

Programa de Pós-Graduação em Letras
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Campus I – Rodovia BR 285, Km 292

Bairro São José – Passo Fundo, RS

CEP: 99.052-900

E-mail: ppgletras@upf.br

Web: www.ppgl.upf.br

Fone: (54) 3316-8341

Elisângela De Britto Palagen

**DOM CAMILO v. PEPPONE: JOSUÉ GUIMARÃES,
PSEUDÔNIMOS E VOZES EM CONFLITO**

Passo Fundo, março de 2016

Elisângela De Britto Palagen

DOM CAMILO v. PEPPONE: JOSUÉ GUIMARÃES,
PSEUDÔNIMOS E VOZES EM CONFLITO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Miguel Rettenmaier.

Passo Fundo

2016

Dedico esse trabalho a Deus, pelas inúmeras vezes que Ele me enxergou melhor do que eu sou, pela sua capacidade de me olhar devagar, já que nessa vida muita gente já me olhou depressa demais. E dedico esse trabalho a mim, por nunca ter desistido do sonho de ser alguém melhor nessa aventura que chamamos “vida”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a minha amada irmã Michele, que um dia me pegou pela mão, me inscreveu no vestibular, fez a matrícula do curso comigo e, no primeiro dia de aula, quando eu não estava com nenhuma disposição para estudar, me disse: “vai ser bom mana, você vai gostar”. Apesar de eu trabalhar com as palavras, não conheço nenhuma que realmente possa expressar o amor e a gratidão que tenho por você Maninha. Obrigada por você existir. Muito obrigada. À minha mãe, por ser tudo em minha vida, pelo amor incondicional que me dedica todos os dias, por acreditar que sou melhor em tudo e que sempre vencerei. Te amo mãe, que eu possa sempre ter a capacidade de lhe dar muitas alegrias. Ao meu pai, que não está fisicamente comigo, mas que nunca me abandonou, mesmo estando lá no céu. Queria muito poder te abraçar e dizer que consegui. Mas tenho certeza que está feliz e orgulhoso de mim. Ao meu orientador, amado carrasco que foi um pouco de tudo. Amigo e inimigo, pai, irmão, anjo da guarda. Obrigada por acreditar em mim, pela oportunidade de me fazer ser alguém melhor, por me ter feito o que hoje sou. Você será, para sempre, meu ídolo, o exemplo de profissional e de pessoa que eu quero ser. Obrigada Miguel. Ao meu amigo Pedro Afonso Barth. Como agradecer a você tudo o que fizeste por mim? Aos dias em que sentou ao meu lado na cama e me obrigava a levantar e encarar a vida? Ao me dar colo, ombro pra chorar, abraços de alegria, risos de satisfação pelas coisas que juntos alcançamos? Não tenho como te agradecer. Farei isso dedicando a você minha eterna amizade e um amor que não cabe em mim de tão grande que é. A minha doce amiga Claudinha, herança dos anos junto ao meu orientador. Obrigada pelo teu amor, pelo teu carinho e pela atenção que sempre dedicou a mim. Que nossa amizade seja eterna. Os amigos. Será que os agradecimentos podem ser maiores que a dissertação? Não que eu tenha tantos amigos assim, mas os que eu tenho me ajudaram tanto, mas tanto, que eu teria que agradecer infinitamente cada um deles. Não citarei nomes porque provavelmente esqueceria alguém. Amo meus amigos, todos eles e eles sabem quem são. À minha família, pelo apoio, pela torcida e pelo amor que sempre dedicaram a mim. Aos professores da graduação e do Mestrado em Letras da Universidade de Passo Fundo. Se sou feita de discursos, como defendo nesse trabalho, em mim há um pedaço de cada um de vocês. Obrigada professora Telisa, professor Ernani, professora Márcia, professora Fabiane, professora Luciane, professora Elisane, professora Adriana e tantos outros que doaram um pouco de si para que eu pudesse estar escrevendo esse texto hoje. Agradeço a CAPES-FAPERGS pela bolsa concedida, que me proporcionou chegar ao tão sonhado título de Mestre. E para encerrar, agradeço a Josué Guimarães, uma pessoa que nunca conheci pessoalmente, mas que sua vida se juntou à minha de tal forma que nos tornamos inseparáveis. Obrigada “meu amigo” por tudo, principalmente por ter me ajudado a escrever tantos textos. A impressão que eu tinha é que você estava sempre sentado ao meu lado, soprando ideias, inspirações, emoções no meu ouvido. Espero ter feito, em cada trabalho que sobre você escrevi, justiça à sua pessoa. Que possamos um dia nos encontrar e selar nossa amizade com um grande abraço. Obrigada Josué. “Quando não souberes para onde ir, olha para trás e sabe pelo menos de onde vens” (Provérbio africano). E que venha o doutorado.

Pois a fresta assim aberta daria para que as duas mãos se apertassem, fraternalmente, iniciando uma era de compreensão e boa vontade, únicos sentimentos que ainda poderão devolver a Paz aos homens. (Josué Guimarães)

RESUMO

O propósito principal desta pesquisa é interpretar crônicas jornalísticas das colunas *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do outro*, publicadas em 1954 pelos “cronistas” fictícios Peppone e D. Camilo, ambos pseudônimos utilizados pelo escritor gaúcho Josué Guimarães, como enunciados construídos a partir dos discursos que as precederam, bem como das relações históricas em que estavam inseridas, apresentando-as como importantes manifestações discursivas que refletiram o contexto social da época em que foram publicadas, isso fez com que se tornassem verdadeiras obras literárias. Definiram-se, como *corpora* para esta pesquisa, as crônicas que representavam o embate entre as ideologias socialista e capitalista representadas pelos personagens cinematográficos de que Josué Guimarães apoderou-se para constituir seus pseudônimos. Também foram analisadas as crônicas que apresentavam indícios interdiscursivos com a obra *As Muralhas de Jericó*, de autoria de Josué Guimarães, visto que esta é estabelecida como o discurso pretérito potencializador das crônicas. Por estarem estabelecidas como enunciados que dialogam entre si de forma antagonico-ideológicas, esta pesquisa interpreta, a partir dos pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin (1997, 1998, 2003, 2006) relativos ao dialogismo e à polifonia, as vozes inseridas nas crônicas que debatem sobre duas forças sociais e políticas divergentes: o socialismo e o capitalismo. Propõe-se, desse modo, um estudo sobre os gêneros discursivos a partir dos preceitos bakhtinianos, enfatizando o gênero discursivo crônica. Para as análises das crônicas, fez-se necessária a contextualização histórica na qual estava inserido o escritor, jornalista e político Josué Guimarães, para, conseqüentemente, apreciar a composição dos enunciadores que assinavam as colunas, *Volta ao mundo* e *Um dia depois do outro*, como sujeitos sócio-historicamente constituídos. Por meio da concepção de que um sujeito define-se como ser-evento único, sócio-historicamente situado e culturalmente impregnado de ideologias, constituído na relação com outros sujeitos, estabeleceu-se esta pesquisa que pretende reconstruir a memória do jornalista e escritor Josué Guimarães, figura imponente na imprensa e na literatura gaúcha e nacional, por meio do legado deixado pela sua família ao Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF). Os parâmetros propostos pelas análises desta pesquisa permitiram evidenciar que sujeito, história e ideologias não se separam, e que, na constituição da consciência desse sujeito, as vozes pretéritas são as responsáveis pelos enunciados e pelos atos responsivos que delas são recorrentes.

Palavras-chave: Dialogismo. Polifonia. Crônica. Pseudônimos. Josué Guimarães.

ABSTRACT

The main purpose of this research is to interpret journalistic chronicles of the columns *Our little world* and *one day after the other*, published in 1954 by "chroniclers" fictitious Peppone and D. Camillo, both pseudonyms used by the southern writer Josué Guimarães, listed as constructed from the speeches that preceded them, as well as the historical relations that were inserted, presenting them as important discursive events that reflected the social context of the time they were published, making them true literary works. It was defined as corpora for this research the chronic representing the struggle between the socialist and capitalist ideologies represented by film characters that Josué Guimarães seized to provide its pseudonyms. Also chronic presenting evidence were analyzed interdiscursive with the work *The Walls of Jericho*, written by Josué Guimarães, as this is established as the speech enhancer past chronic. As for being established as statements that interact with each other in an antagonistic-ideological form, this search interprets, from the theoretical assumptions of Mikhail Bakhtin (1997, 1998, 2003, 2006) related to dialogism and polyphony, the inserted in chronic voices debating on two divergent social and political forces: the socialism and capitalism. It is proposed that Similarly, a study of genres from Bakhtinian precepts, emphasizing the chronic discursive genre. For the analysis of chronic became necessary contextualization historical in which was inserted the writer, journalist and politician Josué Guimarães to, consequently, appreciate the composition of groups of speakers who signed columns *Around the world* and *One day after the other* as socio-historically constituted subject. Per through the concept that a subject is defined as the only being-event, socio-historically situated and culturally imbued with ideologies, constituted in relation to other subjects, settles this research that aims to rebuild the memory of journalist and writer Josué Guimarães, imposing figure in the press and in Rio Grande do Sul and national literature through the legacy left his family to Literary Collection Josué Guimarães (ALJOG / UPF). the parameters proposed for the analysis of this research have highlighted that subject, history and ideologies are inseparable, and that in the creation of awareness of this subject, the voices preterit are responsible for the statements and the responsive acts that these are recurrent.

Keywords: Dialogism. Polyphony. Chronic. Pseudonyms. Josué Guimarães.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Fragmento do artigo <i>Um povo, um homem, uma obra</i> , publicado em julho de 1953, assinado por Josué Guimarães.....	69
Figura 2: Notícia sobre a Conferência ministrada por Josué Guimarães.....	85
Figura 3: Apresentação de D. Camilo. Publicada no jornal <i>Folha da Tarde</i>	98
Figura 4: Cabeçalho da coluna <i>Nosso pequeno mundo</i> , de Peppone.....	99
Figura 5: Ilustração da crônica <i>Nosso pequeno mundo</i> . Publicação do jornal <i>Hoje</i>	101
Figura 6: Fragmento da crônica de Peppone, publicada no jornal <i>Hoje</i>	104
Figura 7: Coluna <i>Um dia depois do outro</i>	105
Figura 8: Carta de D. Camilo para Peppone. Publicada na coluna <i>Um dia depois do outro</i> , em 25 de maio de 1954.....	108
Figura 9: Fragmento da crônica de D. Camilo publicada no jornal <i>Folha da Tarde</i> , em 11 de Junho 1954.....	112
Figura10: Fragmento da crônica <i>Um dia depois do outro</i> , de D. Camilo, publicada no jornal <i>Folha da Tarde</i> , em 11 de junho de 1954.....	116
Figura 11: Fragmento da crônica <i>Nosso Pequeno mundo</i> , de Peppone, publicada no jornal <i>Hoje</i> , em 1954.....	117

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	JOSUÉ GUIMARÃES: UM SUJEITO NAS “CORREIAS DE TRANSMISSÃO” BAKHTINIANAS.....	19
	2.1 O SUJEITO.....	20
	2.2 BASES BAKHTINIANAS: A LINGUAGEM COMO DINÂMICA EXPONENCIAL DE VIDA.....	28
	2.2.1 O princípio da incompletude: o eu, o outro, o signo.....	33
3	OS GÊNEROS DO DISCURSO E A CRÔNICA JORNALÍSTICA: ENUNCIADOS EM AÇÃO.....	46
	3.1 GENÊROS DO DISCURSO: LINGUAGEM E/NO CONTEXTO.....	47
	3.2 A CRÔNICA: UM GÊNERO DISCURSIVO JORNALÍSTICO- LITERÁRIO.....	52
4	A HISTÓRIA E O DISCURSO: AS VOZES DE JOSUÉ GUIMARÃES, DE D. CAMILO E DE PEPPONE.....	62
	4.1 O TERRENO.....	64
	4.2 AS MURALHAS.....	76
	4.3 DOM CAMILO E PEPPONE.....	85
5	O ENTRECruzAMENTO DAS VOZES.....	93
	5.1 OS PSEUDÔNIMOS E AS VOZES.....	96
	5.2 O CONFLITO.....	105
	5.3 OS DISCURSOS VINDOS DAS MURALHAS.....	119
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
	REFERÊNCIAS.....	130

1 INTRODUÇÃO

O escritor, jornalista e político Josué Marques Guimarães é uma das maiores personalidades pertencentes à história do jornalismo e da literatura do Rio Grande do Sul e do Brasil. Foi o autor de uma obra complexa e única, tanto na Literatura quanto no jornalismo brasileiro. Idealista, atravessado por vozes que o compeliavam a reivindicar um mundo melhor para todos, Josué¹ fez de seus textos literários e jornalísticos verdadeiras fontes de reflexão sobre o homem, o mundo e a história. Se considerado sob a perspectiva de Bakhtin que afirma: “[...] um indivíduo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e por seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente sócio-ideológico” (BAKHTIN, 2003, p. 58), pode-se dizer que Josué Guimarães representou ativamente seu lugar na história, interferiu nela, penetrou nos discursos que a envolviam, tomou para si as vozes incorporadas a estes discursos, algumas vezes aceitando-as, outras as repelindo, mas sempre as respondendo, sempre impondo sua atitude responsiva frente aos discursos e às ideologias que figuravam em seu tempo.

Uma das formas encontradas por Josué Guimarães de expressar suas percepções sobre as ideologias e valores que esculpiam o mundo à sua volta foram suas crônicas jornalísticas. Por meio de textos literário-jornalísticos, o *cronista* retratou, de forma crítica e frequentemente bem-humorada, o panorama da situação social e política do Brasil e do mundo durante décadas. Por ser um sujeito rebelde, claramente simpatizante do ideário socialista, adepto da militância, mesmo que crítica, Josué insurgiu, por toda a vida, ora contra o poder político vigente, ora contra a forma como as estruturas se repetiam, em um fluxo histórico continuamente subserviente aos poderosos. Em vista disso, percebe-se, em quase toda sua obra, a necessidade do autor em despertar uma visão crítica mais apurada nos seus leitores.

Em 1954, em meio ao conflito que dividia o mundo, caoticamente estabelecido entre forças opostas, entre princípios econômicos sociais absolutamente divergentes, representados, por um lado, pela tendência liberal de base mercadológica e, por outro, pela institucionalização do Estado como regulador da ordem econômica, jurídica e política, surgiram D. Camilo e Peppone, cronistas fictícios dos jornais porto-alegrenses *Hoje e Folha*

¹Devido aos anos trabalhados como acervista no Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF) e às diversas pesquisas realizadas em torno de sua figura, o escritor gaúcho se tornou um sujeito tão familiar à pesquisadora que muitas vezes seu nome será referenciado nesta dissertação de maneira informal.

da tarde. Esses dois “cronistas”, contudo, nada mais eram do que enunciadores criados pelo jornalista Josué Guimarães. Na tentativa de retratar o mundo pela via das distintas perspectivas de seus pseudônimos, a ideologia liberal e o socialismo, Josué deu voz às tendências antagônicas irreconciliáveis que, num incessante conflito, tentavam sobrepor-se.

Justamente por ser um socialista e esquerdista convicto, Josué tornou-se um cidadão visado pelo sistema e cada ato seu começava a ser devidamente observado pelas instâncias de poder. Uma das repreensões sofridas por Josué que, possivelmente, marcou sua vida, fazendo-o, inclusive, mudar sua postura como homem político – tornando-o um jornalista ainda mais polêmico – foi a não publicação do que seria seu primeiro livro, *As Muralhas de Jericó*. A obra, que permaneceu inédita até 2001, relata a viagem de Josué Guimarães à União Soviética e à China, em 1952. O então correspondente internacional do jornal *Última Hora*, através de um olhar diverso daquele conhecido sobre os países que visitou, resolveu relatar, em forma de *diário de viagens*, suas novas impressões sobre um mundo ainda desconhecido aos brasileiros. Na tentativa de apresentar o que havia por trás das *cortinas de ferro*, Josué teve sua obra proibida para publicação, o que possivelmente acarretou suas divergências e até rompimentos com o poder.

Por ser um jornalista ousado, em 1954, valendo-se da segurança dos pseudônimos Peppone e D. Camilo, Josué acabou por revelar suas impressões sobre as ideologias socialista e liberal através das crônicas escritas em dois diferentes jornais da época. Tais crônicas estabeleciam-se como um embate de ideias entre os cronistas fictícios, ambos personagens cinematográficos criados pelo escritor italiano *Giovannino Guareschi*. Guimarães, de posse das vozes conflitantes entre os “cronistas”, usa-os para produzir textos críticos nas colunas *Nosso Pequeno Mundo*, publicada no jornal *Hoje* e assinada por Peppone, e *Um dia depois do outro*, publicada no jornal *Folha da tarde* e assinada por D. Camilo. Tais personagens representavam, respectivamente, diferentes formas de ver o mundo, duas ideologias contrárias, a socialista e a burguesa. Dessa forma, várias são as vozes que os constituíram, vários são os contextos sócio-político-culturais que os formaram, tornando o diálogo entre os “cronistas” uma representação da batalha de ideias e ideais daquele momento histórico.

Diante de crônicas tão ricas de contexto e de historicidade, que atuam em um universo ideológico, fez-se claro que, “[...] em cada época de sua existência histórica, a obra é levada a estabelecer contatos estreitos com a ideologia cambiante do cotidiano, a impregnar-se dela, a alimentar-se da seiva nova secretada” (BAKHTIN, 2006, p. 122). Por meio das reflexões de Mikhail Bakhtin, percebeu-se que uma obra só pode ser vista como tal, quando apresenta vínculos orgânicos entre as ideologias do cotidiano e determinada época histórica. Se esse

vínculo for rompido, a obra deixa de existir. E, por constituírem, as crônicas de Josué, heranças literárias tão importantes, mesmo que pouco divulgadas na atualidade, de acordo com o que Bakhtin promoveu como *obra*, tem-se como objetivo principal desta dissertação interpretar textos das colunas *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do outro*, como enunciados construídos a partir dos discursos que as precederam, bem como das relações históricas em que estavam inseridas, apresentando-as como importantes manifestações discursivas que refletiram o contexto social da época em que foram publicadas.

Estruturados sob o objetivo principal desta dissertação estão os objetivos específicos, a saber:

1. Relacionar crônicas das colunas *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do outro* com o contexto sócio-político e cultural que envolveu o sujeito Josué Guimarães entre as décadas de 40 e 50 do século passado;
2. Apresentar a obra *As Muralhas de Jericó* e as circunstâncias que envolveram a criação de tal obra;
3. Relacionar alguns enunciados inerentes à obra *As Muralhas de Jericó* com enunciados proferidos por D. Camilo, nas crônicas da coluna *Um dia depois do outro*;
4. Apresentar a gênese e a historicidade dos personagens literários e cinematográficos Dom Camilo e Peppone;
5. Reconhecer as vozes sociais que se encontram nos enunciados de D. Camilo e Peppone;
6. Explanar sobre os Gêneros Discursivos, conforme os postulados de Mikhail Bakhtin (2003), contemplando as crônicas jornalísticas com uma importante vertente da Literatura;
7. Reconstruir a memória do escritor gaúcho Josué Guimarães através das suas crônicas, com vistas a manter viva a herança literária que por ele foi deixada, legado esse que se encontra sob a tutela do Acervo Literário Josué Guimarães – ALJOG/UPF.

A metodologia empregada nesta pesquisa é de natureza bibliográfica, descritiva e de abordagem qualitativa, e foi idealizada enquanto da organização e catalogação dos textos jornalísticos do jornalista e escritor Josué Guimarães no Acervo Literário Josué Guimarães, na Universidade de Passo Fundo (ALJOG/UPF). Ao analisar as crônicas *Um dia depois do outro* e *Nosso pequeno mundo*, foi percebido o diálogo provocador entre os cronistas D. Camilo e Peppone, ambos pseudônimos de Guimarães, que publicavam suas crônicas nos jornais porto

alegrenses, *Hoje e Folha da Tarde*, em 1954. No entanto, na tentativa de encontrar as crônicas que sustentavam um diálogo entre si para uma futura análise, percebeu-se que, nos materiais preservados pelo ALJOG/UPF, a quantidade de crônicas de D. Camilo era superior ao número de crônicas assinadas por Peppone, o que resultaria em prejuízo para a pesquisa.

Dessa forma, foi empreendida uma busca pelo que viria a tornar-se *corpora* para as análises desta pesquisa: as crônicas de Peppone e outras crônicas não catalogadas de D. Camilo pelo ALJOG/UPF, que se poderiam encontrar sob os cuidados de outras instituições, como acervos, museus ou arquivos dos jornais que publicaram tais textos. Ambicionando encontrar as crônicas “desaparecidas” de Josué Guimarães, foi visitado o Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, em Porto Alegre, mantenedor de um rico acervo de textos da imprensa publicados desde o século XIX. No entanto, mesmo sendo detentor de abundantes e importantes publicações jornalísticas foi encontrada, no museu, apenas uma crônica da coluna *Nosso pequeno mundo*, de Peppone. Das buscas aos textos de Peppone e D. Camilo – em que apenas uma crônica foi encontrada – ficou comprovado que o Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF) é o espaço onde se encontra a grande maioria do espólio do escritor, jornalista e político.

Algumas questões foram levantadas enquanto da leitura das colunas jornalísticas de Josué e que seriam de relevada importância para a construção deste trabalho: por que Josué Guimarães escrevia sob pseudônimos que divergiam entre si? Quais seus objetivos quanto aos leitores destas colunas? Em que contexto social e político estava inserido o jornalista na época? Algumas respostas foram reveladas pelo documentário *A jornada de Josué* que – por intermédio dos relatos dos familiares, amigos e estudiosos do autor gaúcho – apresentou alguns parâmetros para a constituição do sujeito Josué Guimarães apresentados nesta pesquisa. Logo após o estudo bibliográfico do autor e de obtidas as crônicas que comporiam o *corpora* desta dissertação, iniciou-se um trabalho de pesquisa bibliográfica por meio de leituras e estudos sobre as teorias bakhtinianas em torno do dialogismo, bem como o estudo sobre os contextos históricos que estruturavam o sujeito Josué Guimarães até o momento da publicação das suas crônicas.

Em conformidade com os estudos realizados, a estrutura desta dissertação foi idealizada da seguinte forma: foram estabelecidos cinco capítulos de desenvolvimento, a fim de explanar sobre as possibilidades tanto teóricas quanto históricas, que levaram Josué Guimarães a produzir as crônicas, *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do outro*. Sendo Josué Guimarães constituído sócio-histórico e ideologicamente, o segundo capítulo desta dissertação, intitulado *Josué Guimarães: um sujeito nas “correias de transmissão”*

bakhtinianas, pretende apresentar o sujeito correlacionado às teorias bakhtinianas que atestam que todo indivíduo tem sua consciência formada pelas palavras dos outros e pelos discursos ideológicos cambiantes dos contextos sociais, culturais e históricos pelos quais transita.

A partir desta constatação, o segundo capítulo será apresentado em duas seções: na primeira seção é contada a história de vida de Josué Guimarães por meio dos relatos dos familiares, amigos e estudiosos do autor no documentário, *A jornada de Josué*, obra realizada em homenagem ao escritor gaúcho em comemoração aos seus 90 anos de nascimento; a segunda seção fará referência ao teórico Mikhail Bakhtin que, em seus preceitos, considerou os processos dialógicos e interdiscursivos como importantes desígnios da formação dos sujeitos discursivos. Nesta seção, serão apresentados, primeiramente, um breve relato sobre a vida e reflexões levantadas por Mikhail Bakhtin, evidenciando seu pensamento crítico aos estudos estruturalistas e à promoção das teorias em torno das ideologias e dos signos ideológicos; e, em seguida, as considerações sobre os conceitos bakhtinianos em torno do dialogismo, em que serão abordados, de forma sucinta, os temas ideologia, signos ideológicos, forças centrífugas e centrípetas, palavra e suas valorações, constituição do sujeito conforme suas consciências e suas compreensões, o discurso de outrem, enunciação e discurso, contemplando, assim, algumas das principais questões que norteiam o grande diálogo de Bakhtin. Na elaboração da segunda seção deste capítulo, foram utilizados os pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin apresentados nas obras *Questões de literatura e estética: a teoria do romance* (1998), *Estética da criação verbal* (2003), *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (2006) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (1997). A segunda seção traz, também, as abordagens realizadas pelos estudiosos de Bakhtin e de seus conceitos, Carlos Alberto Faraco (2009) e José Luiz Fiorin (2008).

Como o *corpora* das análises feitas nesta dissertação constitui-se por crônicas das colunas *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do outro*, o terceiro capítulo, intitulado *Gêneros do discurso e a Crônica jornalística: enunciados em ação*, discorrerá sobre os conceitos bakhtinianos em torno dos gêneros do discurso e, seguidamente, sobre o gênero discursivo crônica. A crônica, configurada como um enunciado relativamente estável, impregnada de ideologias advindas dos contextos que a compõe, é um discurso literário, que possibilita a expressão da subjetividade do jornalista, em que o cronista consegue exprimir seus sentimentos por meio dos textos ficcionais. Visando a relacionar as teorias dos gêneros discursivos às crônicas, o terceiro capítulo desta dissertação estrutura-se em duas seções: a primeira tratará das noções bakhtinianas que vislumbraram as correlações entre linguagem e

sociedade, as relações entre as diversas situações sociais de interação que se concretizam em gêneros discursivos; a segunda seção discorrerá sobre a Literatura, estabelecendo a crônica jornalística como discurso literário, já que apresenta uma natureza literária, pois o cronista recria o fato cotidiano por meio da leveza, da beleza, da poesia, da crítica e do humor. Na composição desse capítulo, além das obras de Mikhail Bakhtin (2003, 2006), foram empregados também os estudos de Yves Stalloni (2003) sobre os gêneros discursivos e as reflexões das escritoras Flora Bender e Ilka Laurito (1993) sobre os conceitos pertinentes às crônicas jornalísticas. Foram utilizados, também, os estudos em torno dos gêneros discursivos de Massaud Moisés (2003), Afrânio Coutinho (2003), entre outros.

Como o objetivo principal desta dissertação é interpretar crônicas das colunas *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do outro*, como enunciados construídos a partir dos discursos que as precederam, bem como das relações históricas em que estavam inseridas, o quarto capítulo, introdutório às análises, apresentará o contexto histórico ao qual Josué Guimarães estava incorporado e, também, apresentará os discursos ideológicos que envolveram a criação das crônicas assinadas por D. Camilo e Peppone. A construção deste capítulo, intitulado *A história e o discurso: as vozes de Josué Guimarães, de D. Camilo e de Peppone*, deu-se pela seguinte prerrogativa: o sujeito, ao falar ou escrever, deixa, em seu texto, marcas profundas de sua sociedade, de seu núcleo familiar, de suas experiências, além de pressuposições sobre o que o interlocutor gostaria ou não de ouvir ou ler, tendo em vista também seu contexto social. Esse sujeito é formado, em suas relações sociais e históricas, com outros sujeitos, também responsáveis, formadores, mediadores e extremamente dependentes da sociedade em que vivem. É no movimento de interação social que os sujeitos constituem os seus discursos por meio das palavras alheias de outros sujeitos, as quais ganham significação no seu discurso interior e, ao mesmo tempo, geram as réplicas ao dizer do outro, que, por sua vez, vão mobilizar o discurso desse outro, e assim por diante.

Como as crônicas escritas por Josué, em 1954, podem ter sido geradas pelos efeitos de sentidos originados pela sequência discursiva antecedente a suas publicações e pelas circunstâncias históricas e ideológicas nas quais o jornalista estava inserido, o quarto capítulo foi delineado da seguinte maneira: a primeira seção abordará o contexto histórico mundial e brasileiro, mais precisamente entre as décadas de 40 e 50 do século XX, vinculadas à vida do autor-jornalista-político Josué Guimarães, para que se faça possível – através dos enunciados pretéritos e das ideologias que fundamentam o autor – analisar os diálogos contraditórios entre D. Camilo e Peppone, manifestados em suas crônicas jornalísticas.

A segunda seção tratará daquela que hoje é considerada a primeira obra literária de Josué, *As Muralhas de Jericó*. Esta obra relata as memórias da viagem de Josué quando da sua visita à Rússia e à China, em 1952. O livro retrata o panorama social, político e econômico dos países do bloco socialista e nele estão incorporadas vozes ideológicas adversas: o socialismo e o capitalismo. A viagem que Josué fez como correspondente internacional permitiu-lhe, por meio dos discursos a que teve acesso, o desenvolvimento de um senso crítico a respeito das ideologias em oposição. Como a obra foi proibida para publicação em seu tempo, acredita-se que ela faz parte dos discursos pretéritos que potencializaram a criação das crônicas *Nosso Pequeno Mundo* e *Um dia após o outro*, visto que muitas das crônicas, principalmente as assinadas por D. Camilo, dialogam interdiscursivamente com a obra condenada de Josué.

A terceira seção abordará a criação dos personagens D. Camilo e Peppone. Apesar de fictícios, esses personagens carregam, em si, discursos e vozes ideológicas que os caracterizam como sujeitos sócio e historicamente constituídos. Os personagens criados, como já referido, pelo escritor e jornalista italiano Giovanino Guareschi (1948), e adaptados para o cinema pelo diretor Julien Duvivier, representam as ideologias liberais e socialistas e, justamente por isso, eles mantêm uma ambígua relação entre antipatia e alguma consideração. Josué apropria-se da palavra dos outros, ou seja, dos personagens já estabelecidos e os usa para dar autoria à sua própria voz. Algumas das crônicas analisadas nesta pesquisa fazem uma relação interdiscursiva direta com as posturas de Dom Camilo e Peppone na série de filmes *Dom Camilo e seu pequeno mundo*. A trama da saga é baseada nas brigas entre o padre e o prefeito de uma pequena cidade na Itália. Josué os insere nos jornais porto alegrensenses *Hoje* e *Folha da tarde* e os torna cronistas. O embate entre os dois continua nas crônicas em forma de troca de cartas ofensivas, cujo conflito ideológico ganha como cenário o Brasil de 1954.

A ideia de que um sujeito não é dono de suas próprias palavras servirá como suporte para a concepção do quinto capítulo desta dissertação. Neste capítulo, intitulado *O entrecruzamento das vozes*, serão apresentadas as análises feitas sobre as crônicas de Peppone e D. Camilo em relação à concepção bakhtiniana de que o sujeito enunciador é descentrado, ou seja, é um sujeito múltiplo de vozes na origem de seus enunciados. No processo analítico em torno dos diálogos proposto pelos cronistas fictícios, perceberam-se as várias representações de que os sujeitos enunciadorees tomaram posse para se enunciar, para dialogar de forma conflituosamente responsiva, compatibilizando, dessa forma, a ideia de polifonia que Bakhtin aplica aos textos de Dostoiévski. Assim, as análises propostas para esta

dissertação fortalecerão a noção já defendida por vários pesquisadores – cujas ideias serão sucintamente referidas neste trabalho – de que o sujeito não enuncia sozinho, mas é atravessado por diversas vozes, provenientes dos múltiplos discursos que abarcam determinado contexto social e histórico. Considerando a investigação dos cronistas Peppone e D. Camilo e de suas crônicas com as quais foi decidido trabalhar aqui, constatou-se que um sujeito sócio-histórico é perpassado por vozes alheias e constituído dialogicamente sob o fenômeno da polifonia em suas interações, seja ele real, como Josué Guimarães, sejam eles fictícios, como D. Camilo e Peppone.

Diante disso, o quinto capítulo deste trabalho, dividido em três seções, apresentará as análises feitas nas crônicas de D. Camilo e Peppone, estabelecidas como *corpora* para a pesquisa, que estão sob a guarda do Acervo Literário Josué Guimarães – ALJOG/UPF. A primeira seção mostrará, por meio dos indícios linguísticos, as relações dialógicas das quais Josué Guimarães apropriou-se para conferir autoria às suas crônicas. As análises pertinentes a esta seção mostram a intrínseca relação entre os cronistas D. Camilo e Peppone e os personagens cinematográficos da saga *Dom Camilo e seu pequeno mundo*. A segunda seção abordará as vozes ideológicas que estão incorporadas às crônicas. Estas vozes, tidas como antagonicas, não só estabeleciam as identidades de D. Camilo, um padre antissocialista, e de Peppone, um socialista, mas também serviram como alicerce para que Josué pudesse expressar o que realmente desejava: fazer denúncias contra um governo autoritário e criticar o sistema econômico e político capitalista que regia o Brasil na época. A terceira seção analisará as relações interdiscursivas entre as crônicas das colunas *Nosso pequeno mundo* e *Um dia após o outro* com o discurso pretérito que, supostamente, foi o potencializador das crônicas de Josué: a obra *As Muralhas de Jericó*. Nesta seção, será demonstrada, por meio de fragmentos retirados das crônicas e de fragmentos retirados da obra, a intrínseca relação dialógica existente entre os diferentes discursos proferidos por Josué. Ao fazer críticas sobre as injustiças sociais, sobre a miséria e sobre os malefícios acarretados pelo sistema político e econômico brasileiro, Josué acaba por dialogar com suas memórias de viagem. A Rússia e a China mostraram ao jornalista uma forma de governo justo para com seus cidadãos. As diferenças entre os países que adotaram o socialismo e o Brasil estão implicitamente demonstradas nas crônicas. Por isso, nelas se escutam as vozes socialistas e as vozes capitalistas.

Enunciado o percurso de investigação definido para esta dissertação, espera-se que, ao longo desta exposição, o entrelaçamento das crônicas de Josué e as noções dialógicas e interdiscursivas bakhtinianas possam, de alguma forma, contribuir para a ampliação dos

estudos que levam em conta a integração do fenômeno dialógico aos estudos de outros enunciados. Sob o olhar da pesquisadora, torna-se imperativo declarar que o trabalho, em um Acervo Literário, remete, muitas vezes, ao sentimento de idealizar o autor enquanto ele escreve suas obras, sejam elas jornalísticas, sejam literárias, como é o caso do autor e jornalista Josué Guimarães. Ao propor realizar esta pesquisa, foi sustentado o interesse em compreender qual era a proposição do jornalista Josué Guimarães ao criar duas crônicas que dialogavam conflituosamente entre si, publicadas em diferentes jornais, escritas em uma mesma época, sob pseudônimos diferentes. Esse fato justifica tal pesquisa, que pretende ser o alicerce no incansável objetivo de reconstruir a memória do jornalista e escritor Josué Guimarães, figura imponente na imprensa e na literatura gaúcha e nacional.

2 JOSUÉ GUIMARÃES: UM SUJEITO NAS “CORREIAS DE TRANSMISSÃO” BAKHTINIANAS

Josué Guimarães é uma figura ímpar na história do jornalismo e da literatura, tanto gaúcha quanto brasileira. Sendo ele um sujeito multifacetado, impetuoso, desafiador, dentre outros adjetivos, é o autor de uma obra complexa e única. Sujeito impregnado de valores, de vozes de outros tempos, o escritor gaúcho não foi só *mais um escritor*. Josué Guimarães foi escritor, jornalista, correspondente internacional, ilustrador, diagramador, redator, político, militante, foragido procurado pela justiça, formador de leitores, incentivador da arte de ler, entre outras tantas ocupações que lhe formaram como um sujeito em quem transbordavam ideologias.

Foi através dos vários campos em que atuou que Josué tentou mudar o mundo, ou, no mínimo, tentou fazer com que as pessoas enxergassem uma nova forma de vê-lo e de mudá-lo também. Uma das formas encontradas pelo escritor-jornalista de expressar suas ideias sobre o mundo foram suas crônicas. Tais textos foram o suporte utilizado pelo jornalista, agora cronista, para traçar um panorama crítico da situação social e política do Brasil e do mundo durante décadas. Por ser um sujeito que questionava as ideologias e os discursos vigentes durante grande parte de sua vida, Josué Guimarães intentou despertar, por meio de suas produções, uma visão crítica mais apurada nos seus leitores, fazendo-os perceber a realidade social brasileira e mundial do seu ponto de vista.

Mas nem sempre Josué pôde expressar suas impressões do mundo de forma escancarada, tendo de apelar, algumas vezes, para o uso de pseudônimos, como Peppone e D. Camilo. As crônicas assinadas pelos cronistas fictícios, em virtude de estarem constituídas por uma relativa estabilidade de um gênero discursivo, estariam relacionadas à sua historicidade passada, à memória do passado. Dessa forma, as crônicas de Josué Guimarães representam enunciados que se constituem como lugar de emergência dos sentidos históricos das comunicações havidas em determinados contextos e com determinadas significações. O cronista, ao tecer suas crônicas, não deixou a vida de lado. As crônicas *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do outro*, analisadas conforme os preceitos de Bakhtin, funcionam como “correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p.268).

A partir da pressuposição de que um sujeito é constituído pelas palavras dos outros, pelos discursos ideológicos que emanam de diferentes contextos sócio-históricos, este capítulo pretende apresentar, na primeira seção, a história de vida de Josué Guimarães,

correlacionando o sujeito e as vozes que o constituem. A biografia do autor contemplará os enunciados proferidos por sua família, amigos e estudiosos da sua obra, usando como ferramenta principal o documentário *A jornada de Josué*, obra realizada em homenagem ao escritor gaúcho, em comemoração aos seus 90 anos de nascimento. Através do relato dos *outros*, vozes inseridas no documentário, *A jornada de Josué*, torna-se possível vislumbrar o processo de formação da consciência ideológica do autor, visto que são esses os aspectos fomentadores da produção das crônicas analisadas neste trabalho.

A segunda seção deste capítulo pretende apresentar as proposições de Bakhtin, que concebe o sujeito como um ser-evento único, sócio-historicamente situado e culturalmente impregnado de ideologias, constituído na relação com outros sujeitos. Por meio da compreensão das teorias bakhtinianas, conclui-se que um sujeito não enuncia sozinho, mas é atravessado por diversas vozes, ou como melhor relata Bakhtin:

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados [...], é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (BAKHTIN, 2003, p. 294).

Com base nas afirmações de Bakhtin acima citadas, a segunda seção deste capítulo discorrerá sobre a vida e as reflexões do filósofo, bem como sobre o conceito de dialogismo defendido por ele, em que serão apresentados, sucintamente, os temas ideologia, signos ideológicos, forças centrífugas e centrípetas, palavra e suas valorações, constituição do sujeito conforme suas consciências e suas compreensões, o discurso de outrem, enunciação e discurso, contemplando, assim, algumas das principais questões que norteiam o grande diálogo de Bakhtin.

2.1 O sujeito

A posição, opiniões, visões de mundo e consciência são partes da identidade de um indivíduo que se constitui pelas relações dialógicas entre enunciados valorativos, pela interação desse sujeito com outros sujeitos, com outros discursos, ou com a própria cultura. O ser, para ser um sujeito, precisa refletir-se no outro e refratar-se ao outro, e esse fenômeno é explicado por Bakhtin (2006) como alteridade. A alteridade, segundo o filósofo da linguagem, é a base fundamental da identidade de um sujeito. É na alteridade que os indivíduos se constituem. Ao constituir-se, o indivíduo se mantém em constante transformação, pois ele se

representa a cada momento único de interação pela comunicação. Assim, ninguém é isso ou aquilo. Ninguém surge apenas da sua própria consciência, e sim da consolidação social e histórica das interações, das palavras, dos signos, ou seja, dos outros. “É impossível alguém defender sua posição sem correlacioná-la a outras posições” (BAKHTIN, 2006, p. 297).

Em vista disso, para a construção dessa breve biografia de Josué Marques Guimarães, foram empregadas consciências alheias, ou seja, Josué será expresso aqui em um processo de alteridade. Mas quem são esses outros que são parte da identidade do autor, jornalista e político Josué Guimarães? São sua família, seus amigos, colegas de profissão, estudiosos que se debruçaram em algum momento sobre a vida ou a obra do escritor e a voz do próprio Josué Guimarães. As vozes que retratarão Josué Guimarães, no presente capítulo, fazem parte de um enunciado chamado *A jornada de Josué*², um documentário em que são apresentados aspectos da vida pessoal, jornalística e literária do autor pelo olhar dos que o rodearam em vida³.

Josué Marques Guimarães é considerado uma das grandes vozes do cenário literário e jornalístico brasileiro. Em suas produções jornalísticas e literárias, Josué conseguiu expressar uma relação íntima entre Literatura e História, entre a arte e a sociedade, entre a realidade e a ficção. O escritor “representou justamente uma aspiração da Literatura brasileira [...] de forma de reagir à ditadura, à repressão [...]” (ZILBERMAN, 2011). Josué externava, em seus escritos, a “[...] expressão a um desejo da sociedade de mudança, de regime de mudança, de espírito político daquela luta em prol da democratização” (ZILBERMAN, 2011). Como consequência, tornou-se um dos grandes escritores e jornalista do país. Diante disso,

Ele alcança esse status nacional primeiro por esse aspecto político e esse lado criativo [...], naquele momento em que a ficção brasileira precisava de expressões realmente políticas, militantes mesmo, engajadas em uma Literatura que ajudasse entender a necessidade de mudança de regime e decodificasse a possibilidade de uma descompreensão diante da repressão (ZILBERMAN, 2011).

Maria da Glória Bordini (2011) explica que o modo de Josué escrever “segue, de certa maneira, um legado da geração de 30 que tinha exatamente esses mesmos propósitos, de

² Documentário comemorativo aos 90 anos de nascimento do escritor, associados aos 30 anos de existência das Jornadas Literárias de Passo Fundo. Esse discurso foi produzido em parceria estabelecida entre o Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG), mantido pela Universidade de Passo Fundo (UPF), a Jornada de Literatura e a UPFTV, com apoio da Agência de Comunicação e Marketing (Agecom) da UPF, com direção de Deisi Fanfa e roteiro de Miguel Rettenmaier.

³ Os comentários e reflexões retirados da obra *A jornada de Josué* foram reeditadas, conforme as normas impostas para a redação deste trabalho, visto que se trata de um documentário em que os colaboradores expressam oralmente, respondendo a perguntas elaboradas, visando ao roteiro final do documentário. Portanto, há modificações feitas nos verdadeiros enunciados, na sua transição para este trabalho, pelas quais se retiraram as marcas de oralidade dos entrevistados.

transformação social pela Literatura.” Dessa forma, Josué Guimarães imprimiu, em suas produções, uma grande circularidade de valores e ideologias, ideologias de igualdade a todos, de respeito a todos, de um governo para todos. Como declarou Maria Luíza Remédios (2011), em “Josué a gente sempre encontra essa questão dele querer fazer justiça aos mais desafortunados, de que existe amor no mundo, e que por isso é importante viver nesse mundo.” Outro grande amigo do escritor, professor Gervásio Annes, diz que Josué possuía:

[...] uma coragem moral. Talvez essa questão da coragem moral a gente tenha que destacar bastante, porque dentro de determinadas áreas em geral as coragens são vistas mais físicas de outras formas. É difícil é ter a coragem moral, e ele teve. E isso foi uma coisa importante, que foi a grande lição que eu tinha (ANNES, 2011).

O gaúcho Josué Guimarães (São Jerônimo, 07 de janeiro de 1921 – Porto Alegre, 23 de março de 1986), de uma forma concisa, foi jornalista, político e romancista. Na imprensa, foi repórter, secretário, diretor, colunista, comentarista, cronista, editor, ilustrador, diagramador, analista político e correspondente internacional, melhor dizendo, “[...] sua vida foi tão rápida e repleta de tantas aventuras como a variação de suas profissões” (CLEMENTE, 1997, p. 13). Josué manifestou seus pensamentos e seu posicionamento político através dos vários meios em que escreveu ao longo de sua vida. Como escritor literário, ganhou notoriedade a partir de seus romances e contos, mesmo iniciando sua carreira literária aos quarenta e nove anos, uma idade tardia para um começo na Literatura. O escritor Ignácio de Loyola Brandão fez o seguinte comentário sobre o fato de Josué escrever Literatura ficcional tardiamente:

Eu acho que escreveu meio que tarde. Já escreveu amadurecido, porque já viveu, já teve experiência de vida. E ele já tinha um profundo conhecimento da terra em que ele pisava. Ele era altamente politizado e escreveu em um período muito difícil da vida brasileira. Então eu acho que a Literatura dele reflete esse período (BRANDÃO, 2011).

Em apenas dezesseis anos de produção literária, Josué Guimarães escreveu um volume considerável de textos ficcionais – seis romances, cinco novelas, dois volumes de contos e oito obras para o público infanto-juvenil, além de outros textos. O escritor aventurou-se por muitos gêneros ficcionais, incluindo-se investidas pelo texto teatral. Fez isso, porque era no gênero literário que ele escrevia o que realmente queria dizer, era na Literatura que “Josué Guimarães procura expressar as suas ideias, em sua obra ficcional, presentificando nela

elementos da realidade social” (MARTINS, 1997, p. 20). Josué⁴ comenta sobre seu modo de escrever ficção, dizendo:

Creio que o jornalismo nos dá um estilo mais direto de escrever. Faz com que o escritor deteste a literatice. Não sei escrever um romance a não ser partindo de uma história. Não gosto de arabescos e bordados intimistas. [...] Escrever também é um ato de amor, porque algo pra ser bom tem que ter uma carga muito grande de afetividade, envolvimento (GUIMARÃES, 1996, p. 5).

Como escritor, foi reconhecido pela crítica pelos seus contos *João do Rosário*, *Mãos sujas de terra* e *O princípio e o fim*, premiados no II Concurso Nacional de Contos do Estado do Paraná, em 1969. Esses contos foram publicados posteriormente, em 1970, na obra *Os Ladrões*⁵. Foi premiado, em 1977, com o Prêmio Érico Veríssimo pela obra *Os tambores silenciosos*, publicada pela Editora Globo. Na sua bagagem como escritor, Josué carrega as experiências de vida das diversas esferas em que atuou, ou seja, seus discursos são impregnados de política, de militância política, da urgência de escrever os fatos. Como comenta Sérgio Gonzaga:

Escrevia instigado pela urgência, [...] a Literatura era um depoimento, a Literatura tinha uma participação, a Literatura ela era urgente, ela era uma forma urgente. É difícil pra um jovem, hoje, entender essa urgência que era o combate. A Literatura também era combate, portanto havia uma aproximação do jornalismo porque o escritor queria ser persuasivo (GONZAGA, 2011).

Segundo Maria Luíza Remédios (2011), Josué foi o escritor mais perseguido pelos órgãos de segurança do país, tendo a necessidade de exilar-se ou de manter-se na clandestinidade em diversas situações, como quando esteve em São Paulo, vivendo com o pseudônimo de Samuel Ortiz ou como quando se exilou em Portugal. Josué era socialista, era um jornalista socialista, era um escritor socialista. Ele escrevia um “[...] realismo de denúncia, ele queria sempre mostrar alguma coisa que não está funcionando bem na sociedade, em todos os livros, até nos livros infantis” (BORDINI, 2011). No entanto, Regina Zilberman (2011) evidencia que o escritor não produz “uma Literatura de doutrinação política, de fazer as cabeças na direção da esquerda ou da direita, mas é uma Literatura militante”. Nesse sentido,

⁴ As declarações de Josué Guimarães contidas nesta dissertação, inseridas no livro *Autores Gaúchos*, organizado pelo Instituto Estadual do Livro (1996), foram retiradas das entrevistas ao Caderno de Sábado, do Jornal Correio do Povo em 05 de agosto de 1972, à Revista do Livro, publicação do Círculo do Livro feita em 1982, ao jornal Zero Hora de 28 de fevereiro de 1982 e ao jornal JÁ de maio de 1986.

⁵ *Os ladrões* é uma coletânea dos contos produzidos por Josué Guimarães, publicada em 1970 pela Forum Editora do Rio de Janeiro. (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 1997)

[...] passou [...] trabalhando e sendo socialista, pensando como socialista e fazendo crítica política. Nas suas obras, nas suas Crônicas, na peça de teatro, em tudo ele faz, em tudo. Se a gente olhar sob uma perspectiva política, em todos os livros nós encontramos uma crítica política, não há nenhum em que não se encontre isso (REMÉDIOS, 2011).

Josué Guimarães foi, também, um homem preocupado com o incentivo à formação de leitores. Dessa forma, em 1981, apoiou e estimulou o projeto da professora Tânia Rösing⁶ na concepção da I Jornada Regional de Literatura Sul-Rio-Grandense. Com o sucesso do evento, o que era para ser regional tornou-se internacional, sendo conhecido Brasil afora como Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, cidade que foi, em 2006, oficialmente reconhecida como Capital Nacional da Literatura. Edgar Vasques (2011) comenta sobre o sucesso do evento:

A Jornada de Passo Fundo coloca Passo Fundo, a cultura do Rio Grande do Sul, até a imagem do Rio Grande do Sul em outro patamar, que não é esse folclore do *Casseta e Planeta* [...]. E por isso, pela inteligência, pelo cuidado, pela capacidade de gerência que está durando tanto tempo. Eu me lembro de ter ido lá e ter ficado admirado com o fluxo de pessoas, com o interesse das pessoas. Não era aquela coisa burocrática que o prefeito inventa, vai lá uma meia dúzia e batem palmas na hora do discurso. [...] Tinha uma legitimidade no interesse das pessoas (VASQUES, 2011).

Como homenagem ao escritor pelos feitos que consolidaram tão grandioso evento, foi instituído, na Jornada de Literatura de 1988, o Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães. Outra forma de enaltecer a imagem do escritor gaúcho foi a instalação do **Acervo Literário Josué Guimarães - ALJOG/UPF** – pertencente à infra-estrutura do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, desde 2007. Neste ambiente, estão reunidos originais, fotos, objetos pessoais, entre outros documentos de inegável valor, que dão respaldo às pesquisas científicas, como esta que hora é apresentada. Também com o propósito de manter viva a imagem de Josué Guimarães, foi lançado, durante a 13ª Jornada Nacional de Literatura, em 2011, o documentário *A jornada de Josué*, referencial para esta pesquisa, em que são relatados os testemunhos de 28 escritores, pesquisadores, editores e familiares sobre a vida e a obra do escritor.

Josué Guimarães demonstrou, desde muito cedo, aptidão para o jornalismo. Em meados de 1934, quando estudante do antigo Ginásio Cruzeiro do Sul, escreveu muitos artigos para o jornal do colégio. Como jornalista profissional, Josué Guimarães iniciou sua carreira em 1939, no Rio de Janeiro, onde trabalhou como ilustrador e redator nas revistas *O*

⁶ Tânia Kuchenbecker Rösing é professora da Universidade de Passo Fundo, atuando na graduação em Letras e no Programa de Pós Graduação em Letras. É a criadora da Jornada de Literatura de Passo Fundo, um dos principais eventos culturais do país.

Malho e Vida Ilustrada. Com o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, Josué Guimarães retornou a Porto Alegre, onde trabalhou como ator de rádio-teatro na Rádio Farroupilha. Em 1942, lançou a revista de rádio *Ondas Sonoras*, em Porto Alegre. Em 1944, sob o pseudônimo D. Xicote, escreveu uma coluna para o jornal *Diário de Notícias*, também de Porto Alegre. A partir deste momento, foi iniciada a carreira do jornalista Josué Guimarães como cronista.

O repórter, analista político e correspondente internacional, quer sob seu nome, quer sob os vários pseudônimos que usou em sua carreira na imprensa, redigia seus artigos empregando uma ironia fina e inteligente sobre os diversos assuntos polêmicos, sobretudo em relação aos assuntos políticos. Na realidade, segundo Maria Luíza Remédios (2011), esse humor irônico é “[...] o que há de comum entre o jornalista, o escritor e o político. É o espírito crítico, e é um espírito crítico que ele apresenta com humor.” Elvo Clemente (1997, p. 14) também exprime, em seu ensaio⁷, que Josué era um jornalista “atento a todos os acontecimentos sociais, políticos e econômicos nacionais e internacionais, resolve fazer jornalismo crítico e com humor.” Por manter uma postura de repreensão frente à sociedade da época, Josué fazia um jornalismo de opinião, depreciando o regime vigente, seja ele cultural, social ou político.

Com suas Crônicas, Josué Guimarães não fez diferente. Nelas, percebem-se a representação e a transposição da vida cotidiana para o âmbito literário, através das convicções pessoais do jornalista, tanto que o escritor encontra-se no “rol dos intelectuais brasileiros que se engajaram num projeto político-intelectual crítico ao momento que viviam e que expressaram isso por meio de práticas de escritura” (MOURA, 2011, p. 12). Apesar de viver em um período durante o qual fazer jornalismo crítico era coisa para poucos, o cronista redigia suas alfinetadas políticas graças à segurança que seus pseudônimos ofereciam-lhe. Suas atividades como cronista iniciaram em 1944, no jornal porto alegreense *Diário de Notícias*, como já mencionado. Nesse jornal, Guimarães assinava a coluna sob o pseudônimo de D. Xicote e fazia breves comentários humorísticos, porém críticos, às personalidades em evidência na cidade, no Estado ou no País. D. Xicote também foi o nome com o qual Guimarães batizou o jornal criado e lançado por ele, em 1944. Em 1954, o cronista publica, simultaneamente, a coluna *Nosso pequeno mundo*, no jornal *Hoje*, sob o pseudônimo Peppone; e, no jornal *Folha da Tarde*, assinava a coluna *Um dia depois do outro* como D. Camilo. Durante os anos de 1970 e 1971, e novamente em 1982, Josué foi autor das Crônicas

⁷Ensaio publicado no livro *Josué Guimarães: o autor e sua ficção*, organizado pela professora Maria Luíza Ritzel Remédios, da Pontifca Universidade do Rio Grande do Sul, publicado em 1997, pela EDIPUCRS.

A volta ao mundo, no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, utilizando o pseudônimo *Phileas Fogg*. Em sua grande maioria, as Crônicas de Josué Guimarães eram voltadas às questões políticas e sociais do país e do mundo. Tanto como jornalista quanto como cronista, Josué, ao escrever suas colunas, “[...] reuniu, num imenso painel, todo um processo cultural que vai refletir acontecimentos políticos e fatos sociais da maior relevância com ousadia formal e consciência crítica” (MARTINS, 1997, p. 20).

Considerado como um dos jornalistas mais ilustres da imprensa nacional, Josué Guimarães foi convidado, em 1945, a integrar a Comissão de Assuntos Políticos do I Congresso Brasileiro de Escritores. Conforme Moura (2011, p. 34), esse evento foi considerado “um dos momentos sem dúvida mais significativos de articulação de intelectuais, [...] que se organizou em torno de instituições que demandavam a democratização da sociedade, [...] no qual Josué Guimarães desempenhou um papel importante.” O Congresso foi realizado na cidade de São Paulo e tinha como principal objetivo reunir intelectuais brasileiros das mais diversas áreas para formar uma frente contra o regime do Estado Novo e a favor de uma legislação mais eficaz dos direitos autorais (MOURA, 2011, p. 35).

Vivenciando plenamente suas atividades profissionais como jornalista, Josué Guimarães testemunhou acontecimentos históricos de grande importância. Através das janelas dos jornais em que escreveu, por ele passaram a Segunda Guerra Mundial e toda devastação deixada por ela mundo afora, a Guerra Fria, a promessa de Getúlio Vargas em modernizar as ações que gerassem um progresso econômico, bem como o processo de modernidade e nacionalidade. Ante todos esses acontecimentos, Josué Guimarães não quis mais somente escrever sobre política, ele quis participar de forma ativa em mudanças nas quais acreditava serem necessárias, tornando-se político. Em 1946, cheio de vontade de mudar o mundo, Josué integrou-se ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), em que se relacionou intimamente com grandes personalidades políticas da época. Entre essas personalidades, estavam o senador Alberto Pasqualini, que fora um dos fundadores do PTB, João Goulart, Leonel Brizola e ninguém menos que o Presidente do Brasil, Getúlio Vargas. O então jornalista crítico Josué Guimarães candidatou-se para vereador da cidade de Porto Alegre, em 1951, sendo eleito como o político mais votado. Ao assumir sua cadeira, foi eleito presidente da bancada do PTB e vice-presidente da Câmara de Vereadores. Sobre sua carreira política, Josué comenta:

Minha atividade político-partidária foi episódica. Não nasci para a política. Mas tenho minhas convicções arraigadas, das quais ainda não abri mão. É possível que de minha vivência política tenha restado algo de útil para o que escrevo, mas afinal, de tudo o que se faça, deve sobrar sempre alguma coisa (GUIMARÃES, 1996, p. 5).

Josué Guimarães era, na realidade, mais um militante dentro do PTB do que um político propriamente dito. Seu engajamento político era sintonizado com as ideologias da esquerda e essa postura refletiu na sua produção, tanto jornalística quanto literária. Josué materializava seu descontentamento, em relação ao país, nos vários gêneros em que escreveu. No entanto, percebe-se esse fato de forma mais explícita nas suas produções como jornalista, em que ele expressava, de forma crítica, sua posição quanto ao momento pelo qual passava o país. Embora Josué mantivesse estreitos laços com a esquerda, preservava um bom relacionamento com os personagens que estavam no poder. Graças a essa política de boa vizinhança que Josué sustentava entre os dois lados do poder, em 1952, foi convidado a participar da primeira delegação de jornalistas brasileiros que visitaria a União Soviética e a China socialistas. Depois de certificar-se com o presidente Getúlio Vargas de que não haveria problema em participar dessa viagem – uma vez que era líder da bancada do partido na Câmara de Vereadores de Porto Alegre – recebeu do jornal carioca *Última Hora*, de Samuel Wainer, a nomeação de correspondente oficial. Josué foi o primeiro jornalista a entrar na China Continental após Mao Tsé-Tung assumir o poder. Essa viagem inspirou-lhe a escrever suas memórias pelos países socialistas por onde passou. A obra, publicada postumamente, em 2001, pela editora LP&M, foi batizada como *As Muralhas de Jericó*, que será dissertada minuciosamente adiante. Logo após seu retorno da URSS e da China, desligou-se do PTB e ingressou no Partido Socialista Brasileiro (PSB), por intermédio do qual foi candidato a deputado estadual, em 1954, desta vez sem êxito.

Neste mesmo ano, em Porto Alegre, publicou simultaneamente duas colunas, em dois diferentes jornais e sob pseudônimos distintos. No jornal *Hoje*, Josué assinava a coluna *Nosso pequeno mundo*, sob o pseudônimo de Peppone. Já no jornal *Folha da Tarde*, o cronista era D. Camilo, que assinava a coluna *Um dia depois do outro*. Josué desenvolveu essas duas identidades ficcionais com o propósito de levantar um embate de ideias entre os dois cronistas, confrontando, assim, suas posições antagônicas frente aos acontecimentos que lhes eram contemporâneos. Algumas dessas referidas Crônicas foram tomadas como *corpus* para a principal análise desta dissertação, que objetiva pesquisar o diálogo divergente entre D. Camilo e Peppone, produzido pelos diversos discursos e pelas diversas vozes que estruturam tanto os personagens como o autor Josué Guimarães, segundo os princípios dialógicos bakhtinianos.

2.2 Bases bakhtinianas: a linguagem como dinâmica exponencial de vida

O nascimento de Mikhail Mikhailóvitch Bakhtin, na cidade soviética Orel, ao sul de Moscou, em 1895, é, “[...] certamente um dos mais fascinantes acontecimentos das ciências humanas deste século” (FARACO; CASTRO; TEZZA, 2007, p. 9). Aos 23 anos, Bakhtin formou-se em História e Filologia na Universidade de São Petersburgo. Ao longo de sua graduação, relacionou-se com outros intelectuais, a fim de discutir sobre linguagem, arte e Literatura. Esses intelectuais, de formações variadas, reuniam-se para pensar sobre os mais diversos assuntos, com ênfase especial na linguagem como “dinâmica exponencial de vida” (ELICHIRIGOITI, 2008, p. 184), e se tornaram o que hoje se conhece como o Círculo de Bakhtin.

Bakhtin, apesar de ter refletido sobre as mais significantes questões em torno da linguagem como ato social, publicou poucos livros em vida, com destaque para *Problemas da Poética de Dostoiévski*, em 1929. No entanto, os textos, esboços e reflexões do filósofo russo vieram à tona sem uma ordem linear ou cronológica de pensamento. Conforme os estudiosos que se debruçam sobre Bakhtin (FARACO; CASTRO; TEZZA, 2007, p. 9), “[...] a publicação contemporânea de seus textos, muitos deles inacabados ou simplesmente não revisados pelo autor; outros mutilados pela ação do tempo, a exigir verdadeira decifração de algumas de suas partes [...]” tornam a obra do filósofo de difícil compreensão, justamente por seu caráter não linear. Fiorin (2008, p. 5) comenta que “não é fácil ler a obra de Bakhtin. Ele não produziu nenhuma súpula de sua teoria, onde se encontram todos os conceitos acabados e bem definidos.” Até hoje, por mais estudos que possa haver sobre o pensador e sua obra, paira a dúvida sobre quem escreveu algumas obras assinadas por colegas do Círculo. Exemplos significativos de obras que levantam a questão da autoria de Bakhtin são: *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), assinada por Voloshinov⁸, publicado em 1929, e *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, publicado em 1928, de autoria de Medvedev⁹.

⁸Valentin Nikolaevich Voloshinov (1895-1936) foi um linguista russo, cujo trabalho tem sido influente no campo da teoria literária e da teoria marxista da ideologia. Dados retirados do sítio eletrônico *Enciclopédia do Marxismo*, <<https://www.marxists.org/glossary/people/v/o.htm>>, acesso em 23 jul.2015.

⁹Pavel Nikolaevich Medvedev (1892-1938), foi um estudioso literário russo. Professor, ativista social, ocupou vários cargos governamentais na área da educação. Medvedev foi preso durante o período de 1930, vítima dos expurgos sob o governo de Joseph Stalin, e "desapareceu" logo após sua prisão. Foi morto baleado em 17 de julho de 1938. Dados retirados do sítio eletrônico *Galeria dos pensadores russos*, <http://www.isfp.co.uk/russian_thinkers/pavel_medvedev.html>, acesso em 23 jul.2015.

Durante o regime stalinista, os integrantes do Círculo de Bakhtin passaram a ser perseguidos, ocasionando a condenação do pensador em seis anos de exílio, no Cazaquistão. Ao término de sua pena, em 1946, Bakhtin apresenta sua tese de doutorado ao Instituto Gorki, em Moscou, apresentada sob o título *Rabelais e a cultura popular* (FIORIN, 2008, p. 11). Em sua tese, Bakhtin analisou os ritos, espetáculos, festas, obras cômicas orais ou escritas e outras manifestações da cultura popular, procurando elaborar uma visão do mundo marcada pelo riso, pela subversão dos valores oficiais, apresentando um caráter renovador e contestador da ordem vigente. No entanto, seu título de doutor lhe foi negado, mas seu texto “[...] publicado em 1965, deu-lhe renome mundial” (FIORIN, 2008, p. 11). As produções bakhtinianas chegaram ao Ocidente nos anos 1970 e, uma década mais tarde, ao Brasil. No entanto, Bakhtin não pôde usufruir da notoriedade que hoje lhe pertence, pois faleceu, em 1975, vítima de inflamação aguda nos ossos.

Muito já se escreveu sobre Mikhail Bakhtin, muitos filósofos, linguistas e pensadores, em geral, nele se inspiraram para fundamentar seus projetos, tanto que, segundo comenta Elichirigoity (2008, p. 182), outras concepções teóricas, tanto da área filosófica quanto da área lingüística, são baseadas nos preceitos de Bakhtin. O autor soviético, à primeira vista, parece ser mais um teórico e historiador da Literatura da época em que viveu. Na verdade, Bakhtin foi um filósofo, foi um pensador, cujos escritos abarcaram a linguística, a psicanálise, a teologia e a teoria social. Suas reflexões são fruto das análises da poética histórica, da axiologia – teoria crítica dos conceitos de valor – e da filosofia.

Bakhtin foi figura marginal na intelectualidade russa. Exilado político no período de Stálin, teve sua obra traduzida para o inglês somente após quatro anos de sua morte. Em sua época, o filósofo não se inseriu na “[...] consagrada tradição dos lutadores pela verdade no meio da intelectualidade russa, até porque se opõe, fundamentalmente, à noção de que possa haver uma única verdade”(ELICHIRIGOITI, 2008, p. 186). Bakhtin passou por várias fases, que refletiram em suas obras. Assim, o pensador é visto:

[...] pelos críticos literários como o autor do livro sobre Dostoiévski que apresentou uma nova teoria sob o ponto de vista autoral: a polifonia. Folcloristas e antropólogos o definem por seu livro sobre Rabelais, como o teórico do carnaval e da ruptura da hierarquia social. Historiadores intelectuais e teóricos do campo social buscam seu livro *O marxismo e a filosofia da linguagem*, devido ao pensamento marxista ali expresso. Já os intérpretes anglófonos o viram como o teórico do romance por sua obra (ELICHIRIGOITI, 2008, p. 184).

No entanto, como relatam os biógrafos de Bakhtin, o filósofo não se via como um teórico da Literatura. Para entender Bakhtin, faz-se necessária a observação da identidade de

uma *coisa* – e essa *coisa* se refere a todo signo, ideologia, enunciados, etc. – não como algo solitariamente isolado de todas as outras categorias, mas como uma variável contrastante de todas as outras *coisas* que poderiam, sob condições diferentes, preencher a mesma posição na existência. Por isso, não há como falar sobre um aspecto teórico de Bakhtin sem relacioná-lo a outros. Isso iria contra o princípio principal defendido pelo pensador: o dialogismo. Através da vertente dialógica, Bakhtin dedicou-se, ao longo de sua vida, à compreensão e especificação dos vários modos dialógicos que concebem as relações sociais, ou seja, o filósofo refletiu sobre a manifestação das forças linguísticas entre os indivíduos, as classes econômicas e culturas inteiras. O diferencial do pensamento bakhtiniano ante ao pensamento de outros filósofos, que se ativeram a estudos semelhantes, é ter colocado a dinâmica social da prática observável da linguagem como força especificadora que estrutura as relações interpessoais, “[...] o que o distingue, portanto, é sua ênfase na linguagem como prática tanto cognitiva quanto social, aspectos esses que lhe permitem compreender e explicar os complexos fatores que tornam *possível o diálogo que abrange, simultaneamente, as diferenças*” (ELICHIRIGOITI, 2008, p. 187, grifo nosso).

Bakhtin se faz importante justamente por compreender o sujeito como um ser-evento único, sócio-historicamente situado e culturalmente impregnado de ideologias, constituído na relação com outros sujeitos. O pensador da linguagem e, conseqüentemente, da vida, “[...] se posiciona contra qualquer tendência de monologização da existência humana, isto é, de negar a existência de um outro eu, com iguais direitos e iguais responsabilidades” (FARACO, 2009, p.76). Para Mikhail Mikhailóvitch Bakhtin, “*eu não posso passar sem o outro, não posso me tornar eu mesmo sem o outro; eu devo encontrar a mim mesmo no outro, encontrar o outro em mim*” (BAKHTIN, 1997, p. 323, grifo nosso).

Mikhail Bakhtin deu início a suas formulações concernentes à linguagem por volta de 1920, quando percebera que o cerne do processo de constituição do discurso estava na constituição sócio-histórico-dialógica entre os sujeitos. Bakhtin refutava as análises estruturalistas em que se baseavam os estudos em torno da linguagem na época e, por conseguinte, seus postulados não têm como escopos de análise traços linguísticos formais. Muito pelo contrário, o teórico russo dialoga, contraria, defende, rompe com diversos conceitos e essa ruptura pode ser percebida em quase toda sua obra, principalmente em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*(2006), em que o autor critica duas orientações do pensamento linguístico-filosófico, denominadas por ele, respectivamente, de *subjetivismo idealista* e de *objetivismo abstrato*.

O subjetivismo idealista, conforme os postulados do autor (2006, p. 71), era uma tendência que tinha como prioridade o ato da fala, de criação individual, como fundamento da língua. Nessa tendência, a língua é análoga às outras manifestações de caráter ideológico, principalmente nos domínios da arte e da estética. Todos os fatos da língua, sem exceção, têm como meta buscar uma explicação fundada na psicologia individual sobre uma base voluntarista, base esta que postulou o livre-arbítrio na base do psiquismo. Os adeptos ao subjetivismo consideram a língua como constituinte de um fluxo ininterrupto de atos da fala, em que nada permanece estável, nada conserva sua identidade. Já o objetivismo abstrato é uma tendência que vê cada enunciação, cada ato de criação individual como único e não reiterável, ou seja, estes traços são normativos para todas as enunciações, garantindo a unicidade de uma determinada língua e sua compreensão por todos os locutores de uma comunidade. Ponto central do objetivismo abstrato é a relação dual existente entre os aspectos sincrônicos e diacrônicos da língua. Bakhtin apresenta a distinção atrelada ao subjetivismo idealista e ao objetivismo abstrato da seguinte maneira:

A primeira tendência interessa-se pelo ato da fala, de criação individual, como fundamento da língua (no sentido de toda atividade de linguagem sem exceção). O psiquismo individual constitui a fonte da língua. As leis da criação lingüística – sendo a língua uma evolução ininterrupta, uma criação contínua – são as leis da psicologia individual, e são elas que devem ser estudadas pelo lingüista e pelo filósofo da linguagem. Esclarecer o fenômeno lingüístico significa reduzi-lo a um ato significativo (por vezes mesmo racional) de criação individual. O restante da tarefa do lingüista não tem senão um caráter preliminar, construtivo, descritivo. [...] A segunda orientação do pensamento filosófico-lingüístico [...] o centro organizador de todos os fatos da língua, o que faz dela o objeto de uma ciência bem definida, situa-se, ao contrário, no *sistema lingüístico*, a saber, *o sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua*. Enquanto que, para a primeira orientação, a língua constitui um fluxo ininterrupto de atos de fala, onde nada permanece estável, nada conserva sua identidade, para a segunda orientação a língua é um arco-íris imóvel que domina este fluxo. Cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores. São justamente estes traços idênticos que são assim normativos para todas as enunciações – traços fonéticos, gramaticais e lexicais –, que garantem a unicidade de uma dada língua e sua compreensão por todos os locutores de uma mesma comunidade (BAKHTIN, 2006, p. 77).

Dentre os fatores contestados por Bakhtin sobre a teoria saussuriana está a clássica dicotomia *língua/fala*, a qual é negada pelo fato de que não há ruptura lógica entre esses dois patamares. Língua e fala, segundo o filósofo da linguagem, estão ligadas intrinsecamente na realidade viva da língua¹⁰, ou seja, não há como estudar a linguagem sem levar em

¹⁰ É importante destacar que, especialmente após a publicação dos manuscritos de Ferdinand de Saussure, reunidos e publicados no livro *Escritos de Linguística Geral* (2012), ficou ainda mais claro que, também

consideração tanto uma quanto a outra. Além dessa dicotomia, o próprio conceito de língua para o pensador russo diverge daquele estabelecido por Saussure. Bakhtin reprovava a ideia segundo a qual a língua é entendida como um sistema estruturado, mas a concebe como “um processo de evolução ininterrupto, que se realiza através da interação verbal social dos locutores” (BAKHTIN, 2006, p. 127). Segundo as reflexões propostas pelo filósofo, não faz sentido o estudo da palavra imutável, como intencionavam os estruturalistas em suas análises, mas o estudo da palavra em contexto social e histórico, da palavra viva, carregada de conteúdo ideológico. Segundo Bakhtin, “[...] não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN, 2006, p. 95).

Instaurando, dessa forma, o fundamento que acreditava ser necessário para o real estudo da linguagem, Bakhtin acabou por traçar sua posição com relação à concepção de língua, de sujeito e de enunciação e mostrou o modo como essas categorias são constituídas na linguagem real, enquanto dinâmica interativa entre sujeitos. Para o autor, tanto o subjetivismo idealista quanto o objetivismo abstrato são insuficientes para dar conta da natureza interativa da língua:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2006, p. 123).

E é exatamente essa realidade interativa fundamental à língua que se torna o ponto basilar do pensamento bakhtiniano. O conceito de interação conduz ao conceito de diálogo e, por conseguinte, ao princípio básico da teoria do estudioso russo: o dialogismo. O conceito dialógico da linguagem é tão primordial no trabalho do pensador russo que, através dele, todos os outros temas são tecidos. De posse desta afirmação sobre os estudos de Bakhtin, torna-se relevante para este trabalho a menção, por mais breve que seja, dos principais temas que, correlacionados, tornam-se o grande conceito dialógico da linguagem. Assim, como não há nos discursos da vida uma ordem linear de pensamentos e expressões, não há como retirar

Saussure, nunca separou *língua* de *fala* e/ou acreditou na possibilidade de dissociação dessas duas faces da linguagem verbal humana. Ainda associado a essa leitura está o fato de se ler um Saussure não mais *estruturalista* – isto é, um linguista que desconsidera o real emprego da língua –, como o fizeram muitos leitores do *Curso de Linguística Geral*. Pode-se afirmar, apesar disso, que Bakhtin foi além de Saussure, na medida em que estudou a língua no seio da vida social.

do signo as motivações ideológicas, as forças centrífugas e centrípetas que o condicionam, não há como desconsiderar a palavra de suas valorações e a constituição do sujeito da conformidade que envolve sua consciência e suas compreensões, o discurso de outrem. Nesse grande campo conceitual, enunciação e discurso intrigam-se à *dinâmica exponencial de vida*.

2.2.1 O princípio da incompletude: o eu, o outro, o signo

Segundo os pressupostos ideológicos bakhtinianos, um produto ideológico faz parte de uma realidade como qualquer corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo, mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, “[...] tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia*” (FARACO 2009, p. 29). Genericamente, fala-se de ideologias, ideologias de vida, ideologias como a personificação do caráter de um sujeito e, até mesmo, sobre um objetivo ao qual esse sujeito almeja alcançar na vida. No entanto, por volta dos anos 20 do século passado, a palavra ideologia para o Círculo de Bakhtin tinha outra valoração. Segundo Faraco (2009, p. 46), ideologia era o nome que o Círculo costumava dar ao “[...] universo que englobava a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política, [...]”, ou seja, todas as manifestações sociais, históricas e culturais.

Levantadas as ponderações sobre ideologias através dos debates entre Bakhtin e os demais integrantes de seu Círculo, o pensador russo apresentou suas reflexões em torno do assunto na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), em que se percebe o diálogo entre o filósofo e os conceitos socialistas difundidos por Karl Marx¹¹, principalmente no que tange à “concepção materialista da história e o mecanismo de funcionamento da sociedade capitalista” (MORENO, 2003, p. 5). O socialista Nahuel Moreno comenta que, de acordo com a teoria marxista, a sociedade humana consiste em duas partes: a infra-estrutura e a superestrutura. Moreno (2003, p. 23) esclarece que a infra-estrutura “[...] é relação que os homens estabelecem com a natureza para produzir, como é seu trabalho produtivo (se caçam e pescam, ou cultivam a terra, ou instalam gigantescas fábricas e usinas nucleares)”. Nessa relação entre os homens e a natureza é que se estabelecem os meios de produção, ou forças produtivas de uma sociedade. O desenvolvimento das forças produtivas, que é sinônimo de

¹¹ Karl Heinrich Marx (1818-1883) é considerado um dos maiores gênios da humanidade e o maior do século XIX. A ele é atrelada a criação do comunismo científico e da teoria e prática da moderna luta revolucionária de classes do proletariado mundial. Dados retirados do sítio eletrônico *Dicionário Político*, <<https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/m/marx.htm>>. Acesso em 12 ago. 2015.

avanço no desenvolvimento da sociedade, dá-se por mudanças em alguns destes elementos, fundamentalmente nas ferramentas e nas técnicas. Mas, de qualquer modo, para o marxismo, a mais importante força produtiva é o próprio homem, já que é quem cria e move as ferramentas, desenvolve a técnica e trabalha as matérias-primas. Já a superestrutura, conforme Moreno (2003), é formada pelas grandes instituições, como o Estado, a polícia, a Igreja, o exército, os partidos, os sindicatos, o parlamento. Esses são, então, os agentes superestruturais responsáveis pelo gerenciamento da sociedade. Em outras palavras, "[...] são grupos de homens que foram especializando-se em atividades não-econômicas, não-produtivas, destinados a administrar [...], surgiram especialistas em fazer guerra, os padres, os professores, os juízes, os políticos [...], surgem então instituições" (MORENO, 2003, p. 29).

Desse contexto infra-estrutural e superestrutural, surgem as criações ideológicas, conforme as considerações de Bakhtin em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006). Mas uma ideologia não surge do nada, pois é uma criação provinda social e historicamente e não pode, conforme Faraco (2009, p. 48), “ser reduzida nem a sua superfície empírica (como se fosse um rol de meros fenômenos isolados), nem fechada e autocontida no mundo de uma consciência individual ou no reino das puras ideias”. Um produto ideológico é concebido, então, de uma realidade natural ou social. Em seus estudos em torno do conceito ideológico do Círculo de Bakhtin, Faraco adverte que muitas vezes o termo ideológico aparece como equivalente a axiológico, um significado valorativo. Para o Círculo, conforme relata Faraco:

[...] a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo. Desse modo, qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, sempre ideológico – para eles não existe enunciado não ideológico, e ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (no interior de uma das áreas da atividade intelectual humana) e expressa sempre uma posição avaliativa (não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica) (FARACO, 2009, p. 47).

Em conformidade com as contemplações de Faraco sobre o relacionamento do sujeito com seu contexto real, “[...] o mundo só adquire sentido para nós, seres humanos, quando semiotizado. E mais: como a significação dos signos envolve sempre uma dimensão axiológica, nossa relação com o mundo é sempre atravessada por valores” (FARACO, 2009, p. 49). É nessa relação do sujeito com um mundo inundado de valores que Bakhtin busca “[...] uma explicação no conhecimento da existência. Na própria energia da existência, encontram-se duas forças opostas básicas que também a produzem, numa atividade incessante [...]” (ELICHIRIGOITY, 2008, p. 183). Essas forças às quais Elichirigoity (2008, p. 184) se refere são as forças centrífugas e centrípetas. A primeira se refere às forças que se empenham em

manter as coisas variadas e apartadas umas das outras que compelem ao movimento, ao devir e à história, que desejam a mudança e a vida nova. As forças centrípetas são aquelas que se empenham em manter as coisas juntas e unificadas, que resistem ao devir. Através dos conceitos de forças centrípetas e forças centrífugas, Bakhtin desvela o fato de que a circulação das vozes atribuídas aos discursos de um determinado contexto se dá numa formação social submetida ao poder. Essas diversas vozes representam morais conflitantes que não podem ser entendidas como blocos justapostos ou demarcados. As forças centrípetas da vida linguística estão encarnadas na língua ‘comum’, no linguajar rotineiro de uma comunidade e atuam no meio do plurilinguismo real. Já as forças centrífugas são aquelas resultantes das prescrições superestruturais. Bakhtin aclara essa alegação através do fragmento abaixo retirado da obra *Questões de Literatura e estética*:

Cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas. Os processos de centralização e descentralização, de unificação e de desunificação cruzam-se nesta enunciação, e ela basta não apenas à língua, como sua encarnação discursiva individualizada, mas também ao plurilinguismo, tornando-se seu participante ativo. Esta participação ativa de cada enunciação define para o plurilinguismo vivo o seu aspecto linguístico e o estilo da enunciação, não em menor grau do que sua pertença ao sistema normativo centralizante da língua única. Cada enunciação que participa de uma “língua única” (das forças centrípetas e das tendências) pertence também, ao mesmo tempo, ao plurilinguismo social e histórico (às forças centrífugas e estratificadoras). Trata-se da língua do dia, da época, e um grupo social, de um gênero, de uma tendência, etc. (BAKHTIN, 1998, p. 82).

Em vista disso, Bakhtin concluiu que a língua única não é dada. A linguagem é estabelecida em cada momento da vida dos sujeitos por meio do plurilinguismo real, do discurso diversificado, dos diversos estratos da vida da língua. Consequentemente, cada enunciação concreta de um sujeito no discurso constitui o ponto de aplicação de forças centrípetas e centrífugas. Por essas concepções, o Círculo de Bakhtin acabou por discutir o processo cultural como algo não centralizado. Não há uma realidade com uma estrutura dada, uma representação mental ‘correta’ da realidade e uma relação fixa entre objetos e palavras. Bakhtin reconhece a existência humana como uma atividade ininterrupta, um campo de forças criado pelo embate das forças centrífugas, que compelem ao movimento, ao devir, à história, e às forças centrípetas, que resistem à história e desejam a quietude, a mesmice, negando o movimento das forças sociais. São forças que atuam no campo das relações sociais, classes econômicas e culturas inteiras.

Dessa relação entre as forças, o signo ideológico converte-se, assim, quase como um objeto físico, tornando-se parte de realidade material, passando a refletir e a refratar, numa

certa medida, uma ou outra realidade, dependendo do contexto no qual está inserido. Bakhtin explicita melhor essa noção em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, conforme o fragmento abaixo:

Um instrumento não possui um sentido preciso, mas apenas uma função: desempenhar este ou aquele papel na produção. E ele desempenha essa função sem refletir ou representar alguma outra coisa. Todavia, um instrumento pode ser convertido em signo ideológico: é o caso, por exemplo, da foice e do martelo como emblema da União Soviética. A foice e o martelo possuem, aqui, um sentido puramente ideológico. Todo instrumento de produção pode, da mesma forma, se revestir de um sentido ideológico. [...] Qualquer produto de consumo pode, da mesma forma, ser transformado em signo ideológico. O pão e o vinho, por exemplo, tornam-se símbolos religiosos no sacramento cristão da comunhão. Mas o produto de consumo enquanto tal não é, de maneira alguma, um signo (BAKHTIN, 2006, p. 29-30).

Os signos ideológicos são, portanto, criados pelo homem em condições sócio-históricas e culturais. Conforme Bakhtin (2006, p. 33), a especificidade do signo ideológico reside, precisamente, “[...] no fato de que ele se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação. Os signos só podem aparecer em um *terreno interindividual*”. Mas, para que haja compreensão de um determinado signo ideológico, é fundamental que os indivíduos, que desse signo se apropriam, estejam socialmente organizados, que formem um grupo, uma comunidade social. Apenas na interação entre esses sujeitos é que será determinada a ideologia impressa em um signo, e só assim um sistema de signos pode ser constituído. E, justamente por adquirir valoração em um processo de relação social, na interação entre sujeitos, é que “[...] todo signo ideológico, é, portanto, também o signo lingüístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinado” (BAKHTIN, 2006, p. 43), ou seja, “[...] o signo e a situação social em que se insere estão indissolúvelmente ligados. O signo não pode ser separado da situação social sem ser alterada sua natureza semiótica” (BAKHTIN, 2006, p. 62).

Todo signo linguístico é provindo de palavras e toda palavra, conforme os pressupostos bakhtinianos (2006), que se faz presente na fala real entre sujeitos, em suas interações discursivas, não possui apenas uma significação concreta, objetiva ou imutável. Toda palavra, usada em um determinado contexto social, histórico e cultural possui, além de significação, um acento de valor, isto é, “quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo, não há palavra” (BAKHTIN, 2006, p. 135). Esse acento apreciativo, Bakhtin chamou de posição axiológica e essa “dimensão axiológica é, portanto, parte inalienável da significação da palavra viva” (FARACO, 2009, p. 24). Essa transmutação entre

a significação de uma palavra e seu acento valorativo é que a torna um signo linguístico de caráter ideológico, ou seja, uma mesma palavra proferida em diferentes conjunturas sociais possui uma valoração transmitida pela *entoação expressiva*. Essas entoações, disse Bakhtin (2006, p. 136), “são inteiramente determinadas pela situação social imediata em cujo quadro se desenvolve a conversa; é por isso que elas não têm necessidade de um suporte concreto.” Isso posto, torna-se incontestável dizer que as palavras proferidas nas relações interdiscursivas funcionam como elementos essenciais de criação ideológica. Toda e qualquer palavra tem como principal objetivo acompanhar e comentar todo e qualquer ato ideológico.

Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados (BAKHTIN, 2006, p. 40).

Justamente por serem as palavras carregadas de valores, os sujeitos, em suas interações discursivas, tomam-nas para responder a outro discurso e, conseqüentemente, tomam uma posição frente a esse discurso. Conforme Faraco (2009, p. 22), viver significa tomar uma posição frente ao outro em cada momento, frente aos discursos de outros. Todo sujeito, ao se comunicar, posiciona-se em relação a valores em que acredita frente a outros discursos. Em um mundo saturado de valores, cada ato discursivo “[...] é um gesto axiologicamente responsivo num processo incessante e contínuo” (FARACO, 2009, p. 22). Assim que uma palavra deixa de ser apenas uma palavra e se converte em um enunciado, esse enunciado se transforma, segundo Carlos Alberto Faraco, em:

[...] um ato singular, irrepitível, concretamente situado e emergindo de uma atitude ativamente responsiva, isto é, uma atitude valorativa em relação a determinado estado de coisas [...]. Em outras palavras, estabelece-se já aqui a correlação estreita entre o enunciado e a situação concreta de sua enunciação, bem como entre o significado do enunciado e uma atitude avaliativa [...]. Essa atitude avaliativa se materializa no tom, na entonação do enunciado; [...] a palavra realmente pronunciada não pode deixar de ser entonada [...]. O enunciado [...] emerge do universo de valores em que me situo, lembrando que, em seguida, Bakhtin dirá que viver é assumir uma posição avaliativa a cada momento; é posicionar-se com respeito a valores (FARACO, 2009, p. 24).

Então, todo enunciado é resposta, é a posição avaliativa que dado sujeito institui em determinada enunciação. Por isso, conforme afirma Fiorin (2008, p. 20), “os enunciados são irrepitíveis, uma vez que são acontecimentos únicos, cada vez tendo um acento, uma

apreciação, uma entonação próprios.” A palavra “reflete sutilmente as mais imperceptíveis alterações da existência social” (BAKHTIN, 2006, p. 36). No entanto, sozinha, sem as relações sociais que a permeiam, não se faz dela um enunciado. Em conformidade com Bakhtin:

É impossível, em última análise, exprimir em palavras, de modo adequado, uma composição musical ou uma representação pictórica. Um ritual religioso não pode ser inteiramente substituído por palavras. Nem sequer existe um substituto verbal realmente adequado para o mais simples gesto humano. Negar isso conduz ao racionalismo e ao simplismo mais grosseiros. Todavia, embora nenhum desses signos ideológicos seja substituível por palavras, cada um deles, ao mesmo tempo, se apóia nas palavras e é acompanhado por elas, exatamente como no caso do canto e de seu acompanhamento musical (BAKHTIN, 2006, p.36).

Segundo Fiorin (2008, p. 32), “[...] um enunciado se constitui em relação aos enunciados que o precedem e que o sucedem na cadeia de comunicação. Com efeito, um enunciado solicita uma resposta, resposta que ainda não existe.” Essa alegação feita pelo estudioso das reflexões bakhtinianas se dá justamente porque Bakhtin (2006, p. 25) afirma que todo enunciado emerge de um ato responsivo, isto é, de uma tomada de posição em dado contexto interdiscursivo. Torna-se possível a apreciação das reflexões do filósofo russo em torno da dinâmica das criações enunciativas através do seguinte trecho:

As relações de produção e a estrutura sócio-política que delas diretamente deriva determinam todos os contatos verbais possíveis entre indivíduos, todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. Por sua vez, das condições, formas e tipos da comunicação verbal derivam tanto as formas como os temas dos atos de fala. [...] A psicologia do corpo social é justamente o meio ambiente inicial dos *atos de fala* de toda espécie, e é neste elemento que se acham submersas todas as formas e aspectos da criação ideológica ininterrupta: as conversas de corredor, as trocas de opinião no teatro e, no concerto, nas diferentes reuniões sociais, as trocas puramente fortuitas, o modo de reação verbal face às realidades da vida e aos acontecimentos do dia-a-dia, o discurso interior e a consciência auto referente, a regulamentação social, etc. (BAKHTIN, 2006, p. 41-42).

Todos os enunciados, portanto, não são apenas respostas a outros enunciados, mas são criações, também, de um sistema de normas sociais, ou seja, são manifestações discursivas de ordem moral, jurídica, estética, etc. Para que uma enunciação se possa configurar como tal, ela deve ser gerada “[...] num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada” (BAKHTIN, 2006, p.94). Sendo assim, a enunciação é um produto do subjetivismo de um sujeito inserido em um determinado contexto regido por normas sociais. Através de enunciados, o indivíduo expressa seus desejos, intenções, gostos e, também, “[...] espera sempre uma compreensão responsiva ativa,

constrói-se para uma resposta, seja ela uma concordância ou refutação” (FIORIN, 2008, p. 32). A enunciação, segundo os princípios bakhtinianos da linguagem, é produto da interação entre indivíduos socialmente organizados. No entanto, para que ela se estabeleça, é necessário “[...] um certo *horizonte social* definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa Literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito” (BAKHTIN, 2006, p. 114).

Com base no pressuposto que um enunciado sempre responde outro enunciado e sempre ambiciona ser respondido, é que fica evidente que toda enunciação é dialógica por natureza, visto que se constrói por meio da interação verbal entre interlocutores e, mais do que isso, a enunciação é dialógica também pelo fato de que é sempre permeada por outros discursos, isto é, mantém um incessante diálogo com outros enunciados. Faraco explicita de forma clara o caráter responsivo da linguagem e sua relação com outros discursos conforme o trecho a seguir:

[...] cada enunciado é uma resposta, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo; é um elo da corrente ininterrupta da comunicação sociocultural. E, ao mesmo tempo, que responde (no sentido de tomar uma posição socioaxiológica), espera uma resposta (espera que outros assumam uma posição socioaxiológica frente ao dito). Todo dizer é, assim, parte integrante de uma discussão cultural (axiológica) em grande escala: ele responde ao já dito, refuta, confirma, antecipa respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc. (FARACO, 2009, p. 59).

De acordo com esse pensamento, todos os enunciados são dialógicos, visto que neles existe uma dialogização interna entre as palavras, palavras essas já perpassadas pelas palavras de outrem. Dessa forma um enunciado é “[...] sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu” (FIORIN, 2008, p.19). Ainda, conforme Fiorin (2008, p. 21), nos enunciados, “[...] estão sempre presentes ecos e lembranças de outros enunciados, com que ele conta, que ele refuta, confirma, completa, pressupõe e assim por diante.” Através desse prisma dialógico é que Bakhtin percebeu a existência de inúmeras vozes em um enunciado, visto que ele é, ao mesmo tempo, fruto e resposta de discursos alheios, discursos permeados da palavra de outrem. Para Bakhtin (2006), sempre há, em um discurso, vozes alheias, *vozes de outrem*, as quais participam ativamente do processo de constituição do sujeito, tornando-se imprescindível a compreensão do papel do *outro* na composição do sujeito. Fiorin (2008, p. 47) não só comenta que “[...] cada voz revela o direito e o avesso”, como explica que:

Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado. Portanto, nele ouvem-se sempre, ao menos, duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, estão aí presentes. Um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele constrói (FIORIN, p. 24).

Essas vozes foram percebidas por Bakhtin quando ele deu início a uma série de trabalhos que visavam justamente ao estudo das diversas vozes presentes em um discurso. É na obra *Problemas da poética de Dostoiévski* (1997) que o filósofo russo apresenta a identificação de uma grande variedade de vozes na composição das obras dostoiievskianas¹². Ao examinar os textos do célebre escritor russo, Fedor Mikhailovith Dostoiévski, no intuito de abordar extensamente os diversos comentários críticos acerca dessas obras, Bakhtin (1997, p. 3) assegura que a visão mais corrente é a de que, nos discursos dos personagens criados por esse autor, há “[...] a impressão de que os discursos destes são verdadeiros conjuntos filosóficos”, ou seja, em cada uma das obras são apresentadas teorias filosóficas “defendidas por heróis dostoiievskianos de forma autêntica e com temáticas distintas.” Dessa reflexão, Bakhtin concluiu que diversas vozes se faziam escutar em cada um dos personagens criados pelo escritor russo. Bakhtin utilizou o termo *polifonia*, o qual era usado anteriormente no campo da música, para designar a identificação das inúmeras de vozes que compunham cada um dos personagens dostoiievskianos. O filósofo da linguagem lançou a ideia de polifonia, sugerindo que a obra do escritor russo colocava em jogo uma multiplicidade de vozes ideologicamente distintas, as quais resistiam ao discurso autoral. Continuamente, Bakhtin passou a chamar de polifônicos os textos que apresentavam muitas vozes em sua composição e monofônicos aqueles que faziam ouvir apenas uma voz. A conclusão basilar do conceito polifônico pensado por Bakhtin (1997, p. 15) se dá sob a visão de que “as diferentes vozes sociais ora se orquestram, ora se digladiam”, impondo ao autor de um romance a expressão da diversidade social que este quer representar na sua escrita. Assim, para Bakhtin, a polifonia é parte essencial de toda enunciação, já que, em um mesmo texto, ocorrem diferentes vozes que se expressam, e que todo discurso é formado por diversos discursos. No entanto, Faraco (2009, p. 78) comenta que “[...] polifonia não é, para Bakhtin, um universo de muitas vozes, mas um universo em que todas as vozes são equipolentes; [...] deixa bastante claro que

¹²Para Bakhtin, essas vozes podem ser percebidas no personagem principal de *Crime e Castigo* (Raskólnikov), do *Idiota* (Príncipe Michkin), *Os Demônios* (Stavroguin), de *Irmãos Karamazov*, entre outros.

polifonia é fenômeno praticamente exclusivo de Dostoievski.” O autor também comenta, em sua obra, sobre a visão utópica que o filósofo russo almejava para o mundo:

Um mundo polifônico, de um mundo radicalmente democrático, pluralista, de vozes equipolentes, em que, dizendo de modo simples, nenhum ser humano é reificado; na verdade; nenhuma consciência é convertida em objeto de outra; nenhuma voz social se impõe como a última e definitiva palavra. Um mundo em que qualquer gesto centrípeto será logo corroído pelas forças vivas do riso, da carnavalização, da polêmica, da paródia, da ironia (FARACO, 2009, p. 79).

De posse de todas essas reflexões bakhtinianas é que se pode contemplar a constituição do sujeito. Esse, segundo o filósofo da linguagem, só se constrói como tal a partir do momento em que interage com o outro, só tem existência quando contemplado na intersubjetividade. Ou seja, o teórico russo atribui ao sujeito um estatuto heterogêneo. Em função das intervenções dos outros discursos, sejam elas reais, sejam imaginadas, o sujeito modifica seu discurso. Portanto, ele não é a fonte primeira do sentido. Como declara Bakhtin:

O nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras, reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas para nós; por último, revestimos terceiras das nossas próprias intenções, que são estranhas e hostis a elas (BAKHTIN, 1997, p. 195).

Por meio das ponderações de Bakhtin, constata-se que o *eu* só existe em função do *outro*, justamente por ser atravessado por outras vozes, adquirindo, dessa forma, um estatuto singular e inovador. Esse *eu* é “social”, só existe numa relação de espelhamento com o “outro”. É um ser incompleto e está numa busca eterna por completude. Com efeito, é impossível uma formação individual sem alteridade, pois o *outro* delimita e constrói o espaço de atuação do sujeito no mundo. Mas, antes de mencionar que *eu* sou feito do *outro*, torna-se relevante a explanação sobre a constituição compreensiva e responsiva do sujeito em meio ao universo discursivo a que está inserido. Sim, somos feitos de outros, mas esses outros também se relacionam com o mundo e, como afirma Faraco:

Nós nos relacionamos com um real informado em matéria significante, isto é, o mundo só adquire sentido para nós, seres humanos, quando semiotizado. E mais: como a significação dos signos envolve sempre uma dimensão axiológica, nossa relação com o mundo é sempre atravessada por valores (FARACO, 2009, p. 49).

Bakhtin (2006, p. 70-71), em suas reflexões sobre a linguagem, concluiu que os indivíduos se estabelecem como sujeitos dotados de ideias e pensamentos, tornam-se capazes

de assumir uma posição valorativa frente ao outro, na luta social entre “[...] verdades sociais. [...] Por isso, o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes”. Ou seja, a pessoa real vive sua história “no turbulento mar da luta de classes que não conhece nenhum descanso, nenhuma pacificação” (BAKHTIN, 2006, p. 145). Com base nos estudos de Faraco (2009, p. 85) sobre os pensamentos do filósofo russo, o mundo interior de um sujeito é, em sua essência, sociossemiótico, pois, sem a existência dos signos ideológicos, esse sujeito não tem consciência. Por isso, a consciência individual é heterogênea, na medida em que a realidade linguístico-social também é heterogênea (plurilíngue). Por isso nossos enunciados emergem – como respostas ativas que são no diálogo social – da multidão das vozes interiorizadas e, por isso, “[...] a singularidade de cada pessoa no simpósio universal ocorre na interação viva das vozes sociais. Nesse simpósio universal, cada ser humano é social e individual” (FIORIN, 2008, p. 28).

Como Bakhtin (2006, p. 33, grifos nosso) concluiu que “[...] *a consciência individual é um fato sócio-ideológico*”, torna-se possível afirmar que uma simples tomada de consciência, por mais confusa que possa parecer, de uma sensação qualquer como frio ou fome, necessita de uma expressão exterior impregnada de signos ideológicos. O contexto social imediato, ao qual o sujeito toma consciência de algo, é que determinará quais serão os ouvintes possíveis para os quais serão orientadas as expressões oriundas dessa consciência. E mais, os ouvintes das expressões dadas pela consciência de alguém devem contar com um sistema que os permita compreender essa expressão. Bakhtin comenta este aspecto:

Qualquer tipo genuíno de compreensão deve ser *ativo* deve conter já o germe de uma resposta. Só a compreensão ativa nos permite apreender o tema, pois a evolução não pode ser apreendida senão com a ajuda de um outro processo evolutivo. Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão (BAKHTIN, 2006, p.135).

Partindo desse pensamento de Bakhtin, pode-se observar que o ato compreensivo de algo também é uma forma de diálogo, visto que ela é tanto enunciação quanto réplica a outro diálogo. Esse diálogo entre consciência individual e sua consequente compreensão estende-se de consciência individual em consciência individual, ligando umas às outras. Daí os signos ideológicos discursivos emergem – desse processo de interação entre uma consciência individual e outra – no embate das enunciações, no diálogo entre as palavras. Bakhtin aponta a importância da palavra na constituição da consciência individual:

Há uma outra propriedade da palavra que é da maior importância e que a torna o primeiro meio da consciência individual. Embora a realidade da palavra, como a de qualquer signo, resulte do consenso entre os indivíduos, uma palavra é, ao mesmo tempo, produzida pelos próprios meios do organismo individual, sem nenhum recurso a uma aparelhagem qualquer ou a alguma outra espécie de material extra corporal. Isso determinou o papel da palavra como *material semiótico da vida interior, da consciência* (discurso interior). Na verdade, a consciência não poderia se desenvolver se não dispusesse de um material flexível, veiculável pelo corpo. E a palavra constitui exatamente esse tipo de material. A palavra é, por assim dizer, utilizável como signo interior; pode funcionar como signo sem expressão externa. Por isso, o problema da consciência individual como problema da *palavra interior*, em geral constitui um dos problemas fundamentais da filosofia da linguagem (BAKHTIN, 2006, p. 35).

Ainda sob as reflexões de Bakhtin (2006, p. 121) sobre a palavra, fica claro que ela, quando materializada cognitivamente, passa a estruturar o mundo interior de um indivíduo, sua consciência e possivelmente suas respostas a outros discursos. A palavra não só se adapta ao mundo interior de um sujeito como “[...] *nosso mundo interior que se adapta às possibilidades de nossa expressão*, aos seus caminhos e orientações possíveis” (BAKHTIN, 2006, p. 121, grifo nosso). Por isso, conforme as concepções bakhtinianas, todo fenômeno ideológico, ao longo do processo de sua criação, passa pelo psiquismo, ou seja, todo signo ideológico, qualquer que seja sua natureza, banha-se nos signos interiores, na consciência individual. “Ele nasce deste oceano de signos interiores e aí continua a viver, pois a vida do signo exterior é constituída por um processo sempre renovado de compreensão, de emoção, de assimilação, isto é, por uma integração reiterada no contexto interior” (BAKHTIN, 2006, p. 57).

Concluindo, de forma bastante simplista, o sujeito do ponto de vista de Bakhtin é, então, constituído por uma partição de vozes concorrentes, podendo ser estudado somente a partir do pressuposto de sua heterogeneidade. Para esse teórico, o sujeito é visto como imbricado em seu meio social e permeado pelos discursos que o circundam, é um ser situado sócio-historicamente e que só se constitui a partir do momento em que assimila a palavra do outro e transforma-a dialogicamente para torná-la ‘*palavra pessoal-alheia*’ e, então, *palavra pessoal*.

E, desse emaranhado de pensamentos e reflexões, do engendramento dos vários conceitos bakhtinianos sobre vozes diferentes, interação verbal, discurso alheio, palavras dos outros, multiplicidade de vozes, polifonia, é que está fundamentado o princípio alicerçador da obra do filósofo russo Mikhail Bakhtin: o dialogismo. Desde seus primeiros trabalhos, o teórico russo deixou claro que a maneira de analisar a língua é bastante diversa da forma

como estava, até então, sendo concebida nos estudos linguísticos. Recusando-se a definir a língua como um sistema estruturado, exterior ao indivíduo e perfeitamente analisável isoladamente, Bakhtin estabeleceu que seus estudos não estavam situados no campo da Linguística da *langue*, mas se encontravam no interior de uma nova ciência, a Metalingüística/Translingüística, visto que a ciência da linguagem, devido à rigidez de suas categorias, não seria capaz, segundo o pensador soviético, de dar conta de um estudo como o que ele propunha, isto é, um estudo que ultrapassasse uma abordagem imanente e concebesse a interação social como verdadeira substância da língua. Nas palavras do autor:

A Linguística estuda a “linguagem” propriamente dita com sua lógica específica na sua generalidade, como algo que torna possível a comunicação dialógica, pois ela abstrai conseqüentemente as relações propriamente dialógicas. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isto, tais relações devem ser estudadas pela Metalingüística, que ultrapassa os limites da Linguística e possui objeto autônomo e metas próprias (BAKHTIN, 1997, p. 183).

Dessa forma, Bakhtin deixa claro que sua proposta de estudo do discurso, baseada nas relações dialógicas que o compõem, situa-se no campo de uma nova ciência, a Metalingüística/Translingüística. De fato, a concepção dialógica de língua, linguagem e, até mesmo, de vida do pensador russo pode ser percebida ao longo de suas formulações. Desde o início de sua teoria, quando suas preocupações recaíam sobre a relação entre o autor e o personagem, a ideia de que estamos sempre participando de um diálogo e de que não podemos conceber o *eu* sem o *outro* já permeava o trabalho de Bakhtin. Uma primeira concepção bastante trabalhada pelo teórico nessa época e que teve uma relevância inquestionável para a fundamentação do princípio do dialogismo foi a noção de *excedente de visão*. Tal ideia consiste no fato de que só o *outro* é capaz de dar o devido acabamento ao *eu*, uma vez que só o *outro* pode ver o *eu* de forma integral. De acordo com Bakhtin, impera na existência humana o *princípio da incompletude*, ou seja, *eu* não me completo senão pelo olhar do *outro*, assim como o *outro* é incompleto sem o meu olhar. Desse modo, o que o autor busca esclarecer é que “eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro.” Não há como separar, pelo que declara o estudioso russo, essas duas consciências, até porque “[...] nenhum dos acontecimentos humanos se desenvolve nem se resolve no âmbito de uma consciência. [...] Uma só consciência é um *contradictio in adjecto*. A consciência é essencialmente plural. *Pluralia tantum*” (BAKHTIN, 2003, p. 341-342). Assim, o autor deixa claro que, para ele, o *eu* e o *outro* são indissociáveis; um constitui o outro.

Com efeito, para Bakhtin (2006), os sujeitos estão constantemente participando de um diálogo e, inevitavelmente, interagindo com o outro, constituindo esse outro e sendo por ele constituídos. Ou seja, para esse autor, o dialogismo é o princípio básico da existência humana. E, de posse desta reflexão, encerra-se esse capítulo com um dos escritos mais difundidos do grandioso filósofo da vida. Seguidamente, serão ainda discutidos outros pressupostos dialógicos da linguagem concebidos por Bakhtin – os gêneros discursivos.

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo o discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua relação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar (BAKHTHIN, 1998, p. 88).

3 OS GÊNEROS DO DISCURSO E A CRÔNICA JORNALÍSTICA: ENUNCIADOS EM AÇÃO

O cronista Josué Guimarães sempre forjou suas crônicas de uma forma sutil, mas envolta em uma complexibilidade de ideias. Essa complexibilidade com que Josué Guimarães escreveu suas crônicas, principalmente as escritas por seus pseudônimos Peppone e D. Camilo, revelam as características formais com as quais o jornalista contou para driblar as represálias que poderiam afetar seu trabalho como cronista. Sendo os temas principais das suas crônicas críticas às questões políticas, sociais e comportamentais de seu tempo, o escritor gaúcho necessitou assumir uma postura de segurança diante do seu contexto histórico. Por isso, suas crônicas são, em grande parte, assinadas por pseudônimos.

No entanto, para compreender em profundidade a técnica de composição discursiva que possibilitou ao cronista gaúcho tecer juízos críticos sobre os temas relevantes ao seu contexto histórico, isso em 1954, faz-se necessário ilustrar as teorias bakhtinianas sobre os gêneros discursivos. Para que se possa entender a crônica jornalística de Josué Guimarães como um enunciado carregado de valorações ideológicas, faz-se necessária, também, a compreensão da trama discursiva entre as diferentes esferas ligadas à História, ao Jornalismo e à Literatura que, articuladas ou engendradas, permitem a realização do gênero *crônica jornalística*.

Diante disso, o terceiro capítulo desta dissertação propõe-se a explicar sobre os pensamentos de Mikhail Bakhtin em torno dos gêneros discursivos como formas heterogêneas de diálogo, genuínas de esferas sociais específicas de cada atividade humana e dos diferentes campos sociais de interação entre sujeitos. Para a explanação em torno dos enunciados em ação, ou seja, dos gêneros discursivos, a primeira seção deste capítulo tratará as noções bakhtinianas que vislumbraram as correlações entre linguagem e sociedade, as relações entre as diversas situações sociais de interação que se concretizam em gêneros discursivos. Na segunda seção, serão discorridos sobre os elementos que tornam a Literatura a expressão da subjetividade da alma humana. Por ser a crônica um discurso que possibilita ao cronista dar vazão aos seus sentimentos, em que o subjetivo extrapola o tom imparcial característico do discurso jornalístico, é que se torna possível estabelecer a crônica jornalística como discurso literário. A crônica cumpre com sua função jornalística de entretenimento, e é por isso que também apresenta uma natureza literária, pois o cronista recria o fato cotidiano por meio da leveza, da beleza, da poesia, da crítica, do humor.

3.1 Gêneros do discurso: linguagem e/no contexto

A linguagem, segundo as reflexões de Mikhail Bakhtin e de seu Círculo, é realizada por meio de sua dimensão social e dialógica, ou seja, é a partir da correlação entre linguagem e sociedade que as diversas situações sociais de interação se concretizam. Em cada contexto social, histórico e cultural, os indivíduos fazem uso da linguagem nas diferentes interações sociais em que estão envolvidos, por meio de enunciados que se tipificam, os quais são denominados como gêneros do discurso. Fiorin, por meio de seus estudos sobre os pressupostos bakhtinianos em torno dos gêneros discursivos, comenta que:

Os seres humanos agem em determinadas esferas de atividades, as da escola, as da igreja, as do trabalho num jornal, as do trabalho numa fábrica, as da política, as das relações de amizade e assim por diante. Essas esferas de atividades implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados. *Não se produzem enunciados fora de ação*, o que significa que eles são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera (FIORIN, 2008, p. 61, grifo nosso).

Dessa forma, os gêneros do discurso, segundo as constatações do teórico Bakhtin (2003; 2006), são fundamentados pelas interações discursivas, eclodindo em formas heterogêneas de acordo com as esferas sociais específicas de cada atividade humana e dos diferentes campos sociais de interação. A relação entre os indivíduos de uma sociedade e as atividades sociais em que estão inseridos é mediada por enunciados (orais ou escritos), concretos, únicos, irrepetíveis e heterogêneos. Os enunciados espelham as condições sociais e as finalidades de cada esfera da atividade humana, estruturando-se por meio de um tema, de um estilo e de uma composição específica, elementos que se inter-relacionam e se constituem indissolúvelmente na construção desses enunciados.

A este respeito faremos simplesmente a seguinte observação: cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas. Entre as formas de comunicação (por exemplo, relações entre colaboradores num contexto puramente técnico), a forma de enunciação (“respostas curtas” na “linguagem de negócios”) e enfim o tema, existe uma unidade orgânica que nada poderia destruir. Eis porque a classificação das formas de enunciação deve apoiar-se sobre uma classificação das formas da comunicação verbal. Estas últimas são inteiramente determinadas pelas relações de produção e pela estrutura sócio-política (BAKHTIN, 2006, p. 42).

De acordo com os argumentos acima citados pelo filósofo russo, pode-se afirmar que todas as esferas da atividade humana estão, de fato, associadas ao uso social da linguagem. Dessa forma, os acontecimentos linguísticos desenvolvem-se como enunciados que se

legitimam, refletindo as condições sociais em que foram produzidos. Esses enunciados materializam as condições e as finalidades de interação de cada uma das esferas sociais de que os indivíduos fazem parte. Segundo o filósofo russo, “[...] a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 279). As esferas sociais são, assim, os espaços onde os gêneros são produzidos e, conseqüentemente, adquirem suas regularizações e significações sociais, são espaços sociais onde há interação entre os indivíduos nos quais os gêneros se constituem e funcionam. Portanto, todo gênero do discurso se adapta a uma situação interacional que se desenvolve em uma esfera social específica. Os gêneros do discurso, não apenas funcionam em determinada esfera social, como incorporam os objetivos, as ideologias e as relações interpessoais constitutivos dessa esfera. Posto isso, é correto afirmar que toda e qualquer situação de interação social possui um auditório organizado e, conseqüentemente, um repertório de enunciados relativamente estáveis, visto que:

Toda situação inscrita duravelmente nos costumes possui um auditório organizado de uma certa maneira e conseqüentemente um certo repertório de pequenas fórmulas correntes. A fórmula estereotipada adapta-se, em qualquer lugar, ao canal de interação social que lhe é reservado, refletindo ideologicamente o tipo, a estrutura, os objetivos e a composição social do grupo. As fórmulas da vida corrente fazem parte do meio social, são elementos da festa, dos lazeres, das relações que se travam no hotel, nas fábricas, etc. Elas coincidem com esse meio, são por ele delimitadas e determinadas em todos os aspectos. Assim, encontram-se diferentes formas de construção de enunciações nos lugares de produção de trabalho e nos meios de comércio (BAKHTIN, 2006, p. 128).

Todo gênero discursivo, segundo Bakhtin (2003), está apto a uma conclusibilidade. Essa conclusibilidade é determinada pelo seu objeto de sentido, pelo intuito do locutor e pelas formas típicas do gênero. A conclusibilidade do enunciado, segundo o pensador russo (2003, p. 280), é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso. Essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) tudo o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições. Fiorin comenta (2008, p. 21) que a conclusibilidade de um enunciado se dá quando permite uma resposta de outro sujeito da interação, ou seja, um enunciado está acabado quando permite que o *outro* expresse sua posição valorativa frente ao discurso que ouviu e, conseqüentemente, responda-o. O objeto de sentido é compreendido como o conteúdo temático do enunciado, isto é, o tema central que se desenvolve no gênero, a partir da interação que lhe é pertinente. Bakhtin expressa a importância do tema sobre a conjuntura histórica e contextual da linguagem, por meio da seguinte explicação:

Conclui-se que o tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. Se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes. O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isto é o que se entende por tema da enunciação (BAKHTIN, 2006, p. 132).

Sendo o tema então “[...] um sentido definido e único, uma significação unitária, é uma propriedade que pertence a cada enunciação *como um todo*” (BAKHTIN, 2006, p. 131), determinadas esferas sociais produzem temas específicos: um espaço religioso, por exemplo, produz gêneros diversos, cujos temas recorrentes são, em sua maioria, religiosos. Por outro lado, nas esferas sociais onde a fluidez do gênero é recorrente, os temas são diversificados, como acontece em conversas em um bar, por exemplo. Em síntese, os objetivos semânticos dos gêneros discursivos são inesgotáveis, mas, quando esses objetivos se tornam temas de enunciados, determinam-se em função da esfera social da qual os enunciados se realizam. Por isso, a intenção discursiva do falante “determina o todo do enunciado, seu volume e as suas fronteiras” (BAKHTIN, 2003, p. 281). Bakhtin ainda reitera que “imaginamos o que o falante quer dizer, e com essa ideia verbalizada, essa vontade verbalizada (como a entendemos) é que medimos a conclusibilidade do enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 281).

Sob a constatação de que as formas típicas de um discurso estão relacionadas com o conteúdo temático e com o intuito do locutor, faz-se entender que as unidades composicionais de um discurso são determinadas por “tipos de construção do conjunto, de tipos de seu acabamento, de tipos de relação do falante com os outros participantes da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 266). Dessa forma, a composição de um discurso se produz aliada ao estilo e ao tema que lhe é pertinente, gerando, assim, gêneros discursivos relativamente estabilizados, que, conseqüentemente, resultam no reconhecimento de situações de enunciação tipificadas, tornando a interação compreensível aos interlocutores.

Sendo as interações sociais moldadas a partir das formas dos gêneros discursivos, são eles os responsáveis por organizar a fala. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados por intermédio de gêneros discursivos. Ao introduzirem-se na consciência de um indivíduo, os gêneros moldam seus discursos de acordo com as múltiplas formas de interações. Sendo a consciência, como já visto no capítulo anterior, ideológica, dialógica e semiotizada, a significação dos gêneros, nas diversas interações sociais, está intimamente revestida de ideologias, visto que as esferas sociais são constituídas por normas sociais

regulamentadas e legitimadas por determinadas ideologias. Em vista disso, os discursos constituem-se, mutuamente, pela sociedade e pelas ideologias. Nessa relação, os gêneros assumem formas típicas de enunciados que, revestidos de ideologias, resgatam e reproduzem os valores sociais nas diversas interações sociais. O discurso que se produz através dos gêneros não apenas expressa os índices de valores ideológicos da situação imediata da interação, como também da situação mais ampla da qual a interação e a esfera de comunicação fazem parte. Dessa forma, os aspectos históricos e culturais de uma determinada esfera relacionam-se com as ideologias que lhe pertencem, regulamentando os diferentes discursos ali produzidos. Para Bakhtin (2006, p.33), “ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo o que é ideológico possui um valor semiótico”.

Os gêneros discursivos, conforme o diálogo social e ideológico aos quais estão inseridos, são conceituados como gêneros primários ou secundários. Bakhtin (2003) não procura normatizar essas classificações. Contudo, busca compreender a distinção que estabelece entre o que denomina de "primário" e o que chama de "secundário". Faraco, por meio de seus estudos, expressa as definições de gêneros primários e secundários como segue:

A primeira esfera compreende a totalidade das atividades socioideológicas centradas na vida cotidiana, desde os mais fortuitos eventos [...] até aqueles que se associam diretamente com os sistemas ideológicos constituídos (a leitura de um romance, por exemplo). A segunda esfera compreende a totalidade das práticas socioideológicas culturalmente mais elaboradas, como artes, as ciências, o direito, a filosofia, a religião, etc.[...] Bakhtin, mais tarde, em seu texto Gêneros do Discurso, acaba por relacionar a ideologia do cotidiano como gêneros primários e os sistemas ideológicos constituídos como gêneros secundários (FARACO, 2009, p. 63).

Conforme os apontamentos de Bakhtin, os gêneros primários são aqueles tidos como simples, são “tipos de discursos menores da vida cotidiana, [...] modelados pela fricção da palavra contra o meio extra verbal e contra a palavra do outro que transitam em espaços regularizados por normas sociais de ideologias cotidianas, isto é, ideologias não institucionalizadas” (BAKHTIN, 2006, p. 128). Já os gêneros secundários, por sua vez, encontram-se legitimados por ideologias formalizadas, isto é, ideologias que institucionalizam determinadas esferas sociais nas quais os gêneros se realizam (por exemplo, o romance – da esfera da arte – os gêneros do jornalismo de jornal e de revista, tais como: a entrevista, a carta de aconselhamento, o editorial, o artigo assinado).

Em vista disso, há uma impossibilidade de minimizar a heterogeneidade e a diversidade dos gêneros nas diversas esferas sociais de ação mediadas pelo discurso. Essa constatação, segundo o autor russo (2003, p. 263), leva à dificuldade de definir ou limitar a

natureza dos enunciados justamente por serem eles heterogêneos e plásticos. Dessa forma, os gêneros secundários são capazes de incorporar e reelaborar os gêneros primários, constituindo-se, a partir deles, as diferentes condições de comunicação sociodiscursiva em uma relação dialógica entre os dois tipos de enunciados. Dito isso, torna-se viável compreender que os gêneros, em suas diversas esferas sociais, não são apenas histórico, social e culturalmente construídos, são constituídos e determinados por ideologias inerentes ao contexto onde se produzem. Essas ideologias, por sua vez, não apenas determinam a construção discursiva do gênero, como também o espaço da interação em que ele se estabelece, regularizando e construindo determinadas normas sociais impostas pelos variados espaços de produção, circulação e recepção dos gêneros na sociedade, o que determina sua essência híbrida, fluida e dinâmica.

Como já mencionado anteriormente, é inviável minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso e o caráter genérico do enunciado. Isso se deve ao caráter híbrido dos gêneros do discurso, discutidos por Bakhtin (2003; 2006) a partir dos conceitos de intercalação e transmutação entre os gêneros primários e secundários. A intercalação de gêneros é compreendida como a incorporação de enunciados de um gênero em um enunciado de outros gêneros, como uma carta dentro de um romance. Gêneros da esfera do jornalismo, por exemplo, frequentemente, utilizam-se desse recurso para a construção das instâncias interacionais de produção e recepção, como acontece nas crônicas jornalísticas, sobre as quais será dissertado adiante. A intercalação ocorre, quando os enunciados de um determinado gênero estão em enunciados de outros gêneros, independente da esfera, mas sempre com relação aos horizontes interacionais. Embora, sob a perspectiva de Bakhtin, todos os enunciados sejam sempre atravessados por outros enunciados e pelos enunciados do outro, em uma ininterrupta intercalação de vozes, eles se estabelecem e se constituem por enunciados de um determinado gênero em relação dialógica com enunciados de outro gênero, numa dada interação social.

Os gêneros discursivos, por serem eventos históricos e dinâmicos, incorporam, em si, as mudanças sociais e discursivas justamente por seu caráter plástico. Em relação a isso, Bakhtin afirma que “as mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissociavelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso” (2003, p. 267). A historicidade dos gêneros está intimamente ligada às mudanças da língua, visto que diferentes épocas elaboram diferentes gêneros do discurso. Dessa forma, as frequentes mudanças na língua refletem na renovação ou destruição de gêneros do discurso nas diversas interações. Como os gêneros moldam os enunciados e esses são carregados de índices de valor e se

constituem sob a perspectiva de uma determinada situação de interação, “os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são *correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem*” (BAKHTIN, 2003, p. 268, grifo nosso), colaborando para uma renovação ou destruição de gêneros em uma dinâmica constante. “A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o tom do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero” (BAKHTIN, 2003, p. 268). Assim, para Bakhtin, estudar o discurso é partir para a compreensão dos enunciados e dos gêneros que moldam esse discurso, pois “o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 269).

3.2 A Crônica: um gênero discursivo jornalístico-literário

O propósito principal desta pesquisa é analisar um tipo específico de gênero discursivo: a crônica jornalística produzida pelos “cronistas”¹³ Peppone e D. Camilo, ambos pseudônimos utilizados pelo escritor Josué Guimarães na década de 1950. Como na seção anterior fez-se a explanação sobre os gêneros do discurso por meio da visão teórica de Mikhail Bakhtin e de seu Círculo, torna-se inviável dissertar sobre o gênero literário crônica sem antes atentar para a Literatura, que abarca “as esferas mais elaboradas da criação ideológica” (FARACO, 2009, p. 64). Apesar de ser alvo de discussões desde a Antiguidade, ainda hoje há várias questões sobre Literatura a serem decifradas. Algumas dessas questões são: Qual a matéria que constitui o objeto da investigação literária? Que obras são Literatura? Que obras não o são? Qual a natureza da Literatura? Carlos Ceia, no *E-Dicionário de Termos Literários*¹⁴, propõe explicar a Literatura de uma forma tão subjetiva que a própria explicação tem em si um tom literário:

Tradicionalmente, o texto literário distingue-se do texto das ciências da história, da filosofia, da psicologia, sociologia, etc. Contudo, caracteriza-o um campo de acção criativa tal que pode ir buscar a todos os outros campos os termos que hão de ajudar a construir a sua especificidade. O texto literário é ao mesmo tempo igual a todos os outros (em termos de forma e estrutura) e diferente de todos (pela linguagem); é ao mesmo tempo igual a todos os outros (em termos de uso de uma linguagem) e diferente de todos (pela procura de uma forma e estrutura peculiares); é ao mesmo tempo igual a todos os outros (em termos de forma e estrutura e uso da linguagem) e

¹³ As aspas justificam-se pelo ato de ambos os “autores” serem pseudônimos construídos por Josué Guimarães a partir de posições ideológicas completamente divergentes, como será discutido posteriormente neste trabalho.

¹⁴ Pesquisa realizada no sítio virtual da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Nova Lisboa, Portugal. Disponível em <<http://www.fcsh.unl.pt/>>. Acesso em 13 maio 2015.

diferente de todos (em termos de forma e estrutura e uso da linguagem). O texto literário não é um registro linguístico efêmero, pois tem por objectivo ser preservado na tradição oral e/ou escrita. Neste sentido, é intemporal (Carlos Ceia).

Simplificadamente, não que assim o seja, a Literatura pertence ao campo das artes, mais especificamente da arte verbal, e seu meio de expressão é a palavra associada a uma ideia ou valor estético. Segundo Matos (2001), o termo Literatura deriva do latim *littera*, letra. Desse modo, o conceito de Literatura está intrinsecamente ligado à palavra escrita ou impressa, à arte de escrever, à erudição. Ainda sob a perspectiva de Matos (2001), a palavra “Literatura”, nas línguas europeias, até aproximadamente metade do século XVIII, designou o saber, o conhecimento, as artes e as ciências em geral. Ou seja, até a segunda metade do século XVIII, para designar especificamente a arte verbal, eram utilizadas palavras como “poesia”, “verso” e “prosa”.

A palavra “Literatura” só em época relativamente recente – desde meados do século XVIII – tem o significado que hoje lhe damos. Até aí, a palavra existia, mas com um sentido diferente: designava, de modo geral, o que estava escrito e o seu conteúdo, o conhecimento. [...] o vocábulo “Literatura”, durante o século XVIII, continuando ainda a designar o conjunto das obras escritas e dos conhecimentos nelas contidos, passa a adquirir uma acepção mais especializada, referindo-se especialmente às “belas artes”, ganhando assim uma conotação estética e passando a denominar-se a arte que se exprime pela palavra (MATOS, 2001, p. 200-201).

Como já dito, a Literatura é alvo de debates e discussões desde a Antiguidade e, em todo esse espaço temporal, e muito antes dos sábios teorizá-las, as obras literárias são revestidas de determinados significados históricos, sociais e culturais. Faraco (2009, p. 25) referencia o pensamento bakhtiniano sobre a gênese dos enunciados, afirmando que “todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto cultural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto”. A Literatura, complexa e abrangente como se caracteriza, é um enunciado que responde a outro, é fruto das ideologias de uma dada comunidade e almeja, sempre, outra resposta.

Assim, as formas de uma enunciação literária, de uma obra literária, só podem ser apreendidas na unicidade da vida literária, em conexão permanente com outras espécies de formas literárias. Se encerrarmos a obra literária na unicidade da língua como sistema, se a estudarmos como um monumento linguístico, destruiremos o acesso a suas formas como formas da Literatura como um todo. Existe um abismo entre as duas abordagens: a que refere a obra ao sistema linguístico e aquela que a refere à unicidade concreta da vida literária. Esse abismo é intransponível sobre a base do objetivismo abstrato (BAKHTIN, 2006, p. 106).

Falar de Literatura como arte verbal é falar inevitavelmente de imitação. De fato, descrever a Literatura como arte é considerá-la uma forma de imitação, um meio de reprodução e recriação através da palavra. Bakhtin, segundo Faraco (2009, p. 26), crê na possibilidade de verbalizar experiências de vida através da Literatura, mas alerta para o fato de que “nunca conseguiremos expressá-las em sua totalidade. Ou seja: dar sentido ao vivido verbalmente é um processo possível, mas sempre aberto, sua completude é sempre postergada”. Yves Stalloni (2003), em seu livro *Os gêneros literários*, remonta historicamente o conceito de arte como imitação, segundo Platão e Aristóteles. Conforme o estudioso, Platão expõe esse conceito na *República*, de forma bastante depreciativa, quando descreve a Literatura e a pintura como imitação afastada da realidade. Com Aristóteles, o conceito renova-se, perde o sentido negativo. Na *Poética*, Aristóteles qualifica como “modos de imitação” (*mimese*) a poesia, a tragédia, a comédia, a lírica. A arte literária é *mimese*, é a arte que imita pela palavra. Isso quer dizer que a Literatura imita a vida, algumas vezes de forma fictícia, outras vezes se apoderando de tanta subjetividade que não há como imitar o real e, a essa forma, denomina *poesia*.

As criações literárias são portadoras da *mimese*, isto é, que elas representam ou simulam ações ou acontecimentos. Assim, o poeta deve produzir histórias, criador de uma ficção. A assimilação da palavra ficção à palavra *mimese* foi estabelecida pela estudiosa Kate Hamburger, em 1954, onde ela delimita um primeiro gênero literário fundamental: o ficcional ou mimético. *Nesse gênero, o eu do autor ou do narrador apaga-se em proveito de um eu fictício encarnado pelo ou pelos personagens*. Esse primeiro gênero divide-se em duas subcategorias o épico (ou narrativo) e o dramático, segundo o modo de enunciação. O outro gênero definido é o lírico, ilustrado pela poesia, de natureza não ficcional e expresso por um eu-lírico (STALLONI, 2003, p. 27, grifo nosso).

A arte expressa pela palavra reflete e refrata, como todo signo ideológico, os valores do tempo e do espaço em que foi produzida, ou seja, “a criação ou produção literária é determinada pela coletividade de determinado grupo, em determinada época” (MATOS, 2001, p. 202). O vocábulo “Literatura” ganhou o significado que até hoje se faz conhecido por ter sido o século XVIII um período de grandes transformações sociais e culturais. Matos (2001) sustenta que, nesse período, houve a formação de uma opinião pública, do alargamento do público leitor, principalmente pelo acesso da burguesia à esfera da cultura, graças ao desenvolvimento da indústria e comércio do livro e da proliferação de instituições que promovem a leitura. Apesar de surgir, sob uma forma ainda nebulosa, a opinião pública aflora “nas sociedades, nos clubes privados e, mais tarde, nos cafés” (Matos, 2001, p. 204), espaços em que as correntes de opinião formam-se a partir de discussões animadas e controversas.

Dessas discussões, surgem textos de imprensa que se apresentam como críticas de arte, de Literatura, de teatro, de ideias.

Justamente por ser um discurso híbrido e complexo, a Literatura abarca uma quantidade grandiosa de diferentes gêneros discursivos, esforça-se por classificar as obras e os assuntos em função de critérios particulares, sejam eles estilísticos, retóricos, temáticos, sejam de outras características que os tornem discursos literários. Para tanto, “[...] a Literatura e a arte, que recorrem a esse termo (gênero) para qualificar classes, assuntos ou modos de criação” (STALLONI, 2003, p. 12). A palavra gênero vem do latim *genus, generis*, que remete à ideia de origem. Assim, como qualquer outro signo que depende de seu contexto social, histórico e cultural para significar – na Literatura, a noção de gênero está vinculada a um agrupamento de tipos de discursos literários, ou seja, “é pela justaposição de diversas obras teatrais produzidas conforme uma mesma estética que se poderá estabelecer a categoria de comédia” (STALLONI, 2003, p.13), por exemplo.

Stalloni dedica um capítulo de seu livro a explicar sobre o emprego da noção de gêneros literários como uma divisão de textos de características semelhantes. Segundo o estudioso “a Literatura, arte da linguagem, desde sempre tem experimentado a necessidade de agrupar diversas formas de discurso a partir de estruturas tipológicas” (STALLONI, 2003, p. 7). Todavia, faz-se importante frisar que há uma sutil diferença entre o agrupamento de textos literários, conforme suas semelhanças, e as reflexões do filósofo Mikhail Bakhtin sobre a definição dos gêneros discursivos, como já exposto neste trabalho, na seção anterior. No entanto, por motivos de ordem prática, faz-se necessária a divisão do grande gênero discursivo Literatura em “subdivisões”. Atualmente, segundo Stalloni:

O comprador numa livraria, o estudante numa biblioteca, o editor diante de um manuscrito, todos devem estabelecer rapidamente a diferença entre um ensaio e um romance, uma coletânea poética e uma peça de teatro, e, refinando a classificação, até mesmo entre um romance autobiográfico e uma ficção (STALLONI, 2003, p. 7).

Segundo Carlos Reis (2001), o fenômeno literário envolve-se em três âmbitos que se entrelaçam em sua criação: uma dimensão sociocultural, uma dimensão histórica e uma dimensão estética. O pesquisador afirma que “a constituição da linguagem literária e do discurso que a configura podem ser entendidos como resultado de um acto discursivo próprio, propondo a uma comunidade de leitores um texto que essa comunidade reconhecerá como texto literário” (REIS, 2001, p. 111). Dessa afirmação de Reis, podem-se retirar as seguintes premissas: a Literatura é um discurso, um conjunto de enunciados; a obra literária pertence à

classe das mensagens dirigidas a uma audiência; a audiência reconhece esse discurso como um discurso literário e artístico. Outro aspecto que Reis destaca em seus estudos é que “o discurso literário é um discurso de natureza verbal, é natural que ele possa ser afetado, como em qualquer outro discurso verbal acontece, pelo fenômeno da polissemia” (REIS, 2001, p. 125). Além de polissêmica, a mensagem literária é fortemente conotativa. Essa conotação é o que dá o tom poético e subjetivo ao discurso literário. Ceia¹⁵ esclarece que a conotação “remete para as ideias e as associações que se acrescentam ao sentido original de uma palavra ou expressão, para as completar ou precisar a sua correcta aplicação num dado contexto.” Em outras palavras, “tudo aquilo que se pode atribuir a uma palavra para além do seu sentido imediato e dentro de uma certa lógica discursiva entra no domínio da conotação.” É da tessitura polissêmica e conotativa que se produz a literalidade de um discurso.

Cabe ressaltar que o que traduz a literalidade de determinado texto é, em primeira análise, o reconhecimento dessa propriedade por uma determinada comunidade interpretativa, ou seja, pelo leitor da obra. A obra literária adquire efetiva existência como obra literária, como objeto estético, quando é lida e interpretada por um leitor, em conformidade com determinados conhecimentos, determinadas convenções e práticas institucionais. Isso quer dizer que o texto literário, enquanto objeto estético, exige a intervenção de um leitor, de um receptor. Bakhtin faz referência à receptividade de uma obra literária, afirmando que:

Determinada época, determinado país ou civilização receberão de maneira particular a obra, uma forma de consenso convencional dá assim ao texto literário, e isso quase independente de seu criador. Desde então, o gênero define-se menos pela realização de um modelo preexistente e pelo respeito de uma codificação abstrata do que pela concretização de uma espécie de fato estabelecida entre a obra e o público. É pela referência mais ou menos explícita a essas esperas que se pode estender a noção de gênero a produções literárias, como a narrativa fantástica, o romance sentimental, o relato de viagem, a autobiografia (BAKHTIN, 2006, p. 32).

O autor, criador e produtor de ideias escreve para um público “virtual”, para um “auditório” de seres desconhecidos. A linguagem literária é dirigida ao inconsciente, ao simbólico, ao imaginário do leitor. Para Carlos Alberto Faraco (2009), o autor criador materializa uma relação entre sua obra e o mundo. O autor “o olha com simpatia ou antipatia, distância ou proximidade, reverência ou crítica, gravidade ou deboche, aplauso ou sarcasmo, alegria ou amargura, generosidade ou crueldade, júbilo ou melancolia, e assim por diante”

¹⁵ Dados retirados do sítio eletrônico *E-Dicionário de Termos Linguísticos*. Disponível em <<http://www.fcsh.unl.pt/>>. Acesso em 13 maio 2015.

(FARACO, 2009, p. 89). Para Bakhtin, agrega-se à discussão a instância do narrador, o qual tem uma posição particular dentre os confrontos advindos de posições divergentes:

Nas obras literárias, isso é muitas vezes composicionalmente expresso pelo aparecimento de um narrador que substitui o autor propriamente dito. O discurso do narrador é tão individualizado, tão “colorido” e tão desprovido de autoritarismo ideológico como o discurso das personagens. A posição do narrador é fluida, e na maioria dos casos ele usa a linguagem das personagens representadas na obra. Ele não pode opor às suas posições subjetivas, um mundo mais autoritário (BAKHTIN, 2006, p. 154).

O discurso literário é, então, a expressão da subjetividade da alma humana, um discurso cheio de homônimos, de construções arbitrárias ou irracionais, permeado de acidentes históricos, de recordações, de associações. Ele não se limita a imitar a vida, a afirmar e/ou exprimir algo, alguém ou quando. A Literatura quer ainda influenciar a atitude do leitor, dos leitores, persuadindo-os e, em última instância, modificando-os. A crônica jornalística, tendo como característica fundamental o discurso opinativo, propõe-se a ser um instrumento reflexivo, e sobre ela será contemplada a seção seguinte.

Ao percorrer as folhas de um jornal, é notório, em sua composição, o predomínio de notícias construídas com base nos princípios da objetividade e imparcialidade das informações. No entanto, em meio a essa objetividade e imparcialidade, existe um gênero textual que possibilita outra forma de narrar os fatos cotidianos: a crônica. A crônica jornalística é tida como um gênero discursivo que permite ao jornalismo comportar uma vertente parcial, autoral e subjetiva, características inerentes às produções literárias. Afrânio Coutinho define a crônica como “um gênero literário em prosa, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e a argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância ou na crítica de pessoas” (COUTINHO, 2003, p. 121). A crônica é um gênero discursivo definido como híbrido, já que é o resultado da união do jornalismo e da Literatura.

Utilizando-se de um tom descontraído, como uma “conversinha miúda entre amigos” (BENDER; LAURITO, 1993, p. 45), a crônica propicia ao seu leitor o conhecimento dos fatos em geral, informando o que acontece na atualidade ou oportunizando uma leitura sobre o mundo, empregando, para tanto, as diversas possibilidades criativas e estéticas próprias da Literatura em sua composição. No entanto, essa leitura de mundo oferecida por aquele que produz uma crônica é extremamente ética, na medida em que deixa evidente ao leitor de que se trata de um texto autoral, opinativo. A crônica é jornalismo e Literatura juntos, pois sua natureza híbrida impera nessa compreensão. É jornalística, quando busca no cotidiano os fatos

da vida real que são noticiosos; é literária, quando se permite utilizar elementos literários como a criação de personagens, linguagem solta e coloquial, entre outros aspectos. Para Massaud Moisés (2003, p. 108), “a crônica deriva para o conto ou a poesia”, ela é a “poetização do cotidiano”.

O propósito do jornalista, ao escrever sua crônica, é comentar sobre os assuntos em geral de forma recreativa, usando uma linguagem "fácil", agradável, simples, clara e bem-humorada, destinando ao leitor momentos de lazer ao ler seu jornal. Todavia, não se trata de um jornalismo ou de uma criação literária que apele para a piada gratuita ou mesmo para as grosserias apelativas. Ao contrário, ao elaborar sua coluna, o cronista conta com uma ampla liberdade de criação, em que lhe é possível informar e, ao mesmo tempo, expressar o que se pensa ou sente sobre um fato de forma séria ou em tom de ironia. Ao redigir sua crônica, o cronista se vê livre das amarras daquele jornalismo que trata a notícia como um produto industrializado e imparcial, podendo colocar em prática a chance de criar textos com finalidades literárias. Bender e Laurito ilustram bem a empreitada do cronista ao compor textos entre dois pilares, a Literatura e o jornalismo. Para as autoras, o cronista é:

[...] um *factótum* literário (faz tudo): especialista em tudo e em nada, tem nas linhas contadas de um jornal uma faca de dois gumes, pois se às vezes faz da realidade a transcendência, num texto que ficará registrado para sempre, corre o risco também de escrever matéria menor, na obrigação de preencher um espaço (BENDER; LAURITO, 1993, p. 77).

Outro aspecto da crônica é o fato de os cronistas fazerem Literatura sobre pressão. Por ser muitas vezes uma criação diária, o cronista vê-se na obrigação de ter inspiração para falar sobre algo todos os dias. Apesar de expressar leveza, brevidade e simplicidade, a gênese da crônica não é uma tarefa fácil. Os autores que se dedicam ao gênero precisam criar uma narrativa agradável para os leitores em prazos curtíssimos. Bender e Laurito transcrevem em seu livro um comentário de Vinícius de Moraes sobre o ofício de ser cronista que, diante de sua máquina “acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino ou de véspera, em que, com suas artimanhas peculiares, possa injetar sangue novo” (MORAES apud BENDER; LAURITO, 1993, p. 25).

Segundo estudiosos no assunto, a crônica é um gênero discursivo tipicamente brasileiro, que desenvolveu seus contornos nacionais por meio do jornal impresso. No Brasil, o gênero foi desenvolvido pelos cronistas de modo tão singular que, além de não existir texto com características similares no âmbito internacional, passou a ser apontado como uma

criação genuinamente brasileira. Bender e Laurito referem sobre o aspecto nacional da crônica quando asseguram que, “no momento em que a imprensa brasileira se afirmou, os folhetins da França nela se aclimataram, floresceram e encontraram uma feição de tal maneira própria, que fez muitos críticos contemporâneos afirmar que a crônica é um fenômeno literário brasileiro” (BENDER; LAURITO, 1993, p. 12). Outro aspecto que revela a importância da crônica ao Brasil deve-se ao fato de ser ela considerada a primeira obra literária do país. Ao chegarem ao Brasil, o império português solicitou a Pero Vaz de Caminha a redação de uma carta relatando os acontecimentos sobre a descoberta do novo mundo. A proeza da descoberta das terras brasileiras foi relatada nessa carta, descoberta posteriormente na Torre do Tombo, por Seabra da Silva¹⁶, no ano de 1773. Tal carta, de autoria de Pero Vaz de Caminha, além de conter o relato da "descoberta" do Brasil, configura-se como a primeira crônica nacional.

A carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo de um cronista, oferecendo-lhe matéria para o texto que seria considerado a nossa certidão de nascimento. Se a carta inaugura o nosso processo literário é bastante discutível. (...) Indiscutível, porém, é que o texto de Caminha é criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes naquele instante de confronto entre a cultura européia e a cultura primitiva. (SÁ. 1985, p. 5-6).

No entanto, a crônica redigida por Pero Vaz de Caminha não configura como a Crônica conhecida a partir do jornal impresso. A significação moderna do termo crônica passou a ser empregada a partir do século XIX, quando tal vocábulo revestiu-se do sentido de ser um texto jornalístico e literário. No início da era cristã, a crônica nada mais era do que um relato dos acontecimentos narrados em ordem cronológica, fazendo jus ao seu sentido etimológico, já que o termo crônica está relacionado à palavra grega *chronos*, tempo. Segundo Massaud Moisés:

Do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica*, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em sequência cronológica. Situada entre os anais e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los. Em tal acepção, a Crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Alfonso X, na Espanha, quando se aproximou estreitamente da historiografia, não sem ostentar traços de ficção literária. A partir

¹⁶ José de Seabra da Silva foi um estadista, ministro e guarda-mor da Torre do Tombo, Portugal. Licenciado em Leis pela Universidade de Coimbra. Secretário de Estado Adjunto do Marquês de Pombal no reinado de D. José I. Dados retirados do sítio eletrônico Dicionário Histórico. Disponível em <www.arqnet.pt/dicionario/seabrasilvaj.html>. Acesso em 02 abr. 2015.

da Renascença, o termo ‘crônica’ cedeu vez a ‘história’, finalizando, por conseguinte, o seu milenar sincretismo (MOISÉS, 2003, p. 101).

O entendimento do que seja a crônica conhecida até a contemporaneidade iniciou, no Brasil, com a publicação de textos breves em jornais, que apresentavam notícias com certa literariedade. Para o autor José Marques de Melo (1985, p. 110), somente no Brasil a crônica tem “a feição de relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária”. A crônica é assim compreendida no Brasil porque, segundo o autor, internacionalmente o gênero é ainda concebido apenas como um relato cronológico dos fatos (MELO, 1985, p.111).

O marco histórico importante para a crônica literária brasileira é 2 de dezembro de 1852, data em que Francisco Otaviano inaugurou o *Jornal do Comércio*, no Rio de Janeiro. O referido jornal continha, entre suas páginas, a seção A Semana, em que eram publicados os folhetins literários do Romantismo (BENDER; LAURITO, 1999, p. 29). Os folhetins eram então conhecidos como a seção dos jornais em que se publicavam desde ensaios a críticas literárias. Com o advento do Romantismo, os folhetins passaram a representar um novo acesso à Literatura, um recurso utilizado principalmente pela burguesia, classe que também se constituiu como principal público consumidor.

É exatamente como folhetim que a crônica surge no jornalismo brasileiro. Um espaço que os jornais reservam, semanalmente, para o registro do que aconteceu no período. Sua redação é confiada a escritores (poetas ou ficcionistas). Segundo Afrânio Coutinho, o folhetim começou com Francisco Otaviano, em 1852, no *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro*. Ali, ele assinava o ‘folhetim semanal’. Seus continuadores são José de Alencar, Manuel Antonio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto, etc. (MELO, 1985, p.113-114).

Nos rodapés dos folhetins, eram publicados os textos não considerados jornalísticos, como crônicas, novelas e romances, textos sempre muito aguardados pelo público leitor. Para os escritores da época, escrever para um folhetim proporcionava notoriedade, *status* e dinheiro. No entanto, houve grandes transformações, tanto na produção dos jornais impressos como nos conteúdos que deles faziam parte com o início da Revolução Industrial. O jornal era agora produzido em grande escala, já que o emprego das máquinas assim proporcionava. Consequentemente, a produção de notícias também deveria ter um caráter consumista. A notícia transformou-se em bem de consumo e, como tal, destinava-se às exigências de seu público consumidor. Contudo, o público consumidor dos jornais impressos também já não era o mesmo do Romantismo. Dessa forma, havia a necessidade das empresas jornalísticas atenderem aos leitores consumidores de textos opinativos, como aborda Beltrão:

A preferência do leitor pelas opiniões individuais, sua escassez de tempo para ler todas as matérias publicadas, levando-o a procurar aquelas secções que dissessem respeito aos seus interesses profissionais ou respondessem aos reclamos imediatos do seu espírito, juntamente com a variedade de temas que exigia pessoal habilitado em cada setor da atividade humana para atender a demanda da audiência foram motivos predominantes, econômica e socialmente falando, do retorno dos cronistas ao jornalismo (BELTRÃO, 1980, p. 67).

Da então necessidade de produzir textos que empregavam em seu formato uma linguagem lúdica para falar dos assuntos do dia-a-dia é que se concebeu a crônica como é até hoje conhecida. Esse gênero discursivo parece ser a única forma capaz de reunir jornalismo e Literatura em um único espaço, exprimindo valores e ideais, tanto de forma objetiva quanto subjetiva. As notícias nem sempre são os assuntos em pauta em uma crônica, muitas vezes servindo apenas para a tessitura de uma, como acontece em alguns dos textos dos cronistas Peppone e D. Camilo, pseudônimos do jornalista Josué Guimarães. Ou conforme o célebre cronista Luís Fernando Veríssimo¹⁷:

Crônica é qualquer crônica, ou uma crônica qualquer. Croniqueta é o nome científico da Crônica curta, como pode parecer.[...] Cronicão é a Crônica grande, substancial, com parágrafos gordos. [...] Grande Crônica é o crônicaço. O crônicaço é consagrador. Seu autor sai na rua e deixa um rastro de cochichos – É ele, é ele (VERÍSSIMO, Folha de São Paulo, 1979).

¹⁷Fragmento da crônica intitulada *Crônica: definições*, publicada em 09 de outubro de 1979 no jornal Folha de São Paulo, de Luis Fernando Veríssimo.

4. A HISTÓRIA E O DISCURSO: AS VOZES DE JOSUÉ GUIMARÃES, DE D. CAMILO E DE PEPPONE

A ênfase no aspecto ativo de um sujeito e no caráter relacional de sua construção como sujeito está submetida ao ambiente sócio-histórico em que está inserido. Segundo Beth Brait (2005, p. 22), a proposta de conceber um sujeito que, sendo um *eu para-si*, condição de formação da identidade subjetiva, é também um *eu para-o-outro*, condição da inserção dessa identidade, é estabelecida no plano relacional entre o sujeito, a História e os discursos que o envolvem. Assim, esses discursos adquirem significados que se renovam graças aos contextos concretos em que são enunciados, o que tem implicações importantes, quando se pensa na constituição dos sujeitos pela assimilação das palavras e dos discursos dos outros e pela própria enunciação. O sujeito, além de inacabado, está imbricado no meio social e se constitui a partir dos discursos que o circundam, caracterizando-se como híbrido e como lugar de conflito e confrontação dos vários discursos.

Se há uma inexorável relação entre sujeito, sociedade e história – visto que só existe sujeito porque esse é constituído em contextos sociais e que estes últimos são resultado da ação concreta de homens que coletivamente se organizam – ao proferir um discurso, um sujeito toma a palavra, mas não o faz de forma impensada. Ao discursar, o sujeito apodera-se da língua e essa, “[...] no seu uso prático, é inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida” (BAKHTIN, 2006, p. 97). Ao contemplar tal afirmação de Bakhtin, torna-se tangível afirmar que um sujeito constitui-se pelo social, pela sua interação com outros sujeitos, pelas vozes sociais que permeiam determinado contexto social, pelo *outro*. Faraco (2009, p. 22), em seus estudos em torno das teorias bakhtinianas, comenta que viver é tomar uma posição axiológica frente ao *outro*, frente às *vozes ideológicas*, frente aos discursos que envolvem determinado sujeito em determinado contexto sócio-histórico, ou seja, viver significa posicionar-se de forma responsiva em relação a valores.

Josué Guimarães construiu e reconstruiu discursos, proferidos nas crônicas, *Nosso pequeno mundo* e *Um dia após o outro*, por meio das identidades ficcionais D. Camilo e Peppone. Josué, como qualquer outra pessoa, é um ser-evento único, sócio-historicamente situado e culturalmente impregnado de ideologias, constituído na relação com outros sujeitos. Seus discursos, como político, escritor, jornalista ou qualquer outra posição social de que tenha feito parte, estão intimamente relacionados com a História e os discursos que o circundavam. Sua posição, opiniões, visões de mundo e consciência são partes da identidade de um indivíduo que se constituiu pelas relações dialógicas entre enunciados valorativos, pela

interação desse sujeito com outros sujeitos, por outros discursos, ou pela própria cultura. Os pseudônimos de Josué também não surgiram apenas da consciência do escritor, mas da consolidação social e histórica das interações, das palavras, dos signos, ou seja, dos outros.

O quarto capítulo, que ora se apresenta, por ser de fundamental importância para o desenvolvimento das análises propriamente ditas, delas também faz parte. Esta afirmação se faz necessária, visto que o objetivo desta dissertação é interpretar as crônicas de Josué Guimarães como enunciados frutos do contexto sócio-histórico em que estava inserido o jornalista, bem como das suas relações interdiscursivas e das vozes sociais e ideológicas que concebiam tais discursos. Em vista disto, este capítulo, dividido em três seções, pretende retratar o contexto histórico em que estava inserido o jornalista Josué Guimarães ao produzir as crônicas das colunas *Um dia depois do outro* e *Nosso pequeno mundo*, bem como exibir os possíveis discursos pretéritos que formaram a consciência do autor e que, supostamente, foram tomados como suporte para a criação das crônicas. Como sujeito e História não podem ser separados, na primeira seção deste capítulo, será delineada a História mundial e brasileira, mais precisamente entre as décadas de 40 e 50 do século XX, vinculadas à vida do autor-jornalista-político Josué Guimarães, para que se faça possível, por intermédio dos enunciados pretéritos e das ideologias que os concernem, analisar os diálogos contraditórios entre D. Camilo e Peppone, manifestados em suas crônicas jornalísticas.

Na segunda seção deste capítulo, será apresentada a história sobre a visita de Josué à Rússia e à China socialista, em 1952. A estada de Josué, nos países por trás das Cortinas de Ferro, não apenas possibilitou ao jornalista conhecer o que lhe fora apresentado como resultado do programa socialista desses países, mas o fez aderir a novos discursos, a novas visões de mundo, que também formaram sua consciência. Ao incorporar os discursos ideológicos dos países que visitou, Josué posicionou-se responsivamente frente a eles. Uma das posturas responsivas foi a criação da obra *As Muralhas de Jericó*, estabelecida como as memórias de Josué aos países do bloco socialista. Proibida em 1952 pelo governo de então, pela situação, essa obra, publicada muitos anos após a morte de Josué, é de fundamental importância para as análises propostas para esse trabalho, visto que nela se fazem presentes os discursos e as vozes que desenvolveram o senso crítico do jornalista a respeito dos antagonismos políticos de seu tempo, temas recorrentes das crônicas que publicaria alguns anos mais tarde e que são alvos das análises desta dissertação.

Na terceira seção, será apresentada a gênese dos personagens D. Camilo e Peppone. Apesar de fictícios, esses personagens também são formados por discursos pretéritos e por várias vozes. Josué, ao apropriar-se de identidades já estabelecidas, tomou para si as vozes

inseridas nas consciências de D. Camilo e Peppone e as usou para expressar sua própria voz. Fez isso para se manter anônimo, para ter a “liberdade” de falar de assuntos que não eram bem vistos pela sociedade da época. O conflito ideológico, que foi o alicerce para a concepção dos personagens de Giovanino Guareschi, foi o mecanismo que possibilitou a criação das crônicas *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do outro*.

4.1 O terreno

A história da humanidade expressa embates, irresoluções, interesses divergentes que se manifestam tanto pela força, nas operações bélicas dos conflitos armados, quanto pela palavra, na construção discursiva de enunciados ideologicamente constituídos. Sendo a palavra uma arma poderosa, os conflitos de que dela resultam são os motivos que mobilizam este estudo. As palavras, segundo Bakhtin (2006, p. 40), constituem-se em meio às lentas mudanças sociais e históricas, transformando ou reformulando ideologias. E essas ideologias é que influenciam a consciência dos sujeitos de um determinado contexto.

Se a consciência “só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos” (BAKHTIN, 2006, p. 32) é acertado dizer que a História, por ser um grande aglomerado de signos ideológicos, expressa-se por um número infinito de enunciados que se atravessam, que se chocam, que formam o grande diálogo da vida. Torna-se possível argumentar sobre os elos que acorrentam os enunciados que materializam a história de uma sociedade e de uma época, apossando-se do seguinte pensamento de Bakhtin:

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico* (BAKHTIN, 2006, p. 30).

A História retrata, portanto, os “processos da relação social, todo signo ideológico, e, portanto, também o signo linguístico, [...] marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinado” (BAKHTIN, 2006, p. 43). Se a História relata a vida de uma comunidade social, política e culturalmente organizada por meio dos enunciados, a História é, então, “a língua, no seu uso prático, [...] inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida” (BAKHTIN, 2006, p. 97). E sobre essa base é que se pretende relacionar História e Literatura. A primeira almeja expressar os acontecimentos reais. A segunda é a expressão

ficcional da vida. No entanto, a Literatura é um grande enunciado, estruturado sobre ideologias, carregado de imensuráveis vozes sociais oriundas de qualquer tempo ou contexto. Bakhtin (2006) discorre que, ao criar um enunciado, sendo ele literário ou não, o enunciador está carregado de outros enunciados anteriores, tem inserido em si um sistema complexo de signos ideológicos que se entrelaçam formando sua consciência, que potencialmente se tornará um novo e irrepetível enunciado. Portanto, não há como observar um determinado enunciado se não voltar os olhos aos enunciados pretéritos que o conceberam, se não se compreenderem as ideologias vigentes. Se analisado de outra forma, o enunciado será coisificado, será produto de análise do “*objetivismo abstrato*”.

Assim, por trás de todo texto, encontra-se o sistema da língua; no texto, corresponde-lhe tudo quanto é repetitivo e reproduzível, tudo quanto pode existir fora do texto. Porém, ao mesmo tempo, cada texto (em sua qualidade de enunciado) é individual, único e irreproduzível, sendo nisso que reside seu sentido (seu desígnio, aquele para o qual foi criado). É com isso que ele remete à verdade, ao verídico, ao bem, à beleza, à história (BAKHTIN, 2006, p. 331).

Portanto, ao serem determinadas como *corpora* desta pesquisa as crônicas produzidas por Josué Guimarães, em 1954, e por estarem estabelecidas como enunciados que dialogam entre si de forma contraditória – pois são estruturadas pelas ideologias incompatíveis que fomentaram os grandes acontecimentos do séc. XX – constatou-se a necessidade de apresentar, de forma concisa, porém não simplificada, as ideologias vigentes, os enunciados proferidos durante o processo de formação da consciência ideológica do autor, de uma dada época da sua vida inserida na História até a expressão de suas crônicas nos jornais porto-alegrenses. Ao que tange os argumentos acima referidos, observa-se o seguinte pensamento de Bakhtin:

Qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo *pela situação social mais imediata*. Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. [...] Se algumas vezes temos a pretensão de pensar e de exprimir-nos *urbi et orbi*, na realidade é claro que vemos “a cidade e o mundo” através do prisma do meio social concreto que nos engloba. Na maior parte dos casos, é preciso supor, além disso, um certo *horizonte social* definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa Literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito (BAKHTIN, 2006, p. 114).

Isto posto, será seguidamente apresentada a História mundial e brasileira, mais precisamente das décadas de 40 e 50 do século XX, vinculadas à vida do autor-jornalista-

político Josué Guimarães, para que se faça possível, por intermédio dos enunciados pretéritos e das ideologias que os concernem, analisar os diálogos contraditórios entre D. Camilo e Peppone, manifestados em suas crônicas jornalísticas.

Josué Guimarães iniciou sua profissão na imprensa brasileira justamente num dos momentos mais determinantes da história da humanidade: a eclosão da Segunda Guerra Mundial em 1939. Com apenas 18 anos, ele não era somente um expectador da história. Já atuando como profissional na imprensa carioca como ilustrador e diagramador¹⁸, seu ofício exigia-lhe, no mínimo, um sucinto discernimento sobre os fatos e a habilidade para refletir, ponderar e tomar decisões. Como jornalista, Josué Guimarães ainda tinha como incumbência retratar uma das situações mais expressivas da história mundial: a eclosão da Segunda Guerra Mundial. No entanto, ele optou por voltar a Porto Alegre e trabalhar na rádio-teatro da Rádio Farrroupilha. Quando o Brasil realmente entrou no conflito armado, Josué alistou-se como pracinha na FEB¹⁹, no entanto, foi recusado por estar casado e ter filhos. (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 1996, p. 10).

A Segunda Guerra Mundial não foi somente o maior conflito bélico da história mundial, envolvendo a maioria dos países do mundo. Foi também um divisor de águas do século XX, a partir do qual ideologias, aspectos políticos, econômicos e culturais modificaram-se de uma forma decisiva e rápida em muitos países, incluindo aí o Brasil, nos períodos ante e pós-guerra. Carlos Alberto Faraco relaciona uma situação conflituosa como foi a Segunda Guerra Mundial em relação aos pressupostos ideológicos bakhtinianos, conforme se pode observar no fragmento abaixo:

[...] no horizonte ideológico de uma época ou grupo social, não há uma, mas várias verdades mutuamente contraditórias. Essas várias verdades equivalem aos diferentes modos pelos quais o mundo entra no horizonte apreciativo dos grupos humanos. Como resultado da heterogeneidade de sua práxis, os grupos humanos vão atribuindo valorações diferentes (e até contraditórias) aos entes e eventos, às ações e relações nela ocorrentes. É assim que a práxis dos grupos humanos vai gerando diferentes modos de dar sentido ao mundo (de refratá-lo), que vão se materializando e se entrecruzando no mesmo material semiótico (FARACO, 2009, p. 51).

Entretanto, um conflito dessa magnitude não se inicia sem causas ou motivos relevantes. Conforme Hobsbawm, em sua obra *A era dos extremos: o breve século XX 1914-1991* (1995), vários foram os fatores que influenciaram o início desse conflito que se iniciou na Europa e que, rapidamente, espalhou-se pela África e pela Ásia. Um dos mais importantes desses motivos foi o surgimento, na década de 1930, na Europa, de governos totalitários com

¹⁸ Informação contida no capítulo biográfico desta dissertação.

¹⁹ Força Expedicionária Brasileira.

fortes objetivos militaristas e expansionistas. Na Alemanha, surgiu o Nazismo, liderado por Adolf Hitler, que pretendia expandir o território Alemão, desrespeitando o Tratado de Versalhes, inclusive reconquistando territórios perdidos na Primeira Guerra. Na Itália, estava crescendo o Partido Fascista, liderado por Benito Mussolini.

O marco inicial da Segunda Grande Guerra ocorreu no ano de 1939, quando o exército alemão invadiu a Polônia. De imediato, a França e a Inglaterra declararam guerra à Alemanha. De acordo com a política de alianças militares existentes na época, formaram-se dois grupos: Aliados (liderados por Inglaterra, URSS, França e Estados Unidos) e Eixo (Alemanha, Itália e Japão). No Brasil, de acordo com o historiador Boris Fausto, em sua obra *História geral da civilização brasileira* (2007), apesar de se saber que Getúlio Vargas simpatizava com a ideologia pregada pelas forças do Eixo, o país acaba, por interesses político e econômico resultantes de convênios com os EUA, participando da guerra junto aos Aliados. O Brasil participa diretamente, enviando para a Itália os pracinhas da FEB, Força Expedicionária Brasileira. A Segunda Guerra terminou somente em 1945, decorrente da rendição da Alemanha e da Itália. O Japão, último país a assinar o tratado de rendição, ainda sofreu um forte ataque dos Estados Unidos, que despejou bombas atômicas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki. Em conformidade com os estudos do historiador marxista britânico Eric Hobsbawm (1995), os prejuízos causados pela Segunda Guerra foram enormes, principalmente para os países derrotados. Foram milhões de mortos e feridos, cidades destruídas, indústrias e zonas rurais arrasadas e dívidas incalculáveis. O racismo esteve presente e deixou uma ferida grave, principalmente na Alemanha, onde os nazistas mandaram para campos de concentração e mataram aproximadamente seis milhões de judeus, além de ciganos, homossexuais, dentre outras minorias.

Com o fim da Segunda Guerra, anunciou-se um tempo prenhe de significados. [...] o período indicava um momento diferente e criativo da luta pela conquista de direitos sociais para faixas mais amplas da população. [...] dava a impressão de que os combates pela solidariedade entre povos ganhavam um conceito de liberdade até então desconhecido ou não tão completamente difundido. O clichê “abolição da exploração do homem pelo homem”, anelo e inspiração básica dos socialistas aliava-se à defesa das autonomias nacionais (HECKER, 2007, p. 23).

No Brasil, tornava-se imanente o crescimento da oposição à ditadura de Vargas, já que a população reivindicava a redemocratização do país. Além dos movimentos estudantis, aderiram às manifestações contrárias a política da época os profissionais liberais, os jornalistas e os operários engajados na luta pela igualdade de direitos. Conforme Hecker (2007, p. 45), “aqueles jovens não estavam apenas encaminhando as ‘massas populares no

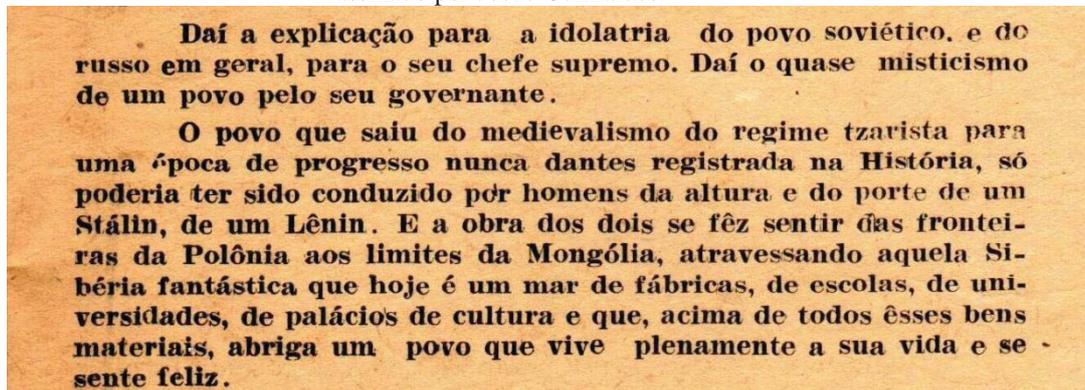
sentido de uma democracia sem classes’, mas resolvendo o problema do atraso nacional brasileiro”.

Josué Guimarães, socialista e nacionalista, acreditava que o cerne da mudança estaria nas palavras dos jovens, na educação, na transmissão de ideias, no trabalho dos intelectuais. Fazia isso por intermédio de seu ofício jornalístico, mas de uma forma discreta, muitas vezes utilizando a segurança de um pseudônimo. É possível fazer essa correlação entre as aspirações de Josué e as reflexões de Bakhtin por meio do fragmento seguinte:

A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (BAKHTIN, 2006, p. 40).

Por viver tão intensamente a política, Josué começa a dialogar com os interesses da população, aspirando mudanças como a universalização da educação e o aprofundamento da consciência política, a promoção da igualdade de direitos. É o caso do que se lê no artigo, *Um povo, um homem, uma obra*, de autoria do próprio Josué, publicado da revista Horizonte, em julho de 1953. A edição desta revista estava toda voltada para a publicação de artigos que se referiam a Josef Stalin e à sua morte, que havia ocorrido em março daquele ano. No artigo, Josué fala da postura inquestionável do governante socialista frente ao seu povo, tecendo inúmeros elogios à sua conduta, enaltecendo o regime socialista como uma saída para o desenvolvimento de países falidos, como o Brasil. No trecho abaixo, pode-se notar a admiração de Josué, tanto pelo governante russo quanto pelo sistema de governo, que, através dele, tornou a URSS uma nação progressista:

FIGURA 1: Fragmento do artigo *Um povo, um homem, uma obra*, publicado em julho de 1953, assinado por Josué Guimarães.



Josué militava por meio das coisas que escrevia na imprensa. Hecker (2007, p. 46), contudo, afirma que era impossível atribuir mudanças em torno da “ingenuidade desses militantes, moços e sinceros, a escolha de uma razão ‘romântica’ para a mudança.”

Mudar o Brasil pela via da democracia, rompendo o atraso sem violência. [...] Promover o interesse coletivo em associação com o capital nacional. Eis aí a metodologia socialista nascida no momento [...] pela conquista de direitos sociais para mais amplas faixas das populações, constituído pelo fim da Segunda Guerra Mundial (HECKER, 2007, p. 48).

O fim da Segunda Guerra trouxe consigo destruição ao *Velho Mundo*. Durante a guerra, cerca de 45 milhões de vidas²⁰ foram perdidas, sendo a grande maioria de inocentes. Por outro lado, existiram aquelas nações que viram, no sangrento conflito, uma grande oportunidade de ganho econômico. Os Estados Unidos da América, tendo como pano de fundo o cenário da guerra, dobrou o seu parque industrial, tornando-se um dos grandes beneficiários do maior conflito armado da história da humanidade. Conforme Hobsbawm (1995, p. 228), a Europa “havia se tornado um campo de ruínas, habitado por cidadãos desesperados pela fome, pela dor física ou da perda, pela humilhação, enfim, por todas as cicatrizes que uma guerra pode acarretar.” Para Hobsbawm, esses povos estavam:

[...] provavelmente propensos à radicalização, mais que dispostos a ouvir o apelo da revolução social e de políticas econômicas incompatíveis com o sistema internacional de livre empresa, livre comércio, e investimento pelo qual os EUA e o mundo iriam ser salvos. Além disso, o sistema internacional pré-guerra desmoronara, deixando os EUA diante de uma URSS enormemente fortalecida em amplos trechos da Europa e em outros espaços ainda maiores do mundo não europeu (HOBSBAWM, 1995, p. 228).

A política americana estava consideravelmente debilitada no pós-guerra, com pouco apoio além dos aliados ocidentais. Ao contrário, os “governos pelos socialistas, que emergiam da guerra em toda a parte mais fortes que em qualquer época no passado, e às vezes como maiores partidos e forças eleitorais tornaram-se o pesadelo americano que via na superpotência moscovita o objetivo de conquistar o globo por intermédio de uma conspiração socialista mundial” (HOBSBAWM, 1995, p. 229).

Começa aí um importante período da história que perdurou por longos 40 anos: “o constante confronto das duas superpotências que emergiram da Segunda Guerra Mundial na chamada Guerra Fria” (HOBSBAWM, 1995, p. 223), a contenda entre os EUA e a URSS. Na

²⁰ Dados retirados campo virtual Brasil Escola. Disponível em < <http://guerras.brasilecola.com/seculo-xx/o-mundo-depois-segunda-guerra-mundial.htm>>. Acesso em 25 jun. 2015.

prática, a chamada guerra sem batalhas foi, na verdade, uma guerra entre os grandes países capitalistas e o poder socialista. Tal período da história causou grande horror à população mundial, em cujo momento “gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais, que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento e devastar a humanidade” (HOBSBAWM, 1995, p.224). Vivia-se diariamente sob a pressão de um dos oponentes ordenarem o temido sinal para o planejado suicídio da civilização. Por fim, não aconteceu.

A peculiaridade da Guerra Fria era de que, em termos objetivos, não existia perigo eminente de guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas, sobretudo do lado americano, os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global das forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual, mas não contestado em sua essência. A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência – a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras forças armadas socialistas no término da guerra – e não tentava ampliá-la com o uso da força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética (HOBSBAWM, 1995, p. 224).

Na realidade, a Guerra Fria baseava-se numa crença ocidental de que o futuro do capitalismo mundial e da sociedade liberal não estava de modo algum assegurado. Conforme Hobsbawm (1995, p. 234), a Guerra Fria “[...] se originou na América. Todos os governos europeus ocidentais, com ou sem grandes partidos socialistas, eram empenhadamente antisocialistas, e decididos a proteger-se de um possível ataque militar soviético.” Os EUA não eram simplesmente a maior potência mundial cuja riqueza e poder eram óbvios, eram, também, uma potência que representava uma ideologia em que, não somente os americanos, mas grande parte da população mundial acreditava sinceramente como o modelo ideal para o mundo: o capitalismo. A ideologia capitalista, afirmada e reforçada pelos EUA como sendo a legítima, têm em si valores ideológicos que são apresentados como incontestáveis, como a “liberdade”. Essa ideologia pregada pelos EUA é um bom exemplo da ação das forças centrípetas, discutidas por Bakhtin em suas reflexões. O pensador russo, ao observar as referências semióticas associadas às distinções de classe, comenta:

Há um confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: *a luta de classes*. Classe social e comunidade semiótica não se confundem. Pelo segundo termo entendemos a comunidade que utiliza um único e mesmo código ideológico de comunicação. Assim, classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. Consequentemente, *em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios*. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Esta plurivalência social do signo ideológico é um

traço da maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir. O signo, se subtraído às tensões da luta social, se posto à margem da luta de classes, irá infalivelmente debilitar-se, degenerará em alegoria (BAKHTIN, 2006, p. 45-46).

Hobsbawm (1995, p. 229) afirma que, com o passar dos anos e das análises reais da história, pode-se constatar que a URSS não era uma potência expansionista, muito menos agressiva. Saíra da Segunda Guerra exaurida, com a economia em frangalhos. Assim, num primeiro momento, a URSS não apresentava perigo imediato além das fronteiras estabelecidas pelo Exército Vermelho, cuja “postura básica após a guerra não era agressiva, mas defensiva” (HOBSBAWM, 1995, p. 230). Entretanto, os dois lados, o capitalista e o socialista, se viram comprometidos com uma insana corrida armamentista para a mútua destruição por um único motivo: qual a ideologia social, econômica e política iriam guiar o mundo?

Sob o olhar americano, a Rússia tornara-se um inimigo extremamente perigoso, um adversário que almejava a supremacia mundial num dado momento futuro, utilizando-se, para tanto, da mais implacável das ideologias utópicas: o comunismo. Bem da verdade, Hobsbawm assegurava que “Stalin, como socialista, acreditava que o capitalismo seria inevitavelmente substituído pelo comunismo. Contudo, os planejadores soviéticos não viam o capitalismo em crise no fim da Segunda Guerra Mundial” (1995, p. 231). Essa era a principal insegurança da URSS, a preocupação com a predominância dos ideais capitalistas americanos, então exercidos sobre quase todas as partes do mundo não ocupadas pelo Exército Vermelho. “Não seria preciso muito para transformar a exausta e empobrecida URSS numa região cliente da economia americana, mais forte na época que todo o resto do mundo junto” (HOBSBAWM, 1995, p.231).

Embora a corrida armamentista e o confronto militar entre as superpotências contribuíssem para o tom apocalíptico da conjuntura, não foram esses os aspectos mais significativos da Guerra Fria, tanto que neste conflito “as armas nucleares nunca foram usadas” (HOBSBAWM, 1995, p. 234). As consequências políticas foram os aspectos mais importantes gerados pela guerra, pois quase de imediato, ela polarizou o mundo controlado pelas superpotências em dois campos marcadamente divididos. Com a vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial e a consequente derrota das ditaduras do Eixo, os mais diversos grupos sociais passaram a clamar por uma “urgente redemocratização das instâncias políticas internacionais.” (MARTINS JÚNIOR, 2014). Apesar da participação da União Soviética stalinista nesse triunfo, o recado que o fim da guerra parecia dar ao mundo “era que as relações humanas precisavam ser travadas em níveis mais liberais.” (MARTINS JÚNIOR,

2014). O ato simbólico que decretou o encerramento das disputas ideológicas que a Guerra Fria representou durante décadas foi a queda do muro de Berlim, em 1989.

No Brasil, as pressões pela redemocratização começaram a ficar cada vez mais fortes. Em conformidade com os estudos do historiador Boris Fausto:

As greves que se multiplicavam em todo o país eram sintoma bem nítido dessa situação, como por exemplo, a greve de março/abril no Estado de São Paulo, quando cerca de 300 mil operários – gráficos, metalúrgicos, têxteis, químicos, sapateiros, construção civil, trabalhadores em transportes, indústria de alimentos, vidro e madeira, entre outros – paralisaram suas atividades (FAUSTO, 2007, p. 303).

Com todo o impasse levantado pelo fim da Segunda Guerra Mundial e pelos conflitos gerados pelas ideologias contrárias da Guerra Fria refletindo-se na política e nas relações trabalhistas no Brasil, “Getúlio não conseguiu mais manter em prática sua política de dois gumes, ao mesmo tempo manter suas relações com os grupos centro-direita e de esquerda, cada qual reivindicando um tipo próprio de desenvolvimento” (FAUSTO, 2007, p. 305). Esses fatos acarretaram a renúncia de Getúlio Vargas como Presidente do país, em 1945, e o fim ao Estado Novo. Todavia, com a chegada de Eurico Gaspar Dutra à presidência da República (1946-1951), o país dava mais um importante passo no processo de redemocratização e de ruptura com a ditadura estado-novista. Nesse cenário, a criação de uma nova constituição impunha-se como algo fundamental à liberalização das estruturas políticas nacionais. No entanto, conforme Martins Júnior (2014), a construção da jovem democracia brasileira que defendia as mais diversas liberdades, como de pensamento e expressão, imprensa e organização partidária, foi profundamente abalada pelos caminhos que as relações internacionais tomaram no país. Sob o contexto mundial marcado pela Guerra Fria, o Brasil de Dutra alinhou-se às diretrizes norte-americanas, o que motivou o corte de relações com a União Soviética, além da perseguição a políticos socialistas e, mais exemplarmente, da cassação do Partido Socialista Brasileiro.

Contraditório às ideologias defendidas pelo poder como legítimas e já estabelecido como militante esquerdista, Josué Guimarães participa, em janeiro de 1945, do I Congresso Brasileiro de Escritores²¹, juntamente com intelectuais e escritores de reconhecimento

²¹ Conforme informações obtidas no sítio virtual do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, vinculado à Fundação Getúlio Vargas, em 1942, por iniciativa de escritores contrários à falta de liberdade de expressão imposta pelo Estado Novo, foi fundada, no Rio de Janeiro, a Associação Brasileira de Escritores. Entre seus fundadores incluíam-se Otávio Tarquínio de Souza (presidente), Sérgio Buarque de Holanda, Astrojildo Pereira, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Sérgio Milliet, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Érico Veríssimo. Em 1944, incentivada por Jorge Amado, Aníbal Machado, Oswald de Andrade e outros, a associação resolveu realizar um congresso. No dia 22 de janeiro de 1945, reuniu-se assim no

nacional como Sérgio Buarque de Holanda, Mário de Andrade, Erico Veríssimo, Oswald de Andrade e Graciliano Ramos (MOURA, 2011, p.13). Josué, além de participar do Congresso, cobriu o evento para o jornal *A Hora* e, aproveitando-se da “liberdade” de divulgar seu pensamento, produziu um texto chamado *Declaração de Princípios*²²:

Muito se tem falado por este Brasil sobre si o escritor deve ou não ser político. É evidente que o assunto não é nacional. Muito antes da guerra atual já o homem de letras titubeava si deveria escrever um poema cor-de-rosa ou si deveria expressar suas dúvidas, sua revolta, suas idéias, ou mesmo a sua incompreensão [...]. Em linhas gerais a atitude do escritor em face da política não se limita aos debates partidários, não se restringe ao prazer de provar que de fato é uma célula da opinião pública quando enfia na urna o seu voto sagrado a que tem direito democraticamente. Ele vê, antes de mais nada, o homem, as suas condições de vida, seu dever perante a família e a sociedade. Ao escrever uma obra literária ele não visa meter na mão de um cidadão qualquer o cetro do mando, pelo simples prazer [...] de fazer política. Isso seria política com p minúsculo. Por isso o Congresso de Escritores de São Paulo discutiu assuntos políticos, *ante a reação empedernida dos que pensam que a Literatura deve se ater à perfeição exclusiva da forma, ao canto da beleza pura e que o homem que escreve tem por defesa de seu mundo interior cheio de luz e passarinhos –ou melros –um alvo chumaço de algodão nos ouvidos.* Que o mundo se esboroe, que nossos soldados morram entre balas e gelo, que os párias enterrem seus filhos nos fundos dos quintais [...]. Então o Congresso saiu dos trilhos. Resolveu pegar o touro pelos chifres. E os que não sabem o que seja falta de liberdade porque sempre rabiscaram histórias de lagos adormecidos, de arruços em lua-de-mel, ficam sem compreender, ridiculamente boquiabertos, a declaração de princípios de duzentos homens clamando por legalidade democrática, garantia de liberdade, sistema de governo eleito pelo povo, soberania deste mesmo povo, justiça de organização política [...]. (GUIMARÃES, 1945, s/p. Grifo nosso)

Nesse testemunho de Josué, fica clara sua posição quanto à relação entre literatura e sociedade, articulada tanto pela sua posição ideológica, quanto pelo que se anunciou no Congresso de escritores. Josué, por meio de sua coluna, clama uma participação mais ativa por parte dos escritores e intelectuais da época no que dizia respeito à democratização da cultura. São visivelmente percebidos, na leitura da coluna, os contrapontos a uma série de medidas políticas (legitimidade democrática, garantia de liberdade, sistema de governo eleito pelo povo, soberania do povo), que estavam sendo negligenciadas pelo Estado Novo. Mais do que isso, Josué colocou em questão o papel dos escritores da época, que deveriam estar menos preocupados com questões estéticas, em produzir uma literatura de luxo para divertir os burgueses. Para ele, em uma perspectiva que antecipava toda a sua literatura posterior, escrita

Teatro Municipal de São Paulo o I Congresso Brasileiro de Escritores. A reunião foi uma manifestação de oposição ao governo Vargas.

²² Documento catalogado no Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF), na sessão *Publicações na imprensa*. Optou-se por não realizar a atualização gramatical na transcrição deste documento.

anos depois, os escritores deveriam ocupar-se em escrever uma literatura social, engajada, que permitisse um efetivo diálogo entre o escritor e a realidade.

No mesmo ano de 1945, surge o PTB – Partido Trabalhista Brasileiro –, fundado por Getúlio Vargas. Segundo Hecker (2007, p. 57), “o partido surgia [...] com um longo e cuidadoso esforço de construção de uma ideologia trabalhista.” No entanto, o PTB caracterizava-se como “agremiação getulista, tomando Vargas como um grande e moderno estadista, como ‘o pai dos pobres’ e o assegurado da legislação social e trabalhista.” (HECKER, 2007, p. 57). Entre 1946 e 1947, considerando as ideologias do Partido Trabalhista Brasileiro como coerente às suas ideologias, passou a integrar formalmente os quadros políticos do partido. Conseqüentemente Josué começou a se relacionar com figuras políticas destacadas como Getúlio Vargas e Alberto Pasqualini e também com outras lideranças que se tornariam importantes nas décadas posteriores, como João Goulart e Leonel Brizola. Conforme Maria Luíza Remédios (2011), Josué seguia o pensamento do Alberto Pasqualini, por quem foi levado à política. Pasqualini era, na verdade, considerado o único teórico do PTB, “era um dos poucos membros que se dedicaram a elaborar e a difundir princípios fundamentados em disciplinas [...] que sustentassem linhas de ação coerentes para os seus militantes e simpatizantes” (HECKER, 2007, p. 85).

Ao mesmo tempo em que lhe interessava a política, Josué escrevia seus textos, tanto como repórter, como cronista ou comentarista em diferentes jornais, durante toda essa época²³. Seus textos eram, na maioria, críticas às práticas políticas, à classe burguesa em ascensão, aos conservadores e às suas ideias retrógradas, às questões insignificantes levantadas num período, cujo cenário mundial era de guerra e revolta. Mas o seu jornalismo sempre foi feito de forma bem-humorada, por mais sério que o assunto pudesse ser. Josué conseguia ironizar sua pauta de forma crítica, tornando suas colunas alvo de interesse dos leitores. É essa a pauta do jornalista tornado político com mandato em 1951:

Quando a gente teve acesso às atas da Câmara nós vimos a importância do Josué na sua vereança porque ele criou espaços, ele criou espaços culturais, ele defendia a questão da locomoção das pessoas que moravam nos bairros mais afastados e que não tinham ônibus pra vir pro centro ou pros seus trabalhos. Então ele defendia isso aí, ele lutava por isso (REMÉDIOS, 2011).

Getúlio Vargas, eleito Presidente da República, em 1951, estabelece um governo, como já referido, com feições contraditórias “na política de dois gumes” (FAUSTO, 2007, p.

²³ Informações já comentadas no capítulo biográfico de Josué.

305). Em sua pasta de Ministros, nomeia tanto políticos da direita quanto da esquerda, discursa sobre a autonomia do país, mas mantém relações com o mais capitalista dos países, os Estados Unidos da América. No sentido de amenizar a problemática em torno de sua figura e de suas decisões políticas, Getúlio resolveu associar-se com jornalistas que defendiam suas ideias, a fim de publicar notas que expressassem uma avaliação positiva em torno de seu governo.

Getúlio enfrentava por essa época um dos chamados “escândalos” do Governo Vargas, e que forneceu ainda mais munição aos seus críticos. Tratava-se da fundação do jornal *Última Hora* (1951), base de apoio jornalístico a Vargas, pertencente ao jornalista Samuel Wainer (FAUSTO, 2007, p. 304).

Conforme artigo publicado em 2012 por Luiz Carlos Bresser Pereira, nos primeiros anos da década de 1950, o Brasil passava por uma série de mudanças que visavam ao desenvolvimento social e econômico do país. A necessidade de desenvolver economicamente o Brasil era um problema que deveria ser sanado pelos então dirigentes estatais e também pelos candidatos a dirigentes. As propostas de soluções a esse problema radicavam na escolha de projetos que poderiam estimular a industrialização do país. Nesse sentido, dois projetos econômicos principais surgiram: o liberalismo e o nacionalismo. Os debates sobre as duas propostas ficavam mais acirrados pelo fato de que, no contexto da Guerra Fria, a adesão a um deles significava a aproximação à esfera de influência de uma das duas superpotências: EUA ou URSS.

De acordo com Pereira (2012, p. 8), o projeto liberal defendia que o desenvolvimento industrial e econômico brasileiro deveria ser realizado sem intervenção estatal. Entretanto, como no país não havia uma burguesia com capital acumulado capaz de investir os recursos necessários para o crescimento econômico, esses recursos deveriam ser buscados no exterior. No projeto liberal, tinha um peso importante o capital internacional, em decorrência da fraqueza dos capitalistas brasileiros em investimento econômico, sendo necessário recorrer às instituições financeiras com sedes em outros países ou às empresas multinacionais para investir no país. A proposta era que, dessa forma, o Brasil ganharia os investimentos e, em troca, o capital internacional conseguiria seu lucro. Já o projeto nacionalista discordava da preponderância do capital internacional. Seguindo ideias desenvolvidas principalmente na Cepal – Comissão Econômica para a América Latina –, o país não deveria abrir a economia ao capital estrangeiro, devido à limitação causada pela escolha dos setores a receberem investimento, pois o interesse internacional não era o mesmo que as necessidades da

população brasileira. O Brasil, na periferia do capitalismo, não seria beneficiado com os capitais do centro do mundo capitalista. Mas, como não havia capital acumulado no país para realizar os investimentos de que a economia necessitava, era necessário que o Estado utilizasse sua estrutura governamental para canalizar os recursos necessários aos investimentos. Josué Guimarães, como já referido, era nacionalista, e esta postura está bem visível nas crônicas que produziu em 1954.

Em meio a esse conturbado cenário político, em 1952, Samuel Wainer constituiu uma delegação de jornalistas brasileiros com o objetivo de visitar a Rússia e a China socialista. Dentre os convidados estava Josué Guimarães que, autorizado pelo presidente Getúlio Vargas a isentar-se de seu cargo presidente da bancada do PTB em Porto Alegre, recebeu do jornal carioca, *Última Hora*, a nomeação de correspondente oficial. Foi o primeiro jornalista ocidental a entrar na China Continental depois que Mao Tsé-Tung assumiu o poder. Dessa viagem, nasceu o Livro *As Muralhas de Jericó*, que se firmou como um relato das memórias da viagem de Josué ao Oriente. Em realidade, nasceram, dessa viagem, mais do que um livro de memórias – nasceu, em Josué, a noção de que, no entrelaço de ideologias, de signos, de enunciados, uma projeção utópica concretizava-se na consciência de um homem preocupado com a constituição de uma sociedade mais justa.

4.2 As muralhas

Desde o início da campanha eleitoral de 1950, que culminaria com a eleição de Getúlio Vargas para o segundo mandato (1951/1954), o sistema político brasileiro viveu uma de suas mais intensas crises, marcada por tentativas de golpe, intrigas palacianas, denúncias de corrupção, oposição sem tréguas no Congresso, campanhas de difamação na imprensa e, até mesmo, uma tentativa de *impeachment* do Presidente da República. Josué Guimarães, apesar de contestador, fazia parte da situação, como vereador e líder da bancada do PTB em Porto Alegre. Sua proximidade com o governo, contudo, não impossibilitou a oportunidade de conhecer os países do bloco socialista: a Rússia e a China, em 1952. Em uma de suas declarações, Josué²⁴ pede o consentimento do presidente Getúlio Vargas para esta viagem:

²⁴As declarações de Josué Guimarães contidas nesta seção estão inseridas no livro *Escrever é um ato de amor*, organizado pelo Instituto Estadual do Livro (2006) e foram retiradas das entrevistas ao Caderno de Sábado, do Jornal Correio do Povo em 05 de agosto de 1972, à Revista do Livro, publicação do Círculo do Livro feita em 1982, ao jornal Zero Hora de 28 de fevereiro de 1982 e ao jornal JÁ de maio de 1986.

Achei melhor perguntar ao presidente Getúlio Vargas se não haveria inconveniente em que eu, líder da bancada do PTB, fosse à Rússia. Ele achou que não havia problema nenhum e, como os russos só pagavam a passagem a partir de Praga, falou com o Samuel Wainer, que me nomeou correspondente internacional da *Última Hora* e me deu Cr\$ 40 mil para as despesas. (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006, p. 10)

Na época, não só o Brasil passava por uma série de mudanças, mas, como foi apresentado anteriormente, o mundo via-se no processo de transformação Pós-Segunda Guerra Mundial e, concomitantemente, vivia com o fantasma da Guerra Fria, que dividia o mundo entre liberais e socialistas. Dentro desse quadro político em que se configuravam o Brasil e o mundo, Josué foi convidado pelo jornalista Samuel Wainer para integrar uma comissão que representaria o país na Conferência Econômica Internacional, que ocorreu em 1952, na cidade de Moscou.

Samuel Wainer foi figura de destaque na imprensa brasileira, principalmente durante o segundo mandato de Getúlio Vargas. Tornou-se, ao longo da campanha pré-eleitoral de Vargas, no “[...] jornalista mais próximo do ex-ditador, transformando-se, depois da posse, no virtual porta-voz do novo governo” (MENDONÇA, 2008, p. 10). Segundo a historiadora Marina Gusmão de Mendonça (2008, p. 9), Wainer tornou-se próximo de Vargas após uma entrevista concedida pelo ex-presidente, em 1949, que foi interpretada como uma declaração de que Getúlio pretendia, de fato, concorrer à Presidência da República em 1950. Essa proximidade com o poder acabaria por disponibilizar a Wainer os recursos necessários à criação de seu próprio jornal, um vespertino que, desde o lançamento, em junho de 1951, obteve imediato sucesso de público, ultrapassando, em apenas seis meses, as vendas de todos os concorrentes. O lançamento do jornal *Última Hora* fora “um golpe no mercado jornalístico, então dominado por algumas poucas empresas que controlavam não só o noticiário, como também quase todos os investimentos publicitários, indispensáveis à sobrevivência financeira dos órgãos de imprensa” (MENDONÇA, 2008, p. 10).

Dentro desse cenário, Josué foi convidado por Samuel Wainer a integrar a comitiva que representaria o Brasil na Conferência Econômica Internacional, em Moscou. Ele iria representando o jornal de Wainer como corresponde internacional. Quais eram as intenções tanto do governo getulista quanto do proprietário do jornal *Última Hora* em participar do evento? Tal dúvida paira devido às relações entre o Brasil e a União Soviética, que não se caracterizavam como relações sólidas entre países de sistemas governamentais diferentes. O fato de o governo e de seu “porta voz” na imprensa brasileira desejarem participar de tal evento não fica claro neste trabalho, visto que o objetivo, aqui, não é descrever interesses

políticos, mas de apresentar alguns fatos dos quais emanavam as vozes constitutivas do sujeito Josué Guimarães. Percebe-se, no entanto, através do fragmento do artigo da historiadora Graciela Zubelzú de Bacigalupo (2000), que as relações bilaterais entre Brasil e URSS eram vulneráveis.

No caso russo-brasileiro, as relações bilaterais passaram a sofrer, a partir da revolução bolchevique de 1917, uma forte restrição derivada da ideologia do novo regime político russo. Desse ponto em diante e durante a maior parte de sua história, essas relações foram de baixa intensidade e continuaram muito influenciadas por fatores ideológicos que predominavam no desenho da política externa brasileira. A hostilidade em relação à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS se explicava em grande parte por fatores domésticos (temor da expansão do Partido Socialista Brasileiro - PCB) e pelo estreito vínculo do Brasil com os Estados Unidos da América - E.U.A (alinhamento automático a partir de 1947). Nesse sentido não escapavam a uma espécie de regra de ouro que caracterizou as relações da URSS com os países de América Latina: quanto maior vinculação desses aos E.U.A, mais hostilidade em relação à URSS. Assim, é fácil compreender que em razão do estreito vínculo com Washington, durante a etapa de entendimento entre os aliados triunfantes na Segunda Guerra Mundial, o Brasil tivesse restabelecido as relações diplomáticas com a URSS e legalizado o PCB em 1945. Inversamente, o início da Guerra Fria entre os antigos aliados, em 1947, provocou uma nova ruptura das relações diplomáticas soviético-brasileiras e também a decretação da ilegalidade do PCB. (BACIGALUPO, 2000, p. 59)

Contrário à falta de percepção dos motivos do governo e da imprensa que representava o governo não estarem claros neste trabalho, a imprensa socialista brasileira intenta vislumbrar as boas intenções da União Soviética em abrir as “cortinas de ferro” aos estrangeiros, por meio da Conferência Econômica Internacional. No editorial da revista *Problemas*²⁵, intitulado *Por um Amplo Desenvolvimento da Colaboração Econômica Internacional*, publicado em março de 1952, a revista faz um levantamento das consequências da Segunda Guerra Mundial, principalmente no que tange às dificuldades passadas pelos países do bloco socialista. Em tal editorial, fala-se do comércio mundial e das demais relações econômicas entre os povos e países, que se encontravam reduzidas em um estado de extrema desorganização.

A segunda Guerra Mundial foi um terrível flagelo. Não só sacrificou milhões de vidas humanas, causou privações e misérias inauditas entre as grandes massas populares de todos os países, provocou destruições sem precedentes de valores materiais e espirituais criados pelo trabalho de muitas gerações, provocou a destruição de milhares de cidades e aldeias, de fábricas, de usinas e instituições culturais. A guerra, ao mesmo tempo, rompeu radicalmente as relações econômicas mundiais que se haviam estabelecido durante dezenas de anos, arruinou o comércio internacional, provocou uma rápida redução da produção civil e aumentou as

²⁵Revista *Problemas: revista mensal de cultura e política* é uma publicação da *imprensa proletária*. Publicada no Rio de Janeiro desde 1947, era dirigida, em 1952, pelo jornalista Diógenes Arruda. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/40/amplo.htm#topp> Acesso em: 02. Dez. 2015.

desproporções na economia de numerosos países beligerantes, aprofundou nesses países a desorganização do crédito e das finanças, agravou os processos internos de inflação. (REVISTA PROBLEMAS, março. 1952)

No mesmo editorial, é possível perceber as pretensões do governo Russo ao sediar a Conferência Econômica Internacional, por intermédio do fragmento abaixo:

Existe um outro aspecto, extremamente importante, do desenvolvimento da cooperação econômica entre todos os países à base da igualdade de direitos e vantagens mútuas. Referimo-nos ao papel e à significação dessa cooperação para sanear a situação internacional e diminuir a tensão que existe atualmente nas relações entre os diferentes países. Reconhece-se universalmente que as dissensões e as divergências entre países constituem um dos fatores mais importantes que entram a cooperação econômica normal entre os povos, assim como a sua aproximação. Entretanto, a ligação entre a cooperação econômica e o estreitamento das relações pacíficas entre os diferentes países é recíproca. A ampliação do comércio, a aproximação econômica entre os povos, *independentemente de seu sistema social*, contribuiria certamente para consolidar a paz no após-guerra. Os representantes dos círculos mais diversos da sociedade concordam cada vez mais nesse sentido. Os trabalhos da Conferência Econômica Internacional que se inauguram nos próximos dias em Moscou, assumem uma importância toda particular. Pode-se afirmar, sem exagero, que centenas de milhões de homens de todos os países do mundo voltam as suas vistas para essa Conferência. Os povos esperam dela a solução dos problemas urgentes da atualidade. Os economistas soviéticos expressam os seus votos de êxito à Conferência Econômica Internacional. (REVISTA PROBLEMAS, março. 1952. Grifo nosso)

Em meio a um cenário mundial e local efervescente, Josué apronta sua pequena bagagem e vai rumo ao desconhecido. Mas o quão era desconhecido o mundo socialista que Josué iria conhecer? Ele se intitulava um socialista, “[...] o Josué era um socialista idealista, ele não via defeitos no socialismo” (REMÉDIOS). Percebe-se, na leitura da obra *As Muralhas de Jericó*, que a posição ideológica socialista defendida por Josué era derivada de seus estudos em torno do assunto, de seus conhecimentos políticos inerentes ao seu cargo como vereador, de suas críticas como jornalista ao modo gerenciador do capitalismo no país e no mundo, ou seja, das vozes ideológicas às quais ele estava incorporado. Josué conhecia teoricamente o valor axiológico das palavras *socialista* e *socialista*. No entanto, não havia vivido tal realidade. Isso se torna claro, por meio da leitura dos fragmentos abaixo, retirados da obra:

Sou um homem superlotado de preconceitos contra aquilo tudo que fica do outro lado, contra aquela gente acusada de tanta coisa, de espancar e prender os padres – que afinal, mesmo sendo padres, são de carne e osso como todos nós – e ainda descuidar das crianças, desprezar a velhice, sacrificar a mocidade. (GUIMARÃES, 2001, p. 48)

[...] sinto que mais me aproximo do início da grande aventura. Ou não será aventura nenhuma? Seria preferível para um humilde repórter – e aí tento romancear um pouco a situação – que os homens mal-encarados, que deverão estar nos esperando no aeroporto, tivessem péssima catadura e nos tirassem, de chegada, uma série de liberdades individuais. Não se poderia olhar para os lados. Não se perguntaria nada a ninguém, mas somente ao intérprete. É proibido tirar fotografias. É proibido sair à noite. (GUIMARÃES, 2001, p. 49)

Josué vai rumo à desconhecida União Soviética. Um país onde vigorava a ideologia socialista defendida pelo jornalista, mas que, ao mesmo tempo, causava-lhe temor e esse temor, provavelmente, era impregnado dos discursos que Josué refutava sobre as ideologias socialista e comunista, mas que se faziam vozes fortes o suficiente para criar, no jornalista, certo receio no seu desembarque. Sua esposa, Nydia Guimarães (2001), relata, no documentário *A jornada de Josué*, sobre o medo das pessoas ditas socialistas e comunistas, e de como estas pessoas eram vistas pela sociedade, dizendo: “[...] eu acho que não era bem sobre política que era o medo. O medo era dos comunistas, dos socialistas. Esse que é o perigo. Eles morriam de medo porque para a população ignorante, principalmente do interior, um socialista ou um comunista para eles era a mesma coisa”.

Nessa mesma viagem, além de conhecer a União Soviética, Josué conheceu, também, a China Continental, sendo o primeiro jornalista do mundo ocidental a entrar na China maoísta, como declara: “[...] após as conferências na Rússia, eu fui convidado para ir à China Continental. E fui o primeiro jornalista ocidental que entrou lá depois que Mao Tse-Tung assumiu o poder. Em 1952, visitei toda a China, que ainda estava um pouco atrasada – eram os russos que estavam construindo tudo lá” (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006, p. 10).

Após sua estadia na URSS e na China, entre os meses de março e abril, em junho de 1952, Josué Guimarães escreveu a obra *As muralhas de Jericó*. Josué a escreveu como memórias de viagem, como um diário. Ao ler a obra, nota-se a preocupação do jornalista em demonstrar um mundo novo, um caminho novo a ser perseguido, principalmente pelo Brasil, no que diz respeito à implantação de uma política de desenvolvimento que visa ao bem-estar de seu povo. Por meio do relato de pequenos acontecimentos do cotidiano do país socialista, desde sua chegada até sua partida, Josué intenta demonstrar uma realidade quase utópica, através das diferentes vozes às quais teve acesso. Um mundo novo, uma ideologia socialista possível, novos discursos, vozes que calaram ou que confrontaram outras vozes. Escrito em um período de conturbação política, *As Muralhas de Jericó* apresenta, de certa forma, uma visão "ingênua" com relação às conquistas do socialismo percebidas por Josué durante sua

visita aos países do bloco socialista. Maria Luíza Remédios comenta sobre a ingenuidade de Josué na introdução da obra:

Essa situação histórica reencontra-se no texto de Josué Guimarães, ora enfatizada com cores muito fortes, pelo deslumbramento de um socialista brasileiro diante do mundo socialista, ora estimulando a ironia do narrador quando comparada ao desenvolvimento social e econômico da União Soviética e da China com o Brasil. O leitor vai encontrar nas páginas dessas memórias um narrador entusiasmado que relata apenas aquilo que ele vê ou que lhe permitiram ver dos países da “Cortina de Ferro” e da China. (REMÉDIOS, 2001, p. 12)

As memórias da viagem de Josué foram relatadas em 19 textos, nos quais o jornalista apresenta a descoberta de um mundo socialista onde a gestão pública e humana se dá de forma positiva, onde todos têm oportunidade de trabalho, educação, saúde, aposentaria, lazer, entre outras tantas coisas. Em cada um dos fragmentos, o escritor conta, por meio dos fatos que vê e das pessoas com quem fala, situações da vida cotidiana da população soviética e chinesa e, de uma forma velada, faz uma comparação com o cotidiano brasileiro. Nos seus primeiros passos na Rússia desconhecida, o correspondente internacional conta sobre suas impressões a respeito da cidade, em que todos parecem conviver de forma pacífica e harmoniosa. Em seus passeios, conversa com pessoas que falam de suas vidas de forma tranquila, vislumbra construções lindíssimas, como o metrô e o teatro, que são de uso do povo e não das elites. Josué fica impressionado com a procura do proletariado por cultura e conhecimento, pois assistia das ruas da capital soviética ao abarrotar de pessoas nas livrarias à procura de livros sobre filosofia e poesia, por exemplo.

O jornalista relata na obra a visita às fábricas de Stálin, lugar onde todos os operários têm oportunidade de crescimento, da educação do nível básico ao superior. Um lugar onde as mulheres têm a creche para deixar os filhos próximos de si, a biblioteca para ser utilizada por todos nos momentos de descanso e, depois de um dia duro de trabalho, as famílias têm a liberdade de passear e se divertir sem demais preocupações, pois, no outro dia, seus empregos estarão garantidos, a sua casa com a devida quantidade de alimento, água, luz, saneamento básico estarão garantidos. Josué, em suas andanças junto à comitiva brasileira, conhece também as fazendas cooperativadas em que centenas de famílias tiravam e repartiam seu sustento de forma igualitária – um exemplo a ser seguido pelo mundo no que diz respeito ao trabalho cooperativo.

Quando se fez presente na Conferência Econômica Internacional, Josué ouviu as propostas dos homens de negócios que ali estavam. Jornalistas, economistas, sindicalistas, cooperativistas, todos vindos de países de sistemas econômicos tão diversos e que ali se

reuniram no intento de resolver um problema comum a todos: a abertura de um comércio exterior, por intermédio do qual se alcançasse uma parceria comercial respeitosa com as ideologias de cada nação. O jornalista ouve e, posteriormente, narra em suas memórias as ofertas da União Soviética em vender borracha e papel ao Brasil, em comprar café do Brasil, na oferta da Polônia em vender carvão de primeira qualidade ao Brasil e, em troca, comprar algodão, lã, couros, café, cacau e minérios de ferro. Josué parece ficar um pouco constrangido com a situação, pois conclui que o Brasil não tem intenção alguma de vender ou comprar alguma coisa daqueles países, como fica claro no fragmento abaixo:

Bastaria o Brasil demonstrar o menor interesse, e o governo polonês mandaria uma partida de cinquenta mil toneladas de carvão para experiências na Central do Brasil.[...] Mas quando falo com as altas autoridades brasileiras sobre esse problema, noto da parte deles um temor quase doentio, como se fosse necessário olhar para os lados primeiro para depois emitir uma opinião qualquer, como se as paredes tivessem ouvidos. [...] A União Soviética deseja vender ainda cimento, carvão e produtos petrolíferos, e compra café, cacau, arroz, lã e couros. Como resolverá o negociante brasileiro o problema de acordos, firmados por ilustres cidadãos de que ninguém sabe o nome? (GUIMARÃES, 2001, p. 125-126)

Após a Conferência Econômica Internacional, Josué vai à China, onde se espanta em não ver mendigos ou crianças raquíticas pelas ruas. Espanta-se ao ver uma nação recém saída de um conflito estar tão bem organizada, produzindo seus próprios bens de consumo e almejando vendê-los aos países que ali estavam representados pelos seus comitês. A China é apresentada a Josué como um lugar onde a implantação do sistema socialista foi responsável por um levante de produtividade, responsável pela partilha igualitária de bens e acesso a todos os serviços públicos que garantem a um cidadão viver bem e em paz. Isso se deu pela implantação e consolidação do regime socialista no país, que contou com a ajuda econômica e com o assessoramento soviético, resultantes do tratado de amizade e aliança assinado, em 1950, entre as duas potências.

Ao retornar ao Brasil, Josué escreveu *As Muralhas de Jericó*. Para tanto, o jornalista utilizou uma combinação sutil entre os discursos aos quais esteve imerso e que, naquele momento, constituíam a sua memória e as expressões variáveis ao fluxo da história que viveu. O momento vivido pelo sujeito-repórter, na URSS e na China, permitiu ao jornalista o acesso a novas ideologias, a novas vozes, as quais ele incorporou e respondeu. Sua atitude responsiva frente aos novos discursos foi, justamente, escrever suas memórias. Sua obra foi redigida, algumas vezes, com traços de ironia. A sociedade brasileira surge nessa ironia, quando não é difícil perceber a comparação que Josué faz dos países que visitou com a situação brasileira da época. No entanto, é necessário frisar que, mesmo sendo um relato dos momentos vividos

em sua viagem, a obra de Josué é considerada como um texto ficcional, apesar do autor partir da observação direta dos lugares e dos acontecimentos e das entrevistas com pessoas com as quais se envolveu. Desse modo, a obra de Guimarães não tem apenas um valor literário, tem, em si, um valor histórico, visto que é o relato de alguém que viveu a história, como enfatiza Remédios:

O valor do livro centra-se na *perspectiva idealista com que o autor vê o mundo que se lhe apresenta naquele momento*. Sendo um livro de memórias, nele a História se reflete em uma consciência que a conta em primeira pessoa, como se os lugares, acontecimentos e homens, circunstâncias públicas ou privadas dela emanassem. Com a imprecisão da lembrança, *mas nunca sem a certeza do conhecimento*. (REMÉDIOS, 2001, p. 13. Grifo nosso)

Ao chegar ao Brasil, deslumbrado com as coisas que tinha visto e ouvido, Josué começa a contar a todos suas impressões sobre a Rússia e a China e de como o regime socialista era uma forma capaz de transformar uma nação. Em um jantar no Catete, onde estavam reunidas lideranças governamentais, como o Presidente Getúlio Vargas, Jango e Brizola, Josué conta a história de sua *aventura* e declara que trazia suas memórias de viagem em forma de livro, pronto para publicação. No entanto, as lideranças ali presentes não o permitiram seguir adiante com a publicação do livro, como comenta Maria Luíza Remédios:

Em um jantar no Catete, onde estava o Jango e o Getúlio, ele contou que trazia um livro pronto para publicação sobre a viagem dele à Rússia e à China [...] Ele vê aquelas pequenas comunidades que plantavam, que colhiam, que sobreviviam disso e ele sonhava isso para o Brasil. Então ele escreveu o dia-a-dia dessas pessoas e o dia-a-dia da viagem dele, sempre exaltando o socialismo. Ele contou tudo isso durante o jantar, porque, como eu disse, ele era contador de histórias. Ele aproveitava essas oportunidades pra contar o que ele pensava. Quando acabou o jantar, o Getúlio o chamou e disse que achava melhor não publicar agora este livro. (REMÉDIOS, 2011)

Josué não aceitou, contudo, calar-se. Resolveu fazer uma série de Conferências para compartilhar e debater suas experiências vividas nos países socialistas. Como comenta: “[...] decidi fazer uma série grande de conferências, junto com o Cândido Norberto, (jornalista, ex-deputado gaúcho) que também havia visitado a União Soviética” (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006, p. 10). Uma das conferências ministradas por Josué foi noticiada pelo jornal *Imprensa Popular*, na edição de 23 de julho de 1952.²⁶

²⁶ Dados obtidos no site da Biblioteca Nacional, nos arquivos do jornal *Imprensa Popular*, contidos na Hemeroteca Digital. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=108081&pagfis=3035&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#>> Acesso em: 05. Dez. 2015.

Figura 2- Notícia sobre a Conferência ministrada por Josué Guimarães

Conferência no Cine Baltimore
Sôbre a União Soviética e a China

Impressões de viagem e da Conferência de Moscou apresentadas pelo vereador Josué Guimarães, em Porto Alegre, perante 700 assistentes — Foi prêsso na Inglaterra, assistiu ao 1º de Maio em Pequim e convenceu-se das grandes vantagens que advirão para o Brasil de relações comerciais com a URSS e as democracias populares — 200 perguntas formuladas por escrito pelos que foram ouvi-lo

PORTO ALEGRE, julho (via aérea) — Foi coroada de grande êxito a conferência pronunciada no Cine Baltimore pelo jornalista e vereador Josué Guimarães, participante da Conferência Internacional Económica de Moscou. A assistência foi das mais que sua documentação foi preparada pela própria comissão inglesa em cujos serviços viajou. Falando sobre a Tchecoslovaquia teve oportunidade de apresentar aspectos da vida nas Democracias Populares e os êxitos obtidos por aqueles povos. A assistência foi das mais belas e coloridas trajas regionais. Falou do carinho do povo chinês para com Mao Tse Tung. Perguntado sobre a ópera e o «ballet» soviético disse de sua magnificência e deslumbrância do alto nível artístico e técnico superior em

Fonte: Biblioteca Nacional/Hemeroteca digital

As lideranças governamentais não aprovaram a conduta de Josué. O político é desligado de seu partido como forma de represália, como conta: “[...] o Brizola, chefe do partido, achou que eu não deveria fazer essas conferências e me destituiu da liderança da bancada. Assim, rompi com o PTB e ingressei no PS, Partido Socialista” (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006, p 10). Mesmo com o rompimento com seu partido, Josué pede a sua esposa que datilografe seu livro, fato relatado por ela:

Getúlio tinha proibido o Josué de falar do que tinha visto, escrever sobre qualquer coisa. Faz de conta que ele nem tinha ido. Ele ficou muito chateado com isso. Ele acabou trocando de partido, saiu do PTB e passou pro Partido Socialista. Ele fez conferências, fez muitas conferências, não só em Porto Alegre como no Rio Grande e escreveu o livro que se chama *As muralhas de Jericó* que, dessa vez, eu participei porque eu datilografei o livro, eu vi onde ele ficou guardado. Ninguém quis editar o livro, o livro era um livro proibido (GUIMARÃES, 2011).

A proibição do livro *As Muralhas de Jericó* não só acarretaram o desligamento de Josué do PTB e sua consequente mudança para o Partido Socialista. O político acabou desiludindo-se com a vida política e sua carreira perto do poder não durou muito. Josué, desapontado com as retaliações sofridas, deixa de trabalhar com a política, direcionando seu trabalho apenas para o jornalismo. Contudo, sua voz não foi calada. Seu relato de viagem foi publicado em 2001, pela L&PM e pelo Instituto Estadual do Livro, colocando-se como o primeiro livro a ser considerado cronologicamente na obra do escritor. Ivan Pinheiro Machado, proprietário da editora e amigo de Josué, comenta sobre o fato:

Eu liberei (a publicação do livro) recentemente. Ele tinha me dado de presente para não publicar, mas eu liberei pessoalmente. Foi um presente pessoal dele pra mim. Eu só liberei porque foi uma edição muito conscienciosa, feita pelo Acervo Josué Guimarães. E eu entendo perfeitamente porque que ele não queria publicar as *Memórias de Jericó*. Eu entendo perfeitamente porque ele estava construindo a obra ficcional dele. *As Memórias de Jericó* é uma obra que não é uma obra de ficção, são textos jornalísticos praticamente. Então está muito ligado ao trabalho dele de jornalista, não que ele quisesse se distanciar do trabalho de jornalista. Eu acho que naquela época já se discutia essa questão da China, da União Soviética. É um livro político, é um livro que eu acho que é importante até pra se conhecer o Josué. (MACHADO, 2011, acréscimo nosso)

O impedimento da publicação da obra *As Muralhas de Jericó*, na época, pode, inclusive, ajudar a explicar o estilo desenvolvido pelo escritor para escrever suas crônicas, bem como a ficção que produziria anos mais tarde. Foi a partir da proibição da publicação de sua obra que talvez o jornalista tenha começado a pensar em maneiras de escrever sem ser silenciado, utilizando metáforas, alegorias e pseudônimos. Nas colunas *Um dia depois do outro*, publicada no jornal *Folha da Tarde* por D. Camilo e *Nosso pequeno mundo*, publicada no jornal *Hoje* por Peppone, em 1954 – ambos pseudônimos de Josué Guimarães – foi possível perceber os confrontos ideológicos entre as vozes que o constituíram como sujeito, após sua visita aos países por trás das Cortinas de Ferro.

4.3 Dom Camilo e Peppone

Os anos 1950 são considerados um marco no que se refere às transformações ocorridas na imprensa brasileira. Dentre elas, destaca-se o processo de profissionalização dos jornalistas. Nesse processo, o jornalismo adota técnicas discursivas e de apuração que o permitem afirmar-se com uma fala autorizada, já que passa do comentário subjetivo aos “ideais da objetividade, neutralidade e imparcialidade” (RANGEL, 2006, p. 1). Monique Benati Rangel (2006), em seus estudos em torno da história da imprensa brasileira, afirma que muitos dos veículos de comunicação do início do século XX já apelavam para as ideias de objetividade e de imparcialidade, sobretudo no processo de construção de sua autoimagem. Nos anos 1950, porém, tal estratégia de legitimação foi consumada através de mudanças de cunho mais prático, como com a retirada da emoção e com a neutralidade na hora de apurar e redigir uma matéria. No entanto, para compreender como essas alterações no modo de escrever de um jornalista aconteceram, é fundamental caracterizar a imprensa anterior a dos anos 1950.

De acordo com Rangel (2006, p. 2), a Constituição de 1946 e o desaparecimento dos órgãos censórios do Estado Novo fizeram com que o decreto 24.7776 de 1934 voltasse a vigorar no país, garantindo a livre manifestação do pensamento, após sete anos de censura. Além de alterar os jornais existentes, a abertura política também favoreceu o surgimento de novos títulos na imprensa brasileira. Os jornais *Tribuna Popular* e *Última Hora*, ambos publicados no Rio de Janeiro, tiveram grande importância no cenário político da época e são exemplos dessa mudança. Nesse período, surgiu uma imprensa popular associada a nomes políticos, como aconteceu com Getúlio Vargas que vinculou seu nome a Samuel Wainer, do jornal *Última Hora*. Nesse momento de reformas, a imprensa brasileira passou de um perfil marcadamente político para outro mais empresarial, ou seja, os órgãos jornalísticos deveriam ter dois objetivos essenciais, além de passar em suas matérias um teor político: identificar-se com o povo e tornar-se produto de largo consumo.

A maioria dos jornais e revistas do país, na época, concentrava-se nos pólos de maior expressão econômica, ou seja, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Tais veículos de imprensa podem ser “considerados muitas vezes como porta-vozes de seus proprietários ou de grupos relacionados a eles, a maioria tinha como característica intrínseca um jornalismo francamente político. Os ataques e elogios a figuras públicas eram explícitos” (RANGEL, 2006, p. 3). A linguagem utilizada pelos jornalistas era, na maioria das vezes, agressiva e os adjetivos empregados, na produção das notícias ou colunas, nem sempre eram “simpáticos”. Sua forma de escrever revelava a posição política defendida pelo jornalista e isso se tornava transparente para o leitor de sua produção.

Na década de 1950, os jornais eram divididos em matutinos e vespertinos. Os matutinos chegavam às bancas nas primeiras horas da manhã, enquanto os vespertinos chegavam por volta das 11 horas. Com um número maior de páginas, os matutinos eram mais minuciosos no tratamento das informações, tinham tom mais sério e analítico e opiniões de forte caráter doutrinário. Já os vespertinos tinham cunho mais sensacionalista e superficial, apresentavam grandes manchetes e davam uma importância maior às notícias locais. Sua linguagem era mais leve, sintética e direta do que a empregada nos matutinos. A produção intelectual desse período foi profundamente marcada pelo debate de ideias políticas, pelo anticomunismo e pela elaboração de projetos de desenvolvimento do país pelo olhar de cada jornalista e da ideologia que ele assegurava como a melhor para a sociedade brasileira, ou seja, era uma imprensa nacionalista:

Chamamos então de “imprensa nacionalista” o conjunto dos periódicos nos quais são veiculadas as ideias e propostas mais direta e explicitamente afinadas ou comprometidas com a defesa dos interesses nacionais brasileiros – vistos estes como potencial ou efetivamente contrários a outros interesses nacionais ou internacionais, ou ameaçados por eles. (RAMOS, 1996, p. 62)

Dentro desse contexto estão os jornais *Hoje* e *Folha da Tarde*, ambos publicados em Porto Alegre. O jornal *Hoje*²⁷ era uma publicação matutina, inaugurada em 1954 e sua redação era composta por João Maia Neto, um jornalista com formação em medicina, pelo capitão do exército, Erasmo Nascente, e por Josué Guimarães, que escreveu a coluna *Nosso Pequeno mundo*, sob o pseudônimo de Peppone. O jornal *Folha da tarde*²⁸ foi publicado pela Companhia Jornalística Caldas Júnior, de 1936 até junho de 1984. Criado em formato de tabloide, foi dirigido pelo novelista e jornalista Sérgio Jockymann e se destacou por colunas de opinião que driblavam represálias que pudessem surgir naqueles tempos conflituosos. Seus colunistas ousavam em suas alfinetas por publicarem com nomes falsos, como Josué, que escreveu a coluna, *Um dia depois do outro*, como D. Camilo.

Embora houvesse uma suposta “liberdade de imprensa”, garantida pela Constituição de 1946 e pelo desaparecimento dos órgãos censórios do Estado Novo, não era tão fácil assim para um jornalista escrever o que pretendia. Existia, na tal liberdade de imprensa, prevista pelo decreto número 24.7776 de 1934, a garantia da livre manifestação do pensamento. No entanto, a censura aos meios de comunicação pairava como uma nuvem negra sob a cabeça dos jornalistas. Alguns jornalistas viram-se ora acuados, ora coagidos a escrever aquilo que o dono do jornal ou os líderes governamentais gostariam que ele escrevesse. O medo de represálias fazia com que muitos dos jornalistas redigissem suas matérias sob a segurança de pseudônimos, assegurando, por meio da *invisibilidade*, o direito de expressar seus pensamentos. Josué Guimarães fez isso muitas vezes. Grande parte de sua produção jornalística foi assinada por pseudônimos, como Phileas Fogg, D. Xicote, D. Camilo e Peppone, esses dois últimos analisados neste trabalho.

A invisibilidade é “uma das arestas da autoria jornalística” (MAROCCO; LIMA; VIEIRA, 2014, p. 44). Conforme o artigo intitulado *As estratégias da invisibilidade em O Dia – contribuição para os estudos do pseudônimo* (2014), até meados do século XX, o jornalista

²⁷ Dados retirados do site Memória Famecos (PUCRS): Núcleo de Comunicação e Memória Institucional. Disponível em <<http://projetos.eusoufamecos.net/memoria/jornal-a-hora-surge-naquele-conturbado-ano-de-1954/>>. Acesso em 07 Jan. 2015.

²⁸ Dados retirados do site Museu da Comunicação Hipólito José da Costa - Destaques do acervo da imprensa. Disponível em <<http://www.museudacomunicacao.rs.gov.br/site/destaques/destaques-imprensa/>>. Acesso em 07 Jan. 2015.

muitas vezes abdicou da autoria para não abrir mão da objetividade que possibilitaria revelar os efeitos de sentido dos seus valores pessoais. Apesar de haver o intuito do uso da objetividade, o jornalismo é uma atividade de natureza humana e social, mediado pela subjetividade de cada um dos seus sujeitos-produtores e resultado do trabalho coletivo de vários sujeitos-enunciadores. Assim, em seus diferentes usos ao longo da história das mídias, o pseudônimo pode ser observado como:

[...] a assinatura ou o seu oposto, [...] a invisibilidade do autor, são constituídos por um fluxo de fala historicamente determinado e não-individualizado que pode apontar tanto para a responsabilidade legal do veículo como manifestar que foi um indivíduo de reputação e valores particulares que escreveu a notícia. O pseudônimo foi assim usado na imprensa norte-americana e inglesa, quando o jornalista pretendia se proteger de retaliações ou por razões políticas. A identidade falsa foi adotada na imprensa brasileira desde o período em que a presença de literatos na produção jornalística era significativa. O uso do anonimato ou do pseudônimo foi um subterfúgio para manterem oculta sua verdadeira identidade no trabalho literário e no jornalístico. (MAROCCO; LIMA; VIEIRA, 2014, p. 45)

O pseudônimo foi empregado na conjuntura política dos anos 1950 como uma alternativa aos jornalistas que pretendiam resguardar a verdadeira autoria, sobretudo nos textos em que o palavreado era carregado de insulto, calúnia, injúria aos governantes ou às classes engajadas em algum movimento político do país. Outra função do pseudônimo era a de ser uma ferramenta estratégica de conquista de leitores, já que os jornais da época visavam à tiragem de um número cada vez maior de exemplares. Nesse cenário, o veto legal ao anonimato não constrangia os jornalistas que relatavam as represálias sofridas como “[...] dificuldades de um ofício ainda pouco regulado, que se desenvolvia na prática. No mesmo espaço que inventariam a realidade diária, os jornalistas, ocultos igualmente por pseudônimos, fizeram circular princípios, regras e procedimentos do jornalismo” (MAROCCO; LIMA; VIEIRA, 2014, p. 46).

Todavia, torna-se perceptível, por meio das leituras sobre o jornalismo vigente nos anos 1950, que o uso do pseudônimo pode ter dado suporte a um autor coagido, que pretendia proteger-se de retaliações ou por razões políticas. Josué Guimarães pode ter usado a estratégia da *invisibilidade* para se manter oculto no embate político-partidário, para evitar futuras retaliações, afora aquelas já sentidas pela proibição da obra *As Muralhas de Jericó*, e para conquistar leitores para suas colunas. Fez isso por meio das colunas, *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do outro*, assinadas, respectivamente, por Peppone e D. Camilo, publicadas nos jornais *Hoje* e *Folha da tarde*, em 1954. Essas colunas caracterizavam-se por serem crônicas jornalísticas, por intermédio das quais Josué discorria sobre os fatos da atualidade,

correlacionando-os, na maioria das vezes, aos fatos inerentes à história que viveu na União Soviética e na China, em sua viagem entre os meses de março e abril de 1952. Para a produção de suas crônicas, Josué apoderou-se dos enunciadores D. Camilo e Peppone, personagens-sujeitos constituídos sócio- historicamente, e os converteu em “autores” da sua própria voz, dando-lhes a autoria daquilo que almejava expressar.

De outra parte, mesmo que não possa ser confirmada essa hipótese, mesmo que não se tenha como definir as razões dessa tomada de posição, é inegável que há um termo de literariedade nessa construção, um elemento ficcional na redação jornalística. Sob a inequívoca relação entre crônica e arte literária, como se pode perceber anteriormente neste trabalho – como gênero discursivo capaz de reunir jornalismo e literatura em um único espaço – a criação artística de Josué Guimarães, no texto jornalístico, parece assumir o que já se manifestava em *As muralhas de Jericó*, um discurso que se apoderou das projeções ideológicas do autor para ficcionalizar a objetividade. Se no livro censurado de Josué, “descrições vívidas e sensíveis” e “clímaxes nem sempre realizados” (REMÉDIOS, 2004), indicavam o quanto oscilava a subjetividade de quem testemunhava entre distintas posições, a de autor-ideólogo, a de autor-ficcionista e a de autor-repórter, algo semelhante parece ocorrer nas colunas *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do outro*, quando a própria posição ideológica é ficcionalizada em distintas manifestações discursivas. E isso se deu pela aproximação de ideias entre aquilo que almejava manifestar nas suas colunas e as posições ideológicas defendidas pelos dois personagens. Diante disso, torna-se necessária a explanação sobre a origem dos personagens que emprestaram suas vozes para que Josué Guimarães pudesse expressar a sua.

Em meados de 1945, Giovanino Guareschi (1908-1968), escritor, jornalista, humorista e cartunista italiano criou os personagens Dom Camilo e Peppone. Tais personagens configuravam histórias em quadrinhos publicadas na revista *Candido*²⁹, da qual Guareschi era um dos fundadores. O escritor italiano projetou retratar, através de seus quadrinhos, uma alegoria das contendas políticas do período italiano Pós-Segunda Guerra Mundial, opondo o pároco de uma cidadezinha — Dom Camilo — e o administrador socialista — Giuseppe Bottazzi —, mais conhecido como Peppone. Os personagens dos quadrinhos passaram a integrar, posteriormente, uma série de livros de contos que tornaram Guareschi um dos escritores mais importantes da Itália.

²⁹ A revista *Candido* foi inaugurada em 1945 e tinha como fundador Giovanino Guareschi. Era um semanário monarquista e satírico, cujas reportagens atacavam principalmente os socialistas e eram então usadas pelos blocos antisocialistas para seus propósitos. Dados retirados do sítio eletrônico *Giovanni Guareschi*. Disponível em <<http://web.onda.com.br/charlesb/citacao/GiovGuar.htm>> Acesso em 05 Jan. 2016.

Em 1952, Julien Duvivier, cineasta francês, adaptou os personagens dos contos de Guareschi para o cinema, produzindo uma série de filmes intitulados *Dom Camilo e seu pequeno mundo*. A série tornou-se uma das mais bem-sucedidas da indústria cinematográfica italiana nos anos 1950-1960, por narrar a história de uma rixa entre dois *inimigos cordiais*, Don Camillo, o pastor robusto que fala com o Cristo do altar-mor, e Peppone, prefeito socialista da aldeia, protagonizados respectivamente por Fernandel e Gino Cervi. Os personagens adaptados para o cinema representavam duas posições ideológicas inerentes ao contexto político italiano da época — a Democracia Cristã versus o Partido Socialista Italiano. O cenário dos filmes tem como pano fundo os anos do pós-guerra, logo após 1945. Nos filmes, a cidade escolhida para representar a dos livros de Guareschi foi Brescello, que atualmente mantém um museu dedicado a Dom Camillo e Peppone.

Camillo Tarocci é um sacerdote impetuoso, que se caracteriza por ser um homem grande, alto e forte e com os punhos duros. Na saga, Dom Camillo está constantemente em desacordo com o prefeito socialista, Giuseppe Bottazzi, mais conhecido como Peppone. O padre mantém laços estreitos com o crucifixo que se encontra no altar da sua igreja. Através dele, o pároco ouve a voz de Cristo que, delicadamente, repreende-o por sua impaciência com os problemas trazidos pelas pessoas da comunidade. O filme relata o cotidiano da pequena cidade por meio da desavença de dois inimigos declarados por suas diferenças ideológicas: enquanto Peppone faz discursos públicos sobre como os reacionários deveriam ser fuzilados, Dom Camillo prega “fogo e enxofre” contra os socialistas ateus. Apesar da inimizade, Peppone e Camillo têm em comum um interesse no bem-estar da cidade. Essa preocupação faz com que ambos acabem trabalhando juntos em circunstâncias peculiares, embora mantenham sempre a disputa. A bondade e generosidade de cada personagem podem ser vistas durante tempos difíceis. Eles dão uma trégua às suas contendas quando se está em perigo, quando uma inundação assola a cidade, quando a morte leva um ente querido, e, em muitas outras situações em que os dois "inimigos políticos" mostram o seu respeito mútuo um pelo outro, lutando lado a lado, mesmo que seja cada qual condicionado pelos papéis públicos que exercem na sociedade.

Na verdade, o que se vê nas telas é um socialista “ateu” que leva seus correligionários e sua família para a igreja para serem batizados, tornando-os, assim, parte do rebanho de Dom Camillo. Em contrapartida, Dom Camillo não condena Peppone, mas a ideologia do comunismo que está em oposição direta à igreja. Os socialistas são representados nas histórias como integrantes do único partido político com uma organização de base de massa na cidade – o Partido Socialista Italiano. Já o Partido Democrata Cristão, a principal força na política

italiana na época, não tinha uma organização política local. Em vista disso, a Igreja Católica, não oficialmente, mas muito obviamente, desempenha esse papel nos filmes. Dom Camillo, portanto, desempenha não só um papel religioso, mas um papel explicitamente político. A maioria das histórias da saga satiriza a divisão política entre a Igreja Católica e o Partido Socialista Italiano, por intermédio de tragédias acerca de cismas entre vizinhos, assassinato por motivos políticos e pessoais, vinganças em uma cidade pequena onde todos se conhecem, mas nem todo mundo gosta de todo mundo.

No Brasil, os filmes da saga dirigida por Duvivier chegaram aos cinemas no início dos anos 1950. Em 1954, a TV Tupi de São Paulo fez uma adaptação da obra cinematográfica para o formato de um seriado de humor³⁰, que ficou durante três anos no ar e que marcou pela inovação na linguagem televisiva na época de seu lançamento. O humor exagerado estava presente nas histórias de *O Pequeno Mundo de Dom Camilo*, uma chance de discutir temas sérios sob a lente da comicidade. O programa, a exemplo da obra de Giovanni Guareschi, trazia com humor escrachado uma inteligente sátira ao comunismo, no qual um padre católico, com suas grandes trapalhadas, vê sua religião e seus fiéis serem combatidos por um prefeito socialista e ateu.

Do ponto de vista de seu conteúdo ideológico, os filmes da saga protagonizada por Fernandel e Cervi representavam, por meio do pequeno mundo de Dom Camilo, “[...] o mundo do pequeno-burguês ainda à procura de uma identidade, não mais fascista, mas avessa ao comunismo, sem um papel específico na nova sociedade que vinha se estruturando e que buscava na recuperação de um vago humanismo o caminho para a paz” (FABRIS, 2013, p. 120). Esse mundo mostrado nas telas fica aparentemente à margem das grandes questões nacionais italianas, uma vez que elas eram reduzidas à dimensão do cotidiano e do familiar. A estudiosa em Artes Cinematográficas, Mariarosaria Fabris (2013), comenta, em seus estudos em torno da obra, que Dom Camilo foi visto, pelos telespectadores da época como um sonho da burguesia a respeito dos terríveis problemas que dividiam a humanidade. Conforme Fabris (2013, p. 121), a burguesia da época sonhava com um padre armado de metralhadora, brigão, forte, esperto, vitorioso e generoso, diante do qual está um prefeito socialista, ele também violento e brigão, mas menos forte do que o padre por estar totalmente desarmado do ponto de vista ideológico, devido a sua ignorância e a sua passionalidade. Dessa forma, a burguesia familiariza-se com a questão do comunismo, aproxima-se dele por intermédio dos filmes.

³⁰ Dados retirados do site *InfanTV*. Disponível em < <http://www.infantv.com.br/camilo.htm>>. Acesso em 05 Jan. 2016.

O sucesso de *Dom Camilo e seu pequeno mundo*, na época de sua exibição, deve-se principalmente a dois fatores: de um lado, a série faz descrição do contraste social e ideológico contemporâneo ao período de sua exibição e, de outro, a redução desse contraste, pela humanização dos representantes de duas ideologias divergentes, um padre simpático e turbulento e um revolucionário não menos simpático e bonachão. Fabris comenta sobre o sucesso da série:

Que inesperado mecanismo de massa tinha sido acionado? Simplesmente tinha acontecido que, num dos países mais politizados do mundo, o público se achava diante de um filme que falava de política e falava dela em termos de atualidade, chamando em causa diretamente os grandes protagonistas da vida coletiva, católicos e socialistas. (FABRIS, 2013, p.122)

Ao analisar os filmes da série *Dom Camilo e seu pequeno mundo*, é possível concluir que, apesar da inimizade declarada e das incontáveis discussões, Dom Camilo e Peppone tinham objetivos não muito diferentes a serem alcançados. As ideologias que cada personagem representava na obra são incompatíveis, mas suas buscas por um mundo melhor, seja aos camaradas seja ao rebanho da paróquia, são as mesmas, pois “[...] antagonistas políticos, se refletirmos bem, são feitos da mesma matéria, são movidos pelos mesmos instintos, têm as mesmas aspirações, acreditam nos mesmos valores, sonham com a mesma coisa” (FABRIS, 2013, p. 124). O que os difere, então, são as formas como cada um busca um mundo melhor por intermédio da ideologia em que acredita. Josué Guimarães, com a mesma dicção irônica que caracterizou a sátira de Giovanino Guareschi quanto à divisão política entre a Igreja Católica e o Partido Socialista Italiano, irá apropriar-se das posições e vozes das personagens do escritor, jornalista, humorista e cartunista italiano, para deixar manifestarem-se duas vozes, duas posições, opostas ideologicamente, como representantes dos discursos que se articulavam nos dois lados da “muralha”.

5 O ENTRECruzAMENTO DAS VOZES

A fecundidade da criação literária está, também, relacionada com os momentos históricos mais intensos e com o enaltecimento político-ideológico de determinado contexto. Assim, entre História e Literatura, há uma aliança: ou a Literatura é, ela própria, um fenômeno histórico, seu valor é o seu lugar na História, ou o fato histórico pode ser captado

dentro da Literatura, imanente ao texto. Por entre o engendramento de História e Ideologias, apareceram D. Camilo e Peppone, sujeitos sócio-históricos e ideologicamente constituídos, moradores de Porto Alegre e cronistas do jornal *Folha da tarde* e *Hoje*. Eram tidos, na época da publicação das suas crônicas, como dois inimigos, não tanto irreconciliáveis, quanto, sob certo ângulo, complementares. Um era padre, um intelectual, que cuidava de uma pequena paróquia em uma vila pobre da cidade, outro era socialista, homem rude, de poucos recursos, que confrontava os desmandos de um governo distante de seus ideais de sociedade. Tais cronistas nada mais eram do que a criação de um único homem: Josué Guimarães.

Segundo Bakhtin (2003, p. 94), não é possível representar o mundo ideológico do outro sem lhe dar sua própria ressonância, sem deixar fluírem suas palavras, signos ideológicos por excelência. Concebidos, por Josué Guimarães, para serem projeções ideológicas opostas, os “cronistas” D. Camilo e Peppone carregavam em si não a voz do jornalista, mas as vozes de outros, tanto dos que preteritamente os criaram e os recriaram, como Giovanino Guareschi e Julien Duvivier, quanto as dos sujeitos que se identificavam com as ideologias em conflito. E, desse emaranhado polifônico, os cronistas forjaram suas próprias vozes: é deles a autoria das crônicas das colunas, *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do outro*; são eles que, revestidos de discursos pretéritos, falam sobre o cotidiano que os envolve. Diante disso, torna-se importante frisar que o discurso literário contribui para a construção de identidades sociais, de relações sociais e de sistemas de conhecimento e de crença, cuja reprodução e cujas transformações cabem às práticas discursivas. A relação entre a produção das crônicas de Guimarães e o contexto sócio-histórico que as conceberam, bem como a vinculação da autoria do pensamento do jornalista pelos seus pseudônimos, pode ser contemplada por intermédio dos pressupostos de Mikhail Bakhtin, segundo os quais, no discurso literário:

[...] o autor se realiza e realiza o seu ponto de vista não só no narrador, no seu discurso e na sua linguagem [...], mas também no objeto de narração e também realiza o ponto de vista do narrador. Por trás do relato do narrador nós lemos [...] o relato do autor sobre o que narra o narrador, e [...] sobre o próprio narrador. Percebemos nitidamente cada momento da narração em dois planos: o plano do narrador, na sua perspectiva expressiva e semântico-objetal, e no plano do autor que fala de modo refratado nessa narração e através dela. [...]. (BAKHTIN, 1998, p. 118)

Josué, ao forjar tanto seus pseudônimos quanto suas crônicas, usou os discursos dos outros que permeavam sua consciência. Esses discursos foram incorporados ao longo de sua vida, vieram das suas experiências pessoais e profissionais. São discursos que ele aceitou, que ele refutou, mas que o construiu como um sujeito capaz de tecer opiniões, de levantar

polêmicas, de fazer comparações. As crônicas de Josué não nasceram do nada, são construções discursivas que dialogam com a palavra de outrem, com a história, com as ideologias pertinentes a esta história e com a história de vida do próprio Josué. Não são novas palavras, e sim a reconstrução das palavras dos outros. Esse pensamento sobre a criação das crônicas, *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do outro*, dialoga diretamente com a seguinte afirmação de Bakhtin:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos do diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas); eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo” (BAKHTIN, 2003, p.410).

O capítulo pertinente às análises se apresenta, então, da seguinte forma: a primeira seção mostrará os indícios linguísticos que estabelecem as relações dialógicas entre os cronistas D. Camilo e Peppone e os personagens cinematográficos da saga *Dom Camilo e seu pequeno mundo*. A segunda seção abordará o confronto entre as vozes ideológicas que estão incorporadas às crônicas. Essas vozes, tidas como antagônicas, não só estabeleciam as identidades de D. Camilo, um padre antisocialista, e de Peppone, um socialista, mas também serviram como alicerce para que Josué pudesse expressar o que realmente desejava: fazer denúncias contra um governo autoritário e criticar o sistema econômico e político liberalista que regia o Brasil na época. A terceira seção analisará as relações interdiscursivas entre as crônicas, *Nosso pequeno mundo* e *Um dia após o outro*, com o discurso pretérito que, supostamente, foi o potencializador das crônicas de Josué: a obra *As Muralhas de Jericó*. Nesta seção, será demonstrada, por meio de fragmentos retirados das crônicas e de fragmentos retirados da obra, a intrínseca relação dialógica existente entre os diferentes discursos proferidos por Josué. Ao fazer críticas sobre as injustiças sociais, sobre a miséria e sobre os malefícios acarretados pelo sistema político e econômico brasileiro, Josué acaba por, também, implicitamente, dialogar com suas memórias de viagem. A Rússia e a China mostraram ao jornalista uma forma de governo justo para com seus cidadãos. As diferenças entre os países que adotaram o socialismo e o Brasil estão implicitamente demonstradas nas crônicas. Por isso, nelas se escutam as vozes socialistas e as vozes capitalistas.

5.1 Os pseudônimos e as vozes

Josué Guimarães retratou, em 1954, diferentes ideologias por meio das crônicas *Um dia depois do outro* e *Nosso pequeno mundo*. Supostamente, ao projetar suas crônicas, o jornalista viu-se diante de um dilema: como apresentar a realidade brasileira da época sem sofrer retaliações? Josué, que havia mergulhado em uma realidade quase utópica na sua viagem à União Soviética e à China, em 1952, tinha em si discursos pretéritos que o legitimavam como um sujeito habilitado a fazer comparações entre as ideologias capitalista e socialista. Para exprimir críticas a um governo autoritário, que levava o país à miséria tanto material quanto intelectual, conseqüente do sistema econômico que regia a política brasileira, o jornalista deu voz a dois personagens cinematográficos que faziam sucesso na época: Dom Camillo e Peppone. Como já mencionado, esses personagens representavam ideologias contrárias, a capitalista e a socialista. Sendo provável dizer que o escritor tencionava fazer uma comparação entre a realidade brasileira, vítima das demandas capitalistas, e a realidade soviética, considerada uma potência mundial graças ao regime socialista que adotara, através das suas crônicas, a apropriação dos personagens de Giovanino Guareschi tornou-se mais do que adequada para as ambições de Josué.

Na concepção de seus pseudônimos, o escritor apropria-se de parte da forma pela qual Guareschi exprimiu as suas ideias, ou seja, da obra alheia, para atribuir aos personagens criados pelo escritor italiano a autoria da criação intelectual das crônicas, *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do Outro*. Dessa forma, Josué usufruiu das vantagens advindas da autoria de uma obra já existente para adaptar os seus propósitos pelo viés da composição, ideias ou expressão de outrem, de partes ou passagens de obras alheias. Ao projetar seus pseudônimos, o jornalista não contou apenas com um discurso pretérito, uma única voz. Os pseudônimos, D. Camilo e Peppone, são, em primeiro lugar, criações do antisocialista Giovanino Guareschi; em segundo lugar, adaptações para o cinema de Julien Duvivier; em terceiro lugar, representados pelos atores Fernandel e Gino Cervi. Josué apodera-se dos personagens cinematográficos, que dialogavam com inúmeros outros discursos, oriundos de sujeitos diferentes, como enunciadores do seu discurso. No entanto, acredita-se que, no intuito de autenticar um dos pseudônimos como “autor” de suas crônicas, Josué apresenta o ator Fernandel como o novo integrante da redação do jornal Folha da Tarde:

Figura 3: Apresentação de D. Camilo. Publicada no jornal Folha da Tarde, sem data.



ALJOG/UPF

Mediante essa publicação, pode-se notar que Josué Guimarães incorporou à redação do jornal *Folha da Tarde* o ator Fernandel, que representava o personagem Dom Camillo nas telas do cinema. Contudo, não é a voz do ator que se projeta nas crônicas de Guimarães e, sim, a voz do personagem cinematográfico D. Camilo, visto que as crônicas são assinadas por este e não por Fernandel. Dentro dessa perspectiva, faz-se possível atrelar os conceitos de dialogismo e polifonia às crônicas analisadas neste trabalho, visto que, ao enunciar, Josué utiliza-se de vozes alheias e, junto com elas, elabora uma interlocução que fomenta uma construção de novos pontos de vista. O jornalista apresenta a voz do “autor” das suas crônicas, o qual assume a responsabilidade pelas enunciações. A concepção dos cronistas D. Camilo e Peppone, dentro dessa reflexão, torna-se dialógica.

As crônicas *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do outro*, quando analisadas em relação à situação concreta de suas comunicações discursivas, estão cobertas de uma série de palavras do *outro* em diferentes graus de alteridade. Tal afirmativa é pertinente quando atrelada ao pensamento de Bakhtin (2003, p. 299), que diz que todo “[...] enunciado se verifica como um fenômeno muito complexo e multiplanar, se não o examinamos isoladamente [...], mas como um elo na cadeia da comunicação discursiva e da relação com outros enunciados a ele vinculados”. Nesse contexto, dialogar, referenciar, buscar, no pensamento alheio, os pontos-chave para as construções autorais não impede a emissão de novos argumentos, críticas, oposições ou concordâncias, pois “[...] a unidade real da língua não é enunciação monológica, individual e isolada, mas a interação de pelo menos duas enunciações, isto é, o diálogo” (BAKHTIN, 2006, p.146).

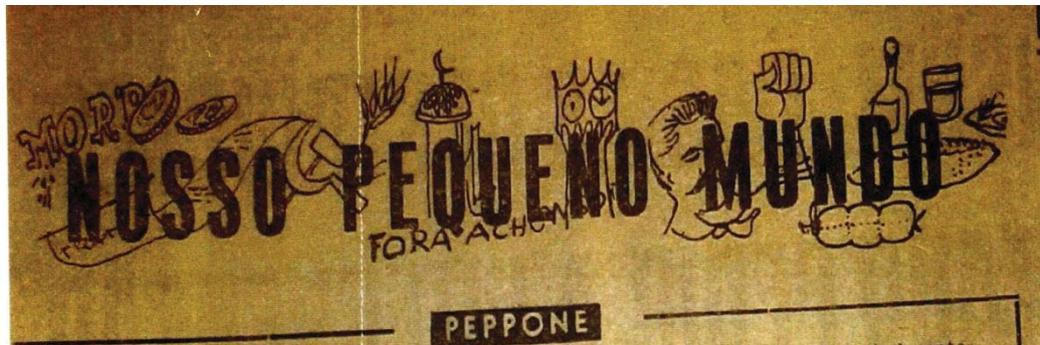
Dessa forma, o autor de um enunciado configura um quadro cíclico, em que ele se constitui como um *eu* que reflete, modifica, responde e completa o *outro*. Ainda que Josué tenha incorporado às suas crônicas os discursos de outrem, permeados de diferentes vozes,

estas não se apagaram, ao contrário, uniram-se à voz do jornalista para se completarem como as vozes de D. Camilo e Peppone. Tal afirmação torna-se possível, se vinculada ao pensamento de Bakhtin que diz:

A enunciação do narrador, tendo integrado na sua composição uma outra enunciação, elabora regras sintáticas, estilísticas e composicionais para assimilá-la parcialmente, para associá-la a sua própria unidade sintática, estilística e composicional, embora conservando, pelo menos sob uma forma rudimentar, a autonomia primitiva do discurso de outrem, sem o que ele não poderia ser completamente apreendido (BAKHTIN, 2006, p. 145).

Nas crônicas analisadas e naquelas instituídas como *corpora* desta pesquisa, não foi encontrada a vinculação do cronista Peppone ao personagem cinematográfico. No entanto, a relação dialógica com o personagem pode ser percebida tanto nas discussões que o cronista impunha contra D. Camilo – as quais serão posteriormente referenciadas neste trabalho – quanto no título da coluna de Peppone, bem como nas ilustrações apresentadas como fundo do título, conforme figura abaixo:

FIGURA 4: CABEÇALHO DA CRÔNICA DE PEPPONE: publicação do jornal *Hoje*, sem data.



ALJOG/UPF

Num primeiro momento, ao analisar o cabeçalho das crônicas de Peppone, pode-se deparar com a retomada de um enunciado pré-estabelecido: “Nosso pequeno mundo”. Esse enunciado era conhecido por ser parte do título da obra de Guareschi e da produção cinematográfica dirigida por Duvivier. O título de ambas as obras era *Dom Camillo e seu pequeno mundo*. Josué, ao elaborar o título das colunas de Peppone, cita um texto pretérito e produz um novo enunciado. Bakhtin (2006, p. 144), ao referir-se às relações dialógicas entre textos, afirma que “o discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação”. A citação do título pode não configurar como mera compilação de Josué Guimarães ao

produzir as crônicas, sem nenhum objetivo estilístico mais elaborado. Em geral, quando o autor de uma obra decide utilizar a citação, ele tem como objetivo indicar possibilidades de interpretação aos seus leitores. Por conseguinte, é uma maneira de o autor demarcar o caminho a ser percorrido pelo leitor para que este chegue à alma do texto. O que se torna permissível falar aqui é que Josué, por meio da citação direta, procurou relacionar o nome de Peppone ao de D. Camilo. O diálogo proposto por Guimarães, ao forjar o título das colunas assinadas por Peppone, pode ter sido proposital.

A citação do texto *Nosso pequeno mundo* é intertextual e dialógica, visto que o escritor apropriou-se tanto do texto de outra pessoa, quanto de seu discurso. Quando um texto insere-se em uma relação dialógica, ele se torna um enunciado. Fiorin (2006, p. 180), ao comentar sobre intertextualidade, acrescenta que “[...] o enunciado é da ordem do sentido; o texto é do domínio da manifestação. O sentido não pode construir-se senão nas relações dialógicas. Sua manifestação é o texto e este pode ser considerado como uma entidade em si.” Dessa forma, há uma distinção entre as relações dialógicas entre enunciados e aquelas que acontecem entre textos. Assim, qualquer relação dialógica é considerada *interdiscursiva*, mas a *intertextualidade* só acontece em casos nos quais a relação discursiva é materializada em textos, como acontece na composição do título da coluna assinada por Peppone.

A citação, como um processo de incorporação de um texto a outro, “pode confirmar ou alterar o sentido do texto citado” (FIORIN, 2003, p. 30). Sendo assim, a citação incorpora algum sentido ao texto, preservando ou alterando o sentido original. Quando a citação conserva o sentido original do elemento citado, ela fortalece os vínculos entre as duas obras. Em contrapartida, o elemento citado pode aparecer com o intuito de adaptá-lo à realidade interna do texto ou mesmo ao contexto em que se insere. Não é possível afirmar com exatidão se Josué tinha o objetivo de interferir no sentido do enunciado *Nosso pequeno mundo*. Contudo, sob o olhar da pesquisadora, é possível dizer que o pequeno mundo de Dom Camilo referia-se à pequena cidade italiana onde os confrontos entre os inimigos políticos aconteciam. Já na realidade brasileira, contemporânea à publicação da coluna *Nosso pequeno mundo*, escrita pelo socialista Peppone, é possível ver a alusão de como pequeno era o mundo dos socialistas e dos comunistas que militavam no país e de como limitada poderia ser essa militância em vista das retaliações que poderiam sofrer. De qualquer forma, sendo esses os motivos ou não de Josué usar a citação como elemento de construção de seu enunciado, é certo dizer que, em toda a citação, há uma intencionalidade, ela nunca é casual, pois a sua presença evoca uma posição de intercâmbios múltiplos de sentidos.

Outra forma de apresentar o colunista Peppone e, por conseguinte, relacioná-lo ao seu rival D. Camilo, foi a utilização de símbolos imagéticos inseridos como fundo do título das crônicas *Nosso pequeno mundo*. Não se sabe exatamente se Josué recorreu à ilustração, que provavelmente foi feita por ele, visto que também era ilustrador, para relacionar os pseudônimos Peppone e D. Camilo. Todavia, assim como no título, acredita-se que o jornalista pretendia manipular a leitura das crônicas, conectando o nome Peppone a um adepto das ideologias comunista/socialista. É possível identificar, na figura abaixo, as representações simbólicas a que Josué recorreu para conferir identidade ao cronista Peppone:

FIGURA 5: Ilustração da crônica *Nosso pequeno mundo*. Publicação do jornal *Hoje*, sem data.



ALJOG/UPF

Um leitor, por mais desatento ou desprovido de vasto conhecimento das ideologias comunista ou socialista, é capaz de perceber, por meio das imagens inseridas na crônica *Nosso pequeno mundo*, que elas se associam a alguém simpatizante ao socialismo ou ao comunismo. Isso acontece porque as relações entre o homem e a realidade são mediadas por signos e símbolos sociais e culturais. As imagens simbólicas foram utilizadas pelo homem, desde o início de sua história, com o intuito de se buscar explicações para a própria existência e para compensar a angústia causada pelo desconhecimento da lógica do mundo. Tais elementos habitam o imaginário e possuem a capacidade de reunir as imagens do inconsciente ao consciente.

Sendo a consciência individual um fato sócio-ideológico, constitui-se de um arquivo mental de práticas sociais, de discursos e de conteúdos simbólicos, apreendidos na relação interativa com outros sujeitos e com a história. A formação da consciência leva o sujeito à compreensão das coisas através dos signos e este é, conforme Bakhtin (2006), um elemento de natureza ideológica. A compreensão é vista pelo filósofo da língua da seguinte maneira:

A compreensão não pode manifestar-se senão através de um material semiótico (por exemplo, o discurso interior), que o signo se opõe ao signo, que a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos. Afinal, compreender um signo consiste em aproximar o signo apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma

resposta a um signo por meio de signos. E essa cadeia de criatividade e de compreensão ideológicas, deslocando-se de signo em signo para um novo signo, é única e contínua: de um elo de natureza semiótica (e, portanto, também de natureza material) passamos sem interrupção para um outro elo de natureza estritamente idêntica. Em nenhum ponto a cadeia se quebra, em nenhum ponto ela penetra a existência interior, de natureza não material e não corporificada em signos. (BAKHTIN, 2006, p.32)

O homem vive ladeado de signos, cria signos para representar tudo o que quer, interpreta os signos naturais para entender os fenômenos da natureza e, acima de tudo, convencionam-se com a finalidade de perpetuar a consciência humana. Mas é bom ressaltar que a consciência só pode, segundo Bakhtin (2006), ser entendida como tal quando se enche de conteúdo ideológico e interage com outras consciências. Isso quer dizer que nenhum signo tem valor absoluto fora da interação social, ou seja, à margem do contexto, seja ele o contexto do próprio signo, seja o contexto dos interlocutores que o utilizam como elemento de implementação, reflexão e transformação do ideológico, analisado segundo limites de espaço e tempo.

Ao elaborar o cabeçalho da crônica de Peppone *Nosso pequeno mundo*, Josué empregou alguns símbolos comunistas. Esses símbolos carregam valores da ideologia socialista e encontram-se incorporados às consciências dos sujeitos a que a eles tiveram acesso em algum momento de suas vidas. Todavia, essas imagens serão compreendidas pelos sujeitos que atrelam a elas os valores que o contexto social e histórico que o envolve permite. Por exemplo, se a cruz é vista, em uma determinada comunidade linguística, como representação de Cristo, é provável que os sujeitos dessa comunidade assim a verão, exceto aqueles que tiverem, em suas consciências, outra voz, oriunda de outro discurso, que anuncie que a cruz pode ter qualquer outra significação, menos a antes exemplificada. Portanto, as imagens que representam signos ideológicos também são atravessadas por múltiplas vozes, também são dialógicas, pois só serão compreendidas nas relações do sujeito com os discursos que o constituem como tal.

Das imagens inseridas no cabeçalho da crônica de Peppone, serão analisadas as três mais conhecidas pelo seu valor interdiscursivo com o ideário comunista. O primeiro símbolo a ser analisado é aquele mais difundido pela ideologia: a foice e o martelo. A foice e o martelo³¹ fazem parte do conjunto de ícones que identificam todo movimento simpatizante do

³¹As definições sobre os símbolos socialistas foram retirados do artigo de Rodrigo Rodrigues Tavares *A foice e o martelo: história e significado do símbolo socialista*, publicado nos Anais II Encontro Nacional de Estudos da Imagem, congresso realizado pela UEL, Londrina-PR, em 2009. Disponível em <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Tavares_Rodrigo%20Rodrigues.pdf>. Acesso em 03 Jan. 2016.

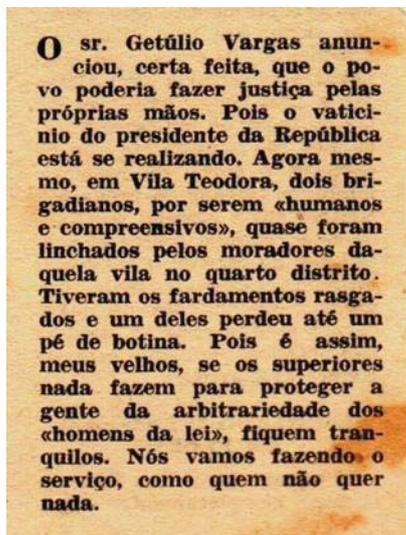
pensamento comunista/socialista, situadas mais à esquerda do espectro político. Um dos mais importantes ícones do século XX – a foice e o martelo – figuraram em várias bandeiras, símbolos e brasões por todo o globo. Ao lado da estrela vermelha, é a principal representação gráfica das ideias defendidas por Marx, Engels e Lênin. Ali se faz presente a essência das ideologias, com o proletariado da classe trabalhadora sendo representado pelo martelo e o camponês das áreas rurais, pela foice. Bakhtin chega a comentar sobre essa simbologia ao tratar dos signos ideológicos:

[...] um instrumento não possui um sentido preciso, mas apenas uma função: desempenhar este ou aquele papel na produção. E ele desempenha essa função sem refletir ou representar alguma outra coisa. Todavia, um instrumento pode ser convertido em signo ideológico: é o caso, por exemplo, da foice e do martelo como emblema da União Soviética. A foice e o martelo possuem, aqui, um sentido puramente ideológico. Todo instrumento de produção pode, da mesma forma, se revestir de um sentido ideológico. (BAKHTIN, 2006, p. 30)

Outro símbolo utilizado por Josué é a mão fechada. Na verdade, esse símbolo faz parte da estrela vermelha de cinco pontas com a mão fechada dentro. A estrela é mais um símbolo do comunismo e significa os cinco continentes da Terra. A mão fechada dentro dela significa os cinco dedos do trabalhador. A mão também representa os cinco grupos sociais que levam a nação ao comunismo: a juventude (gerações futuras), o exército (defesa do socialismo), os trabalhadores industriais (produção de bens de consumo), os trabalhadores agrícolas (produção de alimentos) e intelectuais (criticam e melhoram a teoria e a prática de vida para alcançar o comunismo). Outra imagem atrelada ao comunismo encontrada no cabeçalho da crônica de Peppone é o rosto de Lênin, estadista russo responsável pela implantação do socialismo na URSS.

Dentro das análises das imagens inseridas no cabeçalho das crônicas de Peppone, é possível dizer que Josué programou estabelecer uma identidade ao seu pseudônimo. Essa identidade pode ser reconhecida pela relação do cronista ao ideário comunista. Sendo o cronista Peppone um militante do socialismo, ele pode ser, também, relacionado dialogicamente com o personagem cinematográfico, pois este representava, no filme, a ideologia comunista. Outra forma de estipular uma identidade aos cronistas Peppone e D. Camilo, é pela forma discursiva que Josué instituiu a cada um dos seus pseudônimos. Peppone, identificado como socialista, é um homem rude, que não tem muito cuidado com a escolha das palavras ao escrever. Suas colunas soam como um manifesto que influencia os leitores a tomar posições mais drásticas do que somente refletir sobre os acontecimentos relatados. Pode-se perceber isso no discurso abaixo:

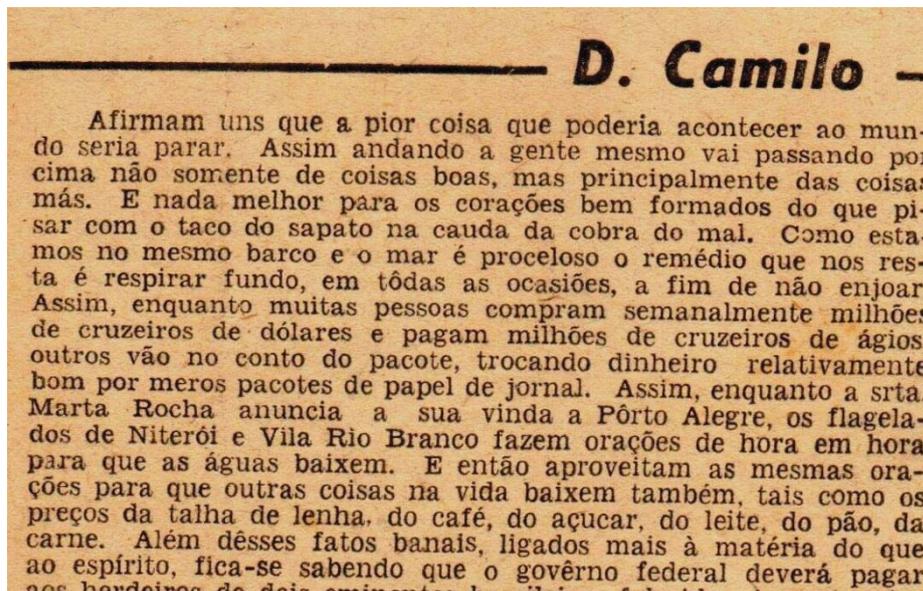
FIGURA 6: fragmento da crônica de Peppone, publicada no jornal Hoje, sem data.



ALJOG/UPF

O trecho acima faz referência a um episódio em que a polícia militar sofreu agressões dos moradores da Vila Teodora em consequência da violência com que eles impunham a ordem naquele tempo. Esse é um discurso bastante recorrente em várias crônicas de Peppone e D. Camilo. No discurso acima, mais especificamente no trecho “Pois é assim, meus velhos, se os superiores nada fazem para proteger a gente da arbitrariedade dos ‘homens da lei’, fiquem tranquilos. Nós vamos fazendo o serviço, como quem não quer nada”, nota-se que a escolha lexical de Josué é simples. O jornalista, através de uma história que não se sabe se é real ou não, tranquiliza seus “velhos” amigos, pois ele e parte da população da “Vila Teodora” irão posicionar-se de forma rígida frente aos abusos dos homens da lei. Tal postura é pertinente a um revolucionário, a um homem que não aceita o desregramento político e militar. Ao ler esse fragmento da coluna de Peppone, pode-se constatar que se trata de um cronista ousado e destemido, que fala o que lhe passa pela cabeça, afronta e ameaça. Dele emana uma voz revolucionária e subversiva, ou seja, uma voz da ideologia socialista, já que era assim que era compreendida a ideologia por aqueles que não a conheciam profundamente.

Já nas crônicas de D. Camilo, é possível identificar o cronista como um padre pela sua “pregação religiosa”. Diferente de Peppone, que influencia seus leitores a atacar, D. Camilo usa um tom mais sereno ao relatar os fatos ocorridos em volta da sua paróquia. Adaptando essa serenidade em suas narrativas, o pároco induz seus leitores à reflexão e a uma mudança de comportamento mais próxima daquelas previstas pela Igreja Católica. A forma utilizada por D. Camilo para produzir suas crônicas pode ser vista na figura abaixo:

FIGURA 7: *Um dia depois do outro*. Publicação sem data.

ALJOG/UPF

Nessa crônica, D. Camilo faz uma crítica aos meios de comunicação que enaltecem a volta ao país da então Miss Universo, Marta Rocha, em que a imprensa deixa de lado a publicação de coisas mais pertinentes, como a situação de flagelo em que se encontravam as famílias de Niterói e de Vila Rio Branco, devido às enchentes. A reflexão “doutrinária” do padre pode ser vista no emprego de expressões como “a gente mesmo vai passando por cima não somente de coisas boas, mas principalmente de coisas más”, o cronista institui um diálogo que parece orientar os “crentes” sobre questões mais espirituais do que materiais. Através de um enunciado metafórico, D. Camilo tem o propósito de levar os féis “de coração bem formado” à contemplação dos males do mundo, para que eles pisem “com o taco do sapato na cauda da cobra do mal”. Dessa forma, o cronista tenciona fazer com que seus leitores pautem sobre os acontecimentos da vida e sua relação com os princípios cristãos. A pregação, enquanto prática social, pode ser caracterizada como um discurso que expressa e difunde um sistema de crenças e valores éticos, morais e espirituais, como visões de mundo e do homem, que são transmitidos, validados e legitimados por membros de diferentes religiões. No caso de D. Camilo, a palavra Dom tem seu valor axiológico relacionado à monarquia e à Igreja Católica, o que leva a crer que os leitores da coluna associavam o pseudônimo a um padre católico. A identidade de D. Camilo é, então percebida, pela valoração do signo Dom e pela forma discursiva utilizada pelo cronista.

Josué Guimarães, ao criar as crônicas *Um dia depois do outro* e *Nosso Pequeno mundo*, contou com a liberdade propiciada por esse gênero discursivo híbrido. Na construção das crônicas, o escritor empregou formas discursivas distintas para compor seus pseudônimos. Tais textos são preenchidos pelo discurso literário, que se apodera de elementos ficcionais e a eles liga os fatos reais contemporâneos à época das suas publicações. Apesar de estar incorporada ao jornalismo, na crônica, a literalidade se faz possível, pois comporta desde a ficção até o relato subjetivo dos fatos. Josué valeu-se tanto da funcionalidade dos pseudônimos, quanto da literalidade pertinente à crônica jornalística para expor suas formas de ver o mundo, de comparar ideologias diferentes, estabelecidas em países diferentes, de criticar e levantar hipóteses de como transformar a sociedade em que estava inserido em um mundo melhor e mais justo.

5.2 O conflito

Da fusão de tantos discursos, do enfrentamento de tantas vozes, as crônicas *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do Outro* ficaram conhecidas em 1954. O que chamava muita atenção dos leitores das crônicas eram as discussões entre D. Camilo e Peppone, que se tornaram públicas graças à exposição das cartas que trocavam entre si. Mesmo alguns xingamentos manifestam-se no desentendimento sob aspectos sem possibilidade de acordo, sobre as várias questões que faziam parte do cotidiano da população brasileira naquele período. Era uma briga tanto pessoal quanto política, herdada da rixa existente na série dos filmes *D. Camilo e seu pequeno mundo*. Josué não retoma o duelo entre os personagens cinematográficos apenas como mera estilística para produzir as crônicas, ele tinha um objetivo maior que apenas manter as características dos personagens já conhecidos pelo público dos cinemas. Ele se valeu de uma briga já existente para alçar um novo combate: fazer duras críticas ao sistema político brasileiro e, conseqüentemente, provocar, nos seus leitores, a vontade de mudança. As crônicas de D. Camilo e Peppone eram, então, envolvidas por um confronto ideológico, expressadas por inúmeras vozes, vozes estas que perpassavam a cabeça de um esquerdista convicto, de um militante socialista, que tinha vivido na Rússia a realidade que queria para o Brasil.

Dentre as 64 crônicas acondicionadas no Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF), apenas quatro apresentam a troca epistolar de ofensas, sendo uma de Peppone, duas em que D. Camilo cita diretamente seu rival e a última em que D. Camilo apenas cita o nome de Peppone, mas não se dirige a ele. Dessas quatro, foram estabelecidas como *corpora*

para as análises desta seção as duas crônicas de D. Camilo que citam diretamente Peppone, e a réplica do cronista, único documento em que Peppone retruca D. Camilo.

A primeira crônica que aqui será apresentada foi publicada em 25 de maio de 1954, e se encontra na íntegra na figura abaixo:

FIGURA8: Carta de D. Camilo para Peppone. Publicada na coluna *Um dia depois do outro*. Crônica publicada em 25 de maio de 1954.

D. Camilo

Peppone:

Quebro o meu silêncio mantido com tanto carinho. Afinal, um cristão não faz nada de mais se perdoar seus inimigos. Apesar de todas as tuas patifarias e dessa acendrada burrice que te caracteriza és filho de Deus e como tal deves ser tratado. Escrevo para desabafar um pouco. Confesso que sempre te achei dum sectarismo cretino ao viver afirmando que só os estrangeiros têm lucros nesta terra. Afinal eu não tinha certeza se eram ordens do Cominform para confundir os cristãos. Pois agora deparo com uma notícia que afirma que o próprio sr. João Goulart andou declarando, um dia desses, que apenas 22 companhias usufruem, elas só, a quarta parte dos lucros totais das companhias existentes no Brasil. Veja só! São coisas, aliás, ditas pela própria Conjuntura Econômica. E falam em Brazilian Traction, Bond and Share, Standard Oil, Belgo Mineira, Shell Mex e outras. Isso me dá mais



tristeza menos pelo dinheiro que afinal vai para fora do que por ser forçado a concordar contigo que vives a dizer asnicas e a bater por paus e por pedras. Ainda ontem fiquei quase duas horas na janela do torreão lateral, ao cair da tarde, pensando coisas. A minha vizinhança a passar de volta do trabalho. Gente simples. Peppone, que come um feijão com arroz mal cozido e que ainda acha tempo para vir ao salão paroquial se divertir, contar casos, dançar. Os filhos vão para a escola com sapatos de tênis, caindo aos pedaços, e como merenda levam pedaços secos de pão. Nessas manhãs de frio, depois da geada que ainda alveja a grama, eles andam encolhidos, a soltar baforadas de ar quente. Sob as calças uns joelhos bolotudos e as pernas acaniçadas. Amanhã eles serão operários, como os pais. Gente que mal sabe carregar um pedaço de pau de um lado para outro. Sem nenhum conhecimento técnico. E essas companhias estrangeiras, meu velho ateu, a sugar todo o nosso sangue. Por isso é que eu tenho visto fotografias dos seus operários, lá longe, vestindo uns macacões engomados e calçando luvas de couro. Pudera! São quinhentos pares de mão a sustentar cada mão estrangeira! Não vou escrever muito, não. Hoje estou com mais disposição para ficar na janela, mastigando velhas coisas, pesando muito pecado que a humanidade e os homens praticam. Qualquer dia um inimigo da religião é capaz de inventar por aí que a nossa amizade, em que pesem os cachações e algum trompaço bem dado, esconde qualquer identidade política. Imagina, eu fazendo parte da tua grei sem civilização e sem amor, sem compostura e sem religião! Mas essa gente, meu bom ateu, é capaz de tudo. Lê esta carta e queima o papel. Abençoa a criança por mim. E recebe um abraço saudoso de quem te quer ver no bom caminho. D. Camilo”.

lhos bolotudos e as pernas acaniçadas. Amanhã eles serão operários, como os pais. Gente que mal sabe carregar um pedaço de pau de um lado para outro. Sem nenhum conhecimento técnico. E essas companhias estrangeiras, meu velho ateu, a sugar todo o nosso sangue. Por isso é que eu tenho visto fotografias dos seus operários, lá longe, vestindo uns macacões engomados e calçando luvas de couro. Pudera! São quinhentos pares de mão a sustentar cada mão estrangeira! Não vou escrever muito, não. Hoje estou com mais disposição para ficar na janela, mastigando velhas coisas, pesando muito pecado que a humanidade e os homens praticam. Qualquer dia um inimigo da religião é capaz de inventar por aí que a nossa amizade, em que pesem os cachações e algum trompaço bem dado, esconde qualquer identidade política. Imagina, eu fazendo parte da tua grei sem civilização e sem amor, sem compostura e sem religião! Mas essa gente, meu bom ateu, é capaz de tudo. Lê esta carta e queima o papel. Abençoa a criança por mim. E recebe um abraço saudoso de quem te quer ver no bom caminho. D. Camilo”.

ALJOG/UPF

A crônica 25 de maio de 1954 trata tanto da conjuntura brasileira de então, ao referir os capitais que invadem a economia do país, quanto de um elemento importante: uma espécie de conciliação de pontos de vista, ambos de acordo quanto a realidade social dos mais pobres. Ambos concordam com o fato de companhias estrangeiras sugarem “todo o nosso sangue”. A

relação dialógica confirma-se explicitamente ao endereçar D. Camilo o discurso a Peppone, estabelecendo um vínculo interdiscursivo entre os dois cronistas e os personagens da saga *D. Camilo e seu pequeno mundo*. No caso das análises pertinentes a este trabalho, a citação do nome “Peppone” torna-se o primeiro indício, manifestado linguisticamente, da relação dialógica existente entre os personagens, o que o contrapõe a imagem de um pároco escrevendo uma missiva, aparentemente, talvez, desagradado por ter de concordar com o desafeto. Ao trazer as rixas entre os inimigos para dentro do jornal, Josué apoderou-se de discursos pré-estabelecidos para construir um novo discurso. Nos filmes, os personagens confrontavam-se pessoalmente e suas discussões eram desencadeadas pelas questões sociais e políticas da pequena cidade onde os protagonistas viviam. Ao adaptar as desavenças para o jornal, os confrontos são feitos por meio da troca epistolar em termos discordantes, que ora, em algum ponto, podem fazer concordar um padre e um ateu. Assim, de um discurso proferido por João Goulart, futuro presidente deposto, um termo de trégua parece aproximar o contraditório: o Brasil da época era uma nação explorada pelas potências estrangeiras e os pobres estavam condenados às condições de grandes dificuldades.

Ao moldar as discussões de Peppone e D. Camilo na forma de crônicas, usando como recurso estilístico a exibição da correspondência entre os dois, Josué intenta fazer delas o fio condutor para aquilo que realmente queria expressar. Pode-se perceber, na leitura da crônica acima ilustrada, que a briga, na realidade, é apenas uma âncora para a expressão de algo maior para Josué – a denúncia – e, por isso, a crônica é exibida integralmente. Contudo, num primeiro momento, serão consideradas as vozes existentes dentro desse enunciado de D. Camilo. A primeira delas é a voz ideológica de um padre, que se sente numa posição de superioridade hierárquica frente ao inimigo. Essa superioridade está implicitamente expressa na frase “Afinal, um cristão não faz nada de mais se perdoar seus inimigos”. Tal postura do pároco pode ser assim estabelecida se relacionada dialogicamente com a ideologia cristã, que estabelece que os sacerdotes são seres divinos, escolhidos por Deus para o representarem aqui na Terra. Então, como bom cristão, D. Camilo não faz mais que sua obrigação natural e divina de “perdoar os inimigos”.

Conforme Oliveira (2014), a postura dos sacerdotes católicos de se colocar como uma autoridade representante de Deus, capaz de perdoar os pecados mais sórdidos, era, na verdade, uma tática para desestruturar as ações socialistas. Para comprovar o emprego dessa tática de estancamento da propagação da ideologia socialista, Oliveira vale-se da fala do padre José Marins, pároco da cidade de Pirambu, Aracaju, que declara:

Diante dos socialistas a linha de ação foi ofensiva positiva. Invadir o terreno com trabalho construtivo. Nada de “anti” pelo “anti”, nada de ataques inúteis e provocadores. Procuramos promover o que havia de bom no bairro e tentamos chegar primeiro às metas e problemas a serem resolvidos. Surgira uma sociedade para promoção do Bairro. Uma das primeiras preocupações nossa foi a de os cristãos do grupo de liderança, nela ingressassem. Procurassem torná-la ainda mais atuante e incorporassem-na ao trabalho amplo, que havíamos planejado para o conjunto da paróquia e do bairro. (MARINS, 1965: 60oliveira, 2014, p. 61).

De acordo com Oliveira (2014), a estratégia aplicada pelo padre Marins acabou por fazer com que muitos operários militantes do comunismo se integrassem aos trabalhos da paróquia, por intermédio da qual “aqueles que se diziam socialistas acabaram ‘mudando de amores’, trocaram o comunismo pelo Evangelho” (OLIVEIRA, 2014, p. 51). A benevolência, o perdão e a caridade eram utilizados como suporte para um discurso que visava a deter os ideais revolucionários socialistas, estabelecendo, assim, limites políticos bem claros, em que sua atuação não pudesse ultrapassar o esquema de uma socialdemocracia. Dessa forma, “a perspectiva de atuação tradicional com apelo à caridade, ao lado da presença forte da hierarquia católica, marcou uma forma de expressão da Igreja: a tentativa de desenvolver ação social incorporando os operários socialistas no convívio com os ideais cristãos” (OLIVEIRA, 2014, p. 95).

Outra voz presente na ideologia cristã está no discurso antisocialista, proferida pelo alto clero da instituição. Ao analisar a declaração de D. Camilo, “Apesar de todas as tuas patifarias e dessa acendrada burrice que te caracteriza és filho de Deus e como tal deves ser tratado”, podem-se perceber duas vozes. A primeira é a de um padre que, apoiado na superioridade hierárquica concedida pela Igreja Católica, posiciona-se respeitosamente frente ao inimigo socialista. A segunda voz se faz presente nos termos “patifarias” e “burrice”, que demonstram a antipatia do pároco pelo sujeito socialista. Essa conduta de D. Camilo pode ser oriunda de um fato histórico ocorrido em 1949, quando o Papa Pio XII excomungou todos os católicos que colaboraram com organizações socialistas, por meio do *Decreto contra o comunismo*³². Nesse discurso, a Igreja Católica insere, em sua ideologia, que os socialistas não podem ser vistos como sujeitos cristãos, visto que suas ações são contrárias àquilo que prega o cristianismo. Rosa de Luxemburgo, em seu artigo *O Socialismo e as Igrejas* (2002),

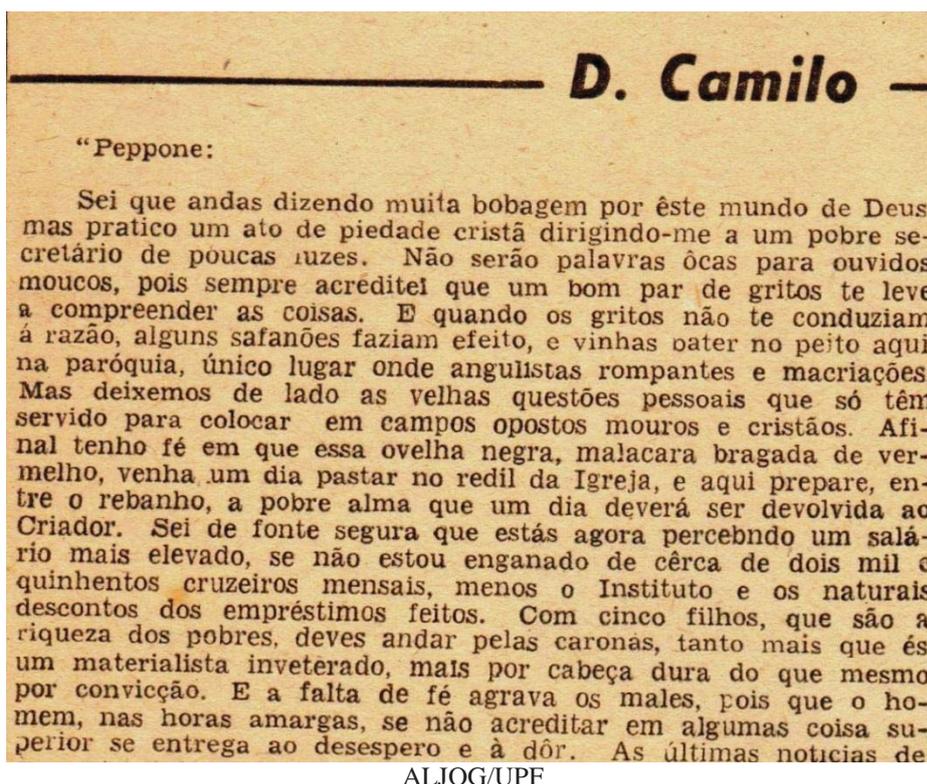
³²O *Decreto contra o comunismo* foi publicado pelo Santo Ofício no dia 1 de julho de 1949, durante o pontificado do Papa Pio XII. O documento confirmou a excomunhão automática de todos os católicos que, em obstinação consciente, defendessem o comunismo ou colaborassem com organizações socialistas e afins. Para a Igreja Católica, o comunismo é, de fato, materialista e anticristão. Embora declarem às vezes em palavras que não atacam a religião, os socialistas demonstram, de fato, quer pela doutrina, quer pelas ações, que são hostis a Deus e à Igreja de Cristo. Dados retirados do artigo A excomunhão dos socialistas, publicado pelo padre Rodrigo R. Pedroso. Disponível em <<http://diocesedeuruacu.com.br/wp-content/uploads/2015/05/A-Ex-Comunh%C3%A3o-dos-Socialistas.pdf>>. Acesso em 16 Jan. 2016.

comenta sobre a antipatia da Igreja Católica e de seus sacerdotes ante as pessoas ditas comunistas ou socialistas:

Desde o momento em que os trabalhadores da Polônia e da Rússia começaram a lutar corajosamente contra o governo czarista e contra os exploradores capitalistas, notamos cada vez com mais freqüência que os padres, nos seus sermões, se lançam contra esses trabalhadores que lutam. É com extraordinário vigor que o clero combate os socialistas e tenta, por todos os meios, minimizá-los aos olhos dos trabalhadores. Os crentes que vão à igreja, aos domingos e dias festivos, são compelidos, cada vez mais a ouvirem um violento discurso político, uma verdadeira denúncia do Socialismo, em vez de ouvirem um sermão e nele obterem consolação religiosa. Em vez de confortarem as pessoas, que estão cheias de preocupações, e cansadas pela vida difícil, e que vão à igreja com fé no Cristianismo, os padres fulminam os trabalhadores que estão em greve e os opositores do Governo; e ainda mais, exortam-nos a suportar a pobreza e a opressão com humildade e paciência. Transformaram a igreja e o púlpito num lugar de propaganda política. (LUXEMBURGO, 2002)

O socialismo e o comunismo foram condenados pela Igreja Católica por terem o mesmo objetivo: a revolução. As pessoas que aderem a essas doutrinas são definidas, segundo a Igreja Católica, como materialistas que rejeitam a religião, a moral, o direito, Deus, a Igreja, os direitos da família e do indivíduo. Conforme Luxemburgo (2002), a diferença entre as duas ideologias está no método empregado por cada uma para implantar a ideologia em um determinado lugar: os socialistas desejam implantar suas ideias pela imediata ditadura do proletariado e os socialistas recorrem a meios "legais" para obter o mesmo objetivo. Esses meios legais seriam eleições, greves, agitações sem derramamento de sangue, entre outros.

Os adjetivos acima citados, se relacionados aos estudos de Luxemburgo (2002) sobre as relações entre o alto clero da Igreja Católica e a Ideologia Socialista, foram empregados por D. Camilo na produção de outra carta dirigida a Peppone, publicada em 11 de junho de 1954:



O texto acima é o recorte de uma crônica em que D. Camilo critica o aumento de preços de produtos eletrônicos como máquinas de lavar e ferros modernos, de que provavelmente as pessoas pobres, como Peppone, nunca saberão da existência. A carta para Peppone, na verdade, é mais uma crítica ao governo – que, ao mesmo tempo em que aumenta o salário do socialista, aumenta todo o resto do custo de vida dos brasileiros – do que um embate ideológico, apesar das ofensas que o padre dirige ao socialista no início do texto. Tais ofensas, expressas pelos enunciados “malacabra bragada de vermelho” e “és um materialista inveterado”, consolidam as vozes inseridas no discurso antisocialista empregado pela Igreja Católica. As palavras “vermelho” e “materialista”, nesse contexto, carregam um valor axiológico capaz de caracterizar os adeptos das ideologias comunista/socialista. Há, no texto, uma espécie de caracterização do sujeito Peppone, tanto na sua condição material, quanto nas suas posições políticas. D. Camilo descreve Peppone como um pai de família, com filhos que são sua única riqueza, que, mesmo assim, não deixa de ser um sujeito de voz e de posições socialistas defendidas veementemente, de um defensor de um determinado programa rejeitado pelo padre.

Conforme as declarações de Tavares (2009), no seu artigo sobre a simbologia socialista, a cor vermelha está fortemente associada ao comunismo e isso se tornou imanente na consciência popular coletiva. E, por estar vinculada aos ideais socialistas, ao sindicalismo e

às manifestações populares, a cor vermelha foi difundida nas bandeiras de República Popular da China e da União Soviética, por representar o sangue vertido nas lutas históricas das duas nações. O materialismo, como já mencionado através dos estudos de Luxemburgo (2002), era a forma como o papado descrevia os adeptos às ideologias socialista e comunista.

Faraco (2009, p. 55) comenta que “qualquer elemento da realidade que, por decorrência de condições socioeconômicas de determinado grupo humano, entra no horizonte social daquele grupo, é recoberto de índices sociais de valor e, nessas condições, torna-se objeto do dizer daquele grupo”. O objeto de dizer é expresso em palavra e esta é, para Bakhtin (2006), tomada como um signo ideológico, que permite a compreensão de determinadas visões de mundo, isto é, toda e qualquer palavra recebe um índice de valor ou outro, a depender das situações e dos lugares sociais assumidos pelos sujeitos da interação. As palavras escolhidas pelo cronista para referenciar Peppone são produtos ideológicos envoltos em discursos já estabelecidos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto (palavra) não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que o circundam. A palavra, então, tomada como signo ideológico, refrata uma realidade, como comenta Bakhtin:

eis por que a palavra não apenas designa um objeto como uma entidade pronta, mas também expressa por sua entonação minha atitude valorativa em relação ao objeto, em relação àquilo que é desejável ou indesejável nele, e, desse modo, movimenta-o em direção do que ainda está por ser determinado nele, transforma-o num momento constituinte do evento vivo em processo. (BAKHTIN *apud* FARACO, 2009, p. 24)

A escolha das palavras de Josué, na criação da crônica assinada por D. Camilo, pode, também, estar relacionada à compreensão que o jornalista obteve frente aos discursos católicos. Conforme os postulados bakhtinianos, compreender não é apenas se posicionar discursivamente sobre um discursivo, mas apropriar-se dos discursos do outro para a constituição de uma nova enunciação, é contra-argumentar o discurso do outro com suas próprias palavras. Isso não quer dizer que compreender é opor-se a determinado discurso, mas usar o discurso anterior para a formação do discurso-resposta. Compreender é responder a um determinado enunciado e cada enunciado é um elo de uma cadeia muito complexa de outros enunciados. Cada homem encontra o mundo e seus discursos já existentes, não acabados. Assim, o locutor terá uma autonomia relativa em relação a tais discursos, mas será também um respondente desses enunciados. Os discursos de D. Camilo, por mais que pareçam dele, estão contaminados por outros discursos. São outras vozes que se fundiram na voz do

cronista, de forma a parecer que são suas as outras vozes. Essa reflexão leva diretamente ao pensamento de Bakhtin, segundo o qual:

[...] em todo enunciado, contanto que o examinemos com apuro, levando em conta as condições concretas da comunicação verbal, descobriremos as palavras do outro ocultas, ou semi-ocultas e com graus diferentes de alteridade. Dir-se-ia que um enunciado é sulcado pela ressonância longínqua e quase inaudível da alternância dos sujeitos falantes e pelos matizes dialógicos, pelas fronteiras extremamente tênues entre os enunciados e totalmente permeáveis à expressividade do autor. (BAKHTIN, 2003, p. 318)

Voltando novamente os olhos para a primeira crônica analisada, publicada no dia 25 de maio de 1954, pode-se perceber nela outra voz. Quando D. Camilo menciona o comentário de Peppone, que diz que “só os estrangeiros têm lugar nesta terra”, não se percebe mais a voz de um padre, e sim, a voz de um cidadão que não aceita a abertura do Brasil para a instalação de empresas estrangeiras. O cronista, através da fala “[...] apenas 22 companhias usufruem, elas só, a quarta parte dos lucros totais das companhias existentes no Brasil. Veja só. [...] Isso me dá mais tristeza menos pelo dinheiro, que afinal vai para fora, do que ser forçado a concordar contigo”, deixa de lado a voz de um simples pároco de uma vila pobre e institui a voz de um nacionalista, e aqui está a voz de Josué:

[...] éramos extremamente nacionalistas, fazíamos a campanha “O petróleo é nosso”. Mentíamos o pau na Esso. O gerente comercial desesperado, dizia que a Esso havia prometido mais páginas de anúncios, se mudássemos de linha, mas é claro que não mudamos. (INTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006, p.24-25)

Como já mencionado, na época da publicação das crônicas assinadas por D. Camilo e Peppone, Josué integrava o Partido Socialista Brasileiro (PSB). O engajamento de Josué ao partido foi consequente ao seu rompimento com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Ao que tudo indica, o rompimento deu-se, principalmente, pela proibição da publicação da obra *As Muralhas de Jericó*. Josué, desiludido com as retaliações sofridas e com a forma pela qual os governantes conduziam o Brasil, inseriu-se no partido que melhor se aproximava da vertente socialista que pretendia seguir. O PSB³³ tinha como objetivo combinar as transformações sociais com ampla liberdade civil e política. Baseava-se num conceito amplo de esquerda e pregava um socialismo construído de forma gradual e legal, através do nacionalismo e da defesa da democracia. O Partido não considerava a intervenção do Estado como alternativa para a implantação da ideologia socialista no país. Ao contrário, acreditava

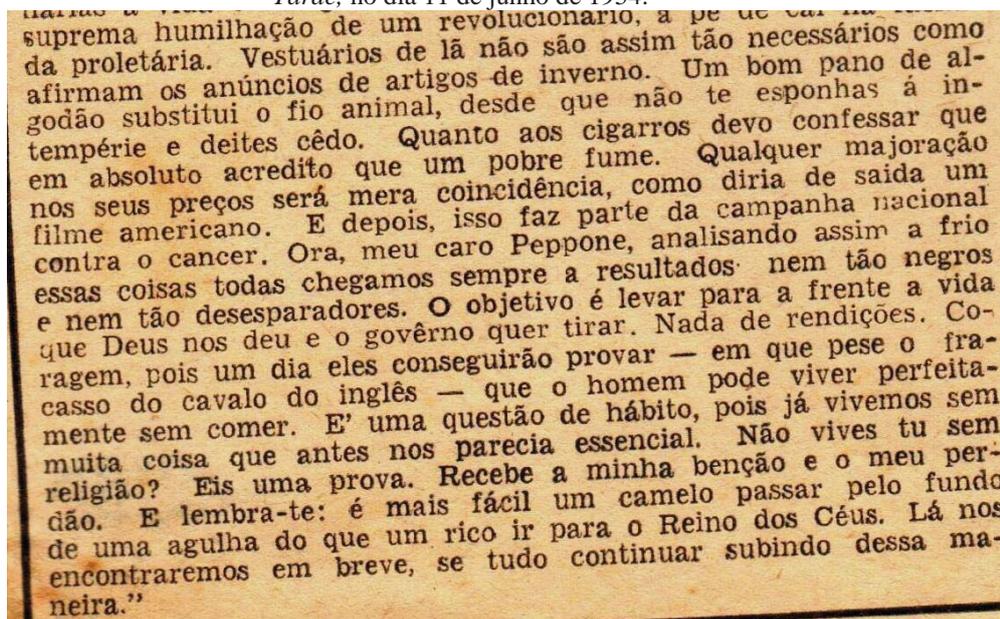
³³ Dados retirados do site PSB40. Disponível em <<http://www.psb40.org.br/fixa.asp?det=10>>. Acesso em 17 de Jan. 2016.

que a mudança iria realizar-se gradativamente, até a transferência, ao domínio social, de todos os bens possíveis capazes de criar riquezas, mantendo a propriedade privada nos limites das possibilidades de utilização pessoal, sem prejuízo do interesse coletivo. Entre as prerrogativas que sustentavam o partido, estava o fato de seus correligionários optarem pelo nacionalismo, e não pelo liberalismo.

Como já mencionado, Josué tinha, supostamente, como objetivo principal na produção das crônicas, *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do outro*, denunciar as desigualdades e as injustiças sociais provindas do sistema político e econômico praticado no país naquele período. Na primeira crônica analisada, a denúncia está implicitamente demarcada pelo relato do padre sobre a pobreza da sua vizinhança, sobre a escassez do dinheiro para a compra de comida e roupas decentes, e relaciona a vida miserável de seus vizinhos às demandas capitalistas do liberalismo, que levavam para fora as riquezas que poderiam ser distribuídas entre “a gente que mal consegue carregar um pedaço de pau de um lado para o outro”. D. Camilo faz uma dura crítica ao liberalismo ao dizer “E essas companhias estrangeiras, meu velho ateu, a sugar todo o nosso sangue”. D. Camilo encerra a carta a Peppone da mesma forma que começou, dirigindo ao amigo “cordiais ofensas”: “Imagina, eu fazendo parte da tua grei sem civilização e sem amor, sem compostura, e sem religião!” Mas, apesar de ter de manter sua postura de padre e seguir com as disposições da Igreja Católica, D. Camilo é adepto da mesma indignação de Peppone, o que leva a crer que os dois estão do mesmo lado.

Na segunda crônica, a denúncia também é apresentada. Esta pode ser observada no fragmento abaixo:

FIGURA10: fragmento da crônica *Um dia depois do outro*, de D. Camilo, publicada no jornal *Folha da Tarde*, no dia 11 de junho de 1954.



ALJOG/UPF

D. Camilo comenta, nesse trecho da carta endereçada a Peppone, sobre as coisas que vê da torre da sua paróquia. “Vestuários de lã não são assim tão necessários como afirmam os anúncios de artigos de inverno”. “Quanto aos cigarros devo confessar que em absoluto acredito que um pobre fume”. “O objetivo é levar para a frente a vida que Deus nos deu e o governo quer tirar”. “Coragem, pois um dia eles conseguirão provar [...] que o homem pode viver perfeitamente sem comer.” Por entre essas frases, pode-se perceber a voz do militante contrário à ideologia capitalista, ideologia esta que torna miserável a vida da “vizinhança” do padre. Diante das observações feitas nas duas crônicas de D. Camilo, desenvolvidas em forma de cartas endereçadas a Peppone, percebe-se algo em comum: o confronto entre os cronistas era apenas o alicerce para a construção de denúncias e críticas ao governo brasileiro e ao sistema econômico e político que regia o país e, que os dois, apesar de estarem em lados opostos, defendem a implantação de um sistema governamental mais justo com o povo brasileiro.

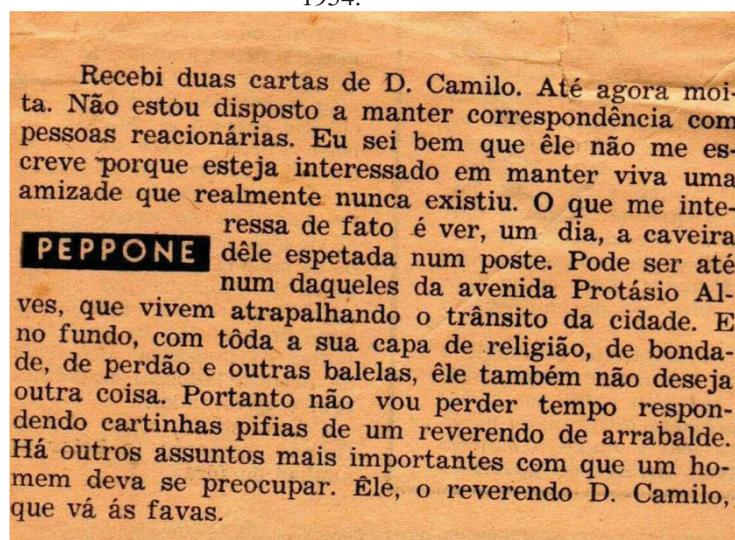
O mundo que nos rodeia, segundo Bakhtin (2003), está povoado de vozes de outras pessoas, e estas vozes são palavras no sentido de enunciados. Bakhtin, em uma de suas reflexões, declarou: “Vivo em um mundo povoado de palavras alheias. E toda a minha vida, então, não é senão a orientação no mundo das palavras alheias, desde assimilá-las, no processo de aquisição da fala, e até apropriar-me de todos os tesouros da cultura” (2003, p. 347). Ao fazer esse comentário, Bakhtin não falava sobre si, obviamente. Para ele, todo ser humano tem a sua vida orientada pela palavra alheia. Com D. Camilo, isso não se faz

diferente, mesmo sendo ele a identidade secreta de outra pessoa. Ao escrever suas crônicas, o autor-criador, Josué Guimarães, concede a autoria da crônica *Um dia depois do outro* a D. Camilo, que não apenas registra passivamente os eventos da vida, mas, a partir de certa posição axiológica, recorta-os e reorganiza-os esteticamente e dá forma ao conteúdo que quer expressar.

A estreita correlação entre as cartas de D. Camilo, encaminhadas a Peppone, e a situação concreta de sua enunciação emergem do universo de valores em que o jornalista Josué Guimarães estava inserido. As ideologias das quais Josué tinha conhecimento, seus valores, sua atitude responsiva, frente aos discursos que emanavam de cada ideologia, estão representadas nas crônicas de forma dialógica com os valores que conceberam D. Camilo: um padre caridoso, antisocialista e crítico ao governo.

A fusão de Josué Guimarães e D. Camilo tornou possível a concretização das crônicas. Estas podem ser estabelecidas como a atitude responsiva de Josué frente às palavras dos outros. Ao mesmo tempo em que respondeu aos discursos anteriores, esperou por uma resposta, por uma posição socioaxiológica frente ao que ele havia dito. As crônicas de D. Camilo constituíram-se a partir de outros enunciados. São, portanto, uma réplica destes. Dois de seus enunciados, apresentados aqui, foram direcionados a uma determinada pessoa: Peppone, que se posicionou frente a eles e os respondeu, como se pode observar na figura abaixo:

FIGURA11: fragmento da crônica *Nosso Pequeno mundo*, de Peppone, publicada no jornal *Hoje*, em 1954.



O fragmento da crônica acima ilustrada faz parte de uma crônica maior, em que Peppone faz duras críticas à conduta da polícia na Casa de Correção de Porto Alegre. Nesse texto, o cronista relata a violência com que os militares tratam os detentos da prisão, castigando-os com duras penas e levando-os a condições de sobrevivência quase subumanas. Assim como as cartas de D. Camilo, Peppone também usou como introdução a uma denúncia a inimizade entre os dois, o que leva a crer que Josué utilizou esse recurso estilístico na composição das crônicas dos dois antagonistas. Esta é a única crônica de Peppone, conservada no ALJOG/UPF, que cita o nome de D. Camilo e que responde a ele. É, portanto, o único documento de Peppone que comprova a desavença entre os dois cronistas e que os relaciona, interdiscursivamente, aos personagens cinematográficos da obra *Dom Camilo e seu pequeno mundo*. Peppone inicia seu texto comentando que havia recebido duas cartas de D. Camilo. Esse fato tornou-se até curioso no levantamento dos dados para as análises desta dissertação, visto que somente duas cartas de D. Camilo foram encontradas como documentos comprobatórios da relação de desafeto entre os dois cronistas. Diante desse fato, algumas questões foram levantadas: será que, de todas as crônicas de D. Camilo, são apenas as duas apresentadas aqui as que ligam seu nome ao de Peppone por meio de cartas? Será que não houve outras cartas? Afinal, Peppone afirma que havia recebido apenas duas. Será que a troca epistolar entre os dois, bem como as agressões desferidas, estão resumidas nos três documentos aqui apresentados? Não foi possível responder a essas questões, visto que não foram encontrados indícios de que as cartas limitam-se ao que aqui está apresentado, ou não, pois nem todas as crônicas de Peppone e D. Camilo foram conservadas pela família de Josué.

O que se pode afirmar, ao ler a réplica de Peppone, é que Josué Guimarães apropriou-se da rixa entre os personagens cinematográficos e os adaptou como seus pseudônimos, para que eles assumissem a autoria das crônicas *Um dia depois do outro* e *Nosso pequeno mundo*. Como esperado, já que assim acontecia nos filmes da saga *D. Camilo e seu pequeno mundo*, Peppone lança insultos contra o padre como “reacionário” e “reverendo de arrebalde”. Ao cotejar discursivamente o cronista com o personagem cinematográfico, a atitude de Peppone em não querer responder o padre com uma retórica bem elaborada, era prevista. No filme, Peppone é um homem de rompantes, rude. Não há nele os requintes que existem em Dom Camilo. Como Josué apossou-se de um personagem já existente, manteve, em seu pseudônimo, a mesma conduta do personagem cinematográfico.

O socialista, ao responder às duas cartas de D. Camilo, não o faz diretamente ao seu rival. Ele relata, aos leitores de sua coluna, que havia recebido correspondências do padre, mas que não perderia seu tempo em respondê-las. A adversidade de Peppone contra o pároco

evidencia-se na passagem: “Eu sei bem que ele não me escreve porque esteja interessado em manter viva uma amizade que realmente nunca existiu. O que me interessa de fato é ver, um dia, a caveira dele espetada num poste. [...] E no fundo, com toda a sua capa de religião, de bondade, de perdão e de balelas, ele também não deseja outra coisa”. Essa postura inexorável de Peppone a D. Camilo leva a crer que, mesmo com o assentimento do padre, como visto na primeira crônica analisada, o socialista não faz concessões sobre um futuro relacionamento amigável entre os dois.

Ao estabelecer relações dialógicas entre os enunciados dos pseudônimos de Josué, podem-se identificar, na crônica de Peppone, as vozes antagônicas aos discursos proferidos por D. Camilo, sendo estes o antisocialismo pregado pela Igreja Católica e a postura benevolente dos sacerdotes cristãos que intentavam “catequizar” os revolucionários socialistas. Quatro vozes aparecem com maior evidência em uma única passagem do enunciado de Peppone: a anti e a pró-socialista, a religiosa doutrinária e a revolucionária socialista. Essa constatação leva às considerações de Fiorin sobre vozes ideológicas, segundo as quais:

Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado. Portanto, nele ouvem-se sempre, ao menos, duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, estão aí presentes. Um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele constrói. (FIORIN, 2008, p. 24)

A relação contratual empreendida entre as cartas de D. Camilo e a réplica de Peppone se fez no ponto de tensão das diferentes vozes sociais que ali se digladiam. Se a sociedade é dividida em grupos sociais com interesses divergentes, conseqüentemente, os enunciados serão o espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são, inevitavelmente, o lugar da contradição. O que é constitutivo das diferentes posições sociais que circundam numa dada formação social é a contradição. O contrato se faz com uma das vozes de uma polêmica.

O enunciado de Peppone, como qualquer outro enunciado, constituiu-se em relação aos enunciados que o precederam e que o sucederam na cadeia de comunicação. Na sua composição, foram incorporadas as vozes de outros. Nesse caso, o dialogismo é uma forma composicional, são maneiras externas e visíveis de que um autor se utiliza, consciente ou inconscientemente, para mostrar outras vozes no discurso. No caso da réplica de Peppone, não há demarcações nítidas entre as vozes. Elas misturam-se, mas, apesar disso, são claramente percebidas, se cotejadas com as cartas de D. Camilo, o que significa que Josué realmente pretendeu um embate ideológico entre seus pseudônimos.

Nas análises feitas sobre as crônicas que representavam as correspondências trocadas entre D. Camilo e Peppone, foi possível a constatação de alguns fatores relevantes à construção desses enunciados, bem como da construção dos cronistas fictícios. É admissível afirmar que Josué Guimarães apropriou-se dos personagens cinematográficos e das ideologias que eles representavam – a liberal e a socialista – para transpor a eles sua voz. As criações de Giovanino Guareschi, já estabelecidas como inimigos irreconciliáveis, tornaram-se o suporte ideal para que Josué pudesse expressar, nas suas crônicas, o mesmo embate ideológico existente nos filmes. Nas crônicas, é o cenário que muda. As discussões entre os oponentes não diz mais respeito à pequena cidade cenográfica dos filmes nem ao contexto sócio-histórico da Itália, ao conflito entre a Democracia Cristã e o Partido Socialista Italiano, mas à sociedade brasileira, dividida em pólos pela “muralha”, representados pela vizinhança do padre e pelos camaradas de Peppone – termo que o cronista utilizava para designar seus companheiros de luta. Josué atribuiu aos seus pseudônimos sua voz, suas crenças, seus valores. Apropriou-se da desavença entre dois adversários ideológicos para falar sobre essas ideologias, para compará-las e para, conseqüentemente, denunciar o sistema político e econômico brasileiro. O povo sofria, e algo deveria ser feito. As denúncias de Josué, inseridas implicitamente nas crônicas de D. Camilo e Peppone, foram a forma encontrada pelo jornalista de posicionar-se contra um governo reacionário e contra um sistema econômico que visava à exploração das classes menos favorecidas.

5.3 Os discursos vindos das “muralhas”

Em 1952, ao conhecer a Rússia e a China, Josué Guimarães envolveu-se intimamente em uma ideologia até então conhecida teoricamente por ele: o comunismo. Ao participar do cotidiano e explorar o funcionamento da vida dos russos e dos chineses, o jornalista acabou por conversar com várias pessoas durante sua estadia. Essas pessoas contavam-lhe sobre como era a vida no país, como o governo socialista havia reerguido um país falido e sobre como o sistema econômico socialista havia trazido benefícios para o povo, principalmente para a classe operária. Josué não apenas ouviu, ele viu. Se o que lhe mostraram foi somente o que queriam mostrar, não se sabe. Josué era um intelectual, que tinha acesso às notícias sobre os países do bloco socialista. Não era um homem ingênuo, trazia consigo discursos capazes de fazê-lo refletir com sensatez sobre o que via e ouvia. E, justamente, por querer sanar uma “[...] espécie de incompreensão de um repórter ocidental que olha uma praça, um palácio, a neve e que ainda não entendeu o mecanismo que move aquela gente lá em baixo, sem

conflitos e sem apreensões” (GUIMARÃES, 2001, p. 76), é que Josué, instigado pela curiosidade própria de um jornalista, participou ativamente de inúmeros eventos aos quais ele teve acesso, viveu intensamente o que o socialismo lhe proporcionou.

Ao incorporar os discursos em que estava inserido, Josué, como qualquer outro sujeito que interage discursivamente, tomou consciência dos fatos, compreendeu-os e respondeu-lhes ativamente. Uma atitude responsiva ativa, conforme Fiorin (2008, p. 6), concorda ou discorda, total ou parcialmente, completa ou adapta. Então, toda compreensão acarreta uma resposta. Uma das atitudes responsivas que Josué tomou após sua estada na Rússia e na China socialistas foi a criação da obra *As Muralhas de Jericó*. Essa obra, como já comentado, foi proibida de publicação. A atitude responsiva de Josué frente aos fatos que conhecera nos países que visitou foi coibida. O jornalista precisou silenciar seus pensamentos, suas emoções e, para tanto, guardou o relato de suas memórias dentro de uma gaveta.

Mas Josué não era um homem de se calar. Ele tencionava, de uma forma ou outra, tornar públicas as boas impressões que tivera dos países orientados pelo regime socialista. Nas leituras iniciais das crônicas *Um dia depois do outro*, de D. Camilo, foi percebido um singelo diálogo entre o que os pseudônimos de Josué queriam expressar e aquilo que foi relato pelo escritor na obra *As Muralhas de Jericó*. Depois de uma análise mais profunda, ficou tangente a relação interdiscursiva entre as crônicas que Josué escreveu sob a proteção dos dois pseudônimos e a obra. Nas crônicas publicadas em 1954, estão presentes ecos e lembranças de outros enunciados, daqueles enunciados em que Josué esteve mergulhado na Rússia e na China. A relação dialógica encontrada entre o sujeito Josué Guimarães e suas produções literárias está embasada na teoria de Bakhtin (2003), que afirma que a subjetividade é constituída pelo conjunto de relações sociais de que participa o sujeito.

O estabelecimento das crônicas *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do outro* como uma atitude responsiva ativa de Josué, diante dos vários discursos em que esteve inserido, está embasada no pensamento de Bakhtin, que diz:

Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma ‘resposta’ aos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma completa, baseia-se neles, subtende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera de comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-las com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados, de doutra esfera da comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2003, p. 297)

Ao criar suas crônicas, Josué, consciente ou inconscientemente, atrelou os fatos que narrava numa perspectiva de comparabilidade ao que havia conhecido na Rússia e na China. Os enunciados que constituem as crônicas, se cotejados com os enunciados apresentados na obra *As Muralhas de Jericó*, são respostas quase diretas às memórias de Josué. Essa constatação pode ser permissível, se ancorada no pensamento de Bakhtin, que salienta que todo “enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinaram tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas” (BAKHTIN, 2003, p. 300).

Dentre as muitas relações interdiscursivas encontradas nas crônicas, uma faz menção direta ao conhecimento da Rússia pelo jornalista. Se for possível afirmar que as crônicas de D. Camilo estão correlacionadas ao livro *As Memórias de Jericó*, os fragmentos abaixo citados podem ser definidos como a materialidade linguística que comprova a afirmação:

Não há nada que mais se assemelhe no mundo que um circo de outro. A começar que as músicas dos circos são diferentes apenas no número de instrumentos ou na farda dos músicos, porque o tom é o mesmo, do barracão do Rosário do Sul ao anfiteatro de cimento armado de Moscou. (D. CAMILO, 17 de julho de 1954)

Este circo assim é diferente de tudo que eu já vi neste mundo de Deus. Diferente até do que eu imaginara. É um prédio de material como qualquer teatro [...] As cadeiras estão em forma de arquibancadas, sobre um piso de cimento armado. (GUIMARÃES, 2001, p. 92)

Em um de seus passeios pela noite da Rússia, Josué, junto da comitiva que representava o Brasil no país, conheceu o circo. Nas suas memórias de viagem, ele descreve a diferença do prédio onde o espetáculo circense era realizado; no entanto, a apresentação era a mesma que em qualquer outro circo do mundo. Na crônica publicada em 17 de julho de 1954, Josué faz uma citação direta à capital soviética, o que leva a crer que, no momento em que a estava redigindo, o cronista tinha, em suas lembranças, os discursos provindos daquele momento vivido no país socialista. A palavra “Moscou” pode ser estabelecida, numa relação dialógica com *As Muralhas de Jericó*, como a materialidade linguística que associa os discursos das crônicas aos discursos da obra de Josué. Apesar de ser essa a única citação direta que relaciona os discursos, outros recursos estilísticos adotados por Josué na composição das crônicas de D. Camilo levam a interdiscursividade destas com a obra do escritor, apesar de o padre não representar, nas crônicas, um defensor do ideário socialista. Outra interdiscursividade pode ser observada nos fragmentos abaixo:

Mora-se numa casa cercada de algum terreno. O terreno em apreço não precisa ser nenhum latifúndio, que deus condena o latifúndio em poder dos pobres. Pode ser o que chamamos de “chacrinha”. Planta-se um pé de laranja de umbigo, um de laranja Taquari e outro de bergamota. Terão as crianças, assim, frutas para todo o ano. [...] meia dúzia de galinhas de família abastecerá de ovos a despensa, mas uma dúzia delas dará até um caldo, de vez em quando. [...] poderá o interessado [...] conseguir dois porcos. E isso dará banha em quantidade suficiente [...]. Com tais providências teremos reduzido os problemas de linguiça, carne de porco propriamente dita, torresmo, salsichas e banha. [...] são estes os primeiros conselhos que posso dar [...]. Estou certo, porém, que se cada paroquiano seguir a risca as recomendações aqui expressas, a situação melhorará [...]. (D. CAMILO, 15 de junho de 1954)

O texto acima é o recorte de uma crônica em que D. Camilo dá uma sugestão aos seus leitores de como inverter a situação da miséria em que se encontravam algumas pessoas da sua vizinhança. Na realidade, a vizinhança de D. Camilo representava o povo brasileiro que sofria com as injustiças sociais, principalmente com a falta de dinheiro para a compra de alimentos. Essa crônica leva diretamente ao capítulo do livro de Josué no qual ele conta sobre as fazendas cooperativadas da Rússia, mais especificamente sobre o *kolkhose* Lênin. *Kolkhose* tem como melhor tradução *o trabalho de um peão em uma granja coletiva*. Ao conhecer o lugar, Josué e a comitiva brasileira foram recepcionados pelos administradores do lugar que contaram:

O *kolkhose* Lênin dispõe de uma área de apenas 1.150 hectares e é habitado por trezentas famílias, cultivando cereais e legumes para o direto abastecimento da cidade de Moscou. [...] As terras são propriedade do *kolkhose*, no sistema de usufruto, não podendo transferir qualquer porção. O governo adianta, para posterior pagamento quando da safra, sementes, instrumentos agrários, máquinas e ainda fornece técnicos que orientarão os agricultores, dirimindo dúvidas e dando conselhos. [...] Além de sete ou oito rublos pelo “dia-trabalho”, o *kolkhoseano* recebe três quartos de litro de leite, 50 gramas de carne de porco e trigo suficiente para o consumo doméstico de pão. (GUIMARÃES, 2001, p.117)

Se for estabelecida uma relação dialógica entre os dois discursos acima citados, a sugestão da “chacrinha” de D. Camilo pode estar relacionada ao conhecimento que Josué adquiriu sobre cooperativismo das granjas coletivas. Na maioria das crônicas de D. Camilo, nota-se a ânsia do escritor em polemizar os fatos narrados. Em algumas passagens tanto das crônicas como da obra *As Muralhas de Jericó*, o enunciado é carregado de emoção, de um “fazer refletir”, como se pode observar nos recortes abaixo:

Mas que espécie de tática usam os soviéticos, se realmente amanhã pretendem dominar o mundo pelas armas, levando aos outros territórios a guerra e o massacre, se vamos encontrar nas creches, nas suas escolas primárias, nas fabricas, nas oficinas, na Universidade, em todos os lugares públicos – através do cinema, da dança, do teatro – a máxima preocupação em ensinar que a Paz é o único bem pela qual a humanidade deve lutar? (GUIMARÃES, 2001, p. 110)

É um pobre menino quase tísico, encurvado, febril, nesta bela idade de 14 ou 15 anos em que os filhos dos afortunados começam a nascer para a vida. Mas o ladrão teme diante dos algozes, talvez de medo, talvez de frio pela roupinha rasgada, pingando água. [...] Afinal, ele estava roubando uma camisa puída de uma cerca qualquer. [...] Alguém lembra uma surra. Ninguém lembra uma escola, um par de sapatos, um pedaço de pão, uma camisa que não fosse roubada da cerca de ninguém, um casaco, um pouco de remédio para as suas mazelas. E levam o perigoso ladrão para a polícia. Só assim as famílias dormirão tranquilas [...] (D. CAMILO, 14 de junho de 1954).

Na primeira passagem, Josué comenta sobre as ambições da URSS sobre a conquista do mundo pela difusão do sistema socialista por meio da Guerra Fria. Ele não vê “guerra” lá. O que ele vê e narra, nas suas memórias, é o cotidiano de um povo pacifista, que trabalha e estuda em prol de um bem coletivo. Não se fala de guerra pelas ruas de Moscou, fala-se sobre as boas condições de vida oferecidas pelo sistema socialista, pelo acesso livre à educação, à saúde, ao lazer. Então, o escritor levanta a questão do que realmente queria a URSS de que se falava nos jornais brasileiros. O que aquele povo temido tinha de tão maléfico para fazer ao resto do mundo se, para essas pessoas, a Paz era um bem precioso, visto que são vítimas ou descendentes de pessoas vitimadas da guerra? Movido ainda pela emoção, Josué chega a comentar sobre de onde vinham os discursos que um dia o levarão a crer que lá encontraria um povo rebelde, com armas em punho, pronto para o combate. Ao fazer referência à imprensa que descrevia o povo soviético erroneamente, Josué usa até de cinismo, como se poder conferir no texto abaixo:

[...] leio em Paris [...] os jornais brasileiros. Um deles, vespertino, divulga num único número cinco reportagens sobre a Rússia, todas assinadas por nomes que nunca vi e que talvez não tenham sequer tomado um dia uma barca da Cantareira para visitar Niterói. Mas os jornalistas, honestamente, descrevem em detalhes as monstruosidades praticadas na União Soviética contra o povo e, principalmente, contra as mulheres e as crianças. [...] Onde teria ido o repórter buscar aquela notícia? Qual agencia informativa que teria telegrafado aquele despacho? [...] Não haverá um interesse maior atrás disso tudo? (GUIMARÃES, 2001, p. 111)

Voltando ao segundo fragmento, retirado da crônica de D. Camilo publicada em 14 de junho de 1954, vê-se o quanto era diferente o que acontecia nas ruas do Brasil em comparação com o que acontecia na Rússia. As crianças carentes daqui, sem as mínimas condições de sobrevivência, apelavam para a violência, muito contrária à paz pregada na Rússia. Não havia paz entre o policial e o pequeno ladrão, não havia paz entre a população e o pequeno ladrão, que via, numa “surra”, um bom corretivo contra o delinquente. A paz dava-se, no Brasil, pela imposição da violência, não pela aquisição de um sistema econômico e social justo aos

cidadãos. A paz disseminada pelos policiais, no relato da crônica, era feita pela violência contra um menino de 14 anos. A retórica de D. Camilo ao narrar os acontecimentos é carregada de sentimentos de um pastor de Deus. No entanto, o padre era antisocialista, como designava as ordens da Igreja. Segundo as normas da instituição, padres e socialistas não poderiam conviver debaixo de um mesmo teto, a não ser que os revolucionários trocassem os valores da ideologia socialista ou comunista pela fé. Isso se torna perceptível no fragmento abaixo:

O meu vizinho comenta: “O negócio é que corre aqui pela vila que eu sou um socialista. Ora... o senhor conversando comigo”. Bem, de fato a situação pode parecer estranha e amanhã a gente daqui transforma a pulga em elefante. Digo a ele: “Pois quando alguém perguntar o que nós conversamos você diga que o padre é muito chato e vive tentando lhe convencer que na religião está o meio para alcançar preços melhores para os produtos de primeira necessidade. Está entendido?” [...] (O socialista) encerra a conversa por seu turno: “E se o bispo perguntar alguma coisa ao senhor não esqueça: diga que eu passo o dia tentando convencê-lo de que só a ditadura do proletariado pode resolver essa geringonça”. E conclui se afastando: “E assim eu fico bem com os camaradas...” (D. CAMILO, 13 de maio de 1954, adição nossa).

Por meio desse trecho, é possível vislumbrar a postura adotada por D. Camilo em todas as suas crônicas, como um antisocialista que tenta dialogar com os socialistas pelo uso do perdão e da caridade. Em contrapartida, na Rússia, a relação entre a Igreja Católica e o povo que vive em um regime socialista acontece de forma tranquila, como relata Josué:

E o que vamos encontrar em Praga, além do derivante político? Talvez o povo mais religioso da Europa, vivendo tranquilamente sob o regime socialista. Ora, encontrar católicos apostólicos romanos, atrás das “Cortinas de Ferro”, representa praticamente receber um balde de água fria no rosto. Eles ali estão, enchendo as naves das igrejas e catedrais, tomando comunhão, confessando seus pecados, ouvindo os sermões dos vigários. [...] Serei chamado de mentiroso no Brasil contando isto? Talvez não. O povo brasileiro já começou a compreender que em tudo que lê, ouve ou vê acerca deste lado, está sempre um dedo qualquer interessado em mentir, em criar barreiras, em torcer os fatos. (GUIMARÃES, 2001, p. 57)

Por meio do cotejo entre os fragmentos analisados, é possível dizer que Josué Guimarães tinha em sua consciência, ainda muito viva, a memória das experiências passadas nos países socialistas. Provavelmente por ter sido obrigado a se calar, o jornalista viu, nas crônicas *Nosso Pequeno mundo* e *Um dia depois do outro*, uma forma de apresentar o que viveu de forma velada, numa implícita comparação entre dois mundos: o capitalista e o socialista. Fez isso por ser um indivíduo socialmente constituído pelas vozes das diferentes ideologias. Josué inscreveu-se numa relação de mão dupla com os discursos da obra *As Muralhas de Jericó* e suas crônicas. Viu nelas uma forma de responder axiologicamente à

proibição de suas memórias. Suas crônicas tratam-se, portanto, de uma compreensão ativa sobre os discursos socialistas e liberais e de uma posição responsável frente às represálias que sofreu por tentar apresentar uma forma de governo, que para ele, era mais justa com o povo. Nessa ordem, sob as coerções de uma sociedade pouco afeita à liberdade de expressão, tornou literatura o que seria jornalismo, elaborou esteticamente caracteres e vozes, humanizou as posições, dando subjetividade aos programas ideológicos, e, nesse processo, pode restituir à crítica, seja do lado que for, à realidade injusta da história brasileira de então, que ainda vigora em nossa contemporaneidade. Nesses traços, está a atualidade de Josué, em crônicas escritas há mais de cinquenta anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Poucas pessoas têm uma noção exata da batalha sustentada por um jornalista. Afora o trabalho intelectual, essa atividade requer do jornalista uma sintonização permanente e funcional com a realidade diária. Deve ele vencer a resistência interna que lhe opõem os diversos interesses que serão atingidos pelos seus discursos. Josué Guimarães fez verdadeiras acrobacias mentais antes de expor aos leitores as crônicas das colunas *Um dia depois do outro* e *Nosso pequeno mundo*, visto que os temas, geralmente de caráter político, feriam o mandonismo local. A forma encontrada por Josué para expressar suas opiniões e visões de mundo foi escrever sob a segurança dos pseudônimos D. Camilo e Peppone.

Ao término deste trabalho, cabe retomar o objetivo principal que se propôs alcançar aqui: interpretar as crônicas *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do outro* como enunciados construídos a partir dos discursos pretéritos, bem como das relações históricas e ideológicas nos quais estava inserido o jornalista Josué Guimarães. Após as análises, verificou-se que as crônicas assinadas por D. Camilo e Peppone, em 1954, foram geradas pela sequência discursiva antecedente a suas publicações e pelas circunstâncias históricas e ideológicas nas quais o jornalista estava inserido. As crônicas jornalísticas de Josué têm, em si, discursos que as precederam, principalmente os discursos a que o jornalista teve acesso em sua viagem à Rússia e à China, em 1952, e que se transformaram na obra *As Muralhas de Jericó*. Isso foi constatado nas relações interdiscursivas existentes entre os dois enunciados. Os discursos antecedentes às crônicas que possibilitaram suas produções são discursos oriundos da ideologia socialista, que Josué conheceu e viveu durante sua viagem. Ao tomar conhecimento dessa ideologia, o jornalista tornou-se capaz de comparar a realidade dos países que visitou com a realidade brasileira. As crônicas *Nosso pequeno mundo* e *Um dia depois do outro* demonstram, por meio das vozes que delas emanam, o diálogo conflituoso entre o socialismo e o capitalismo.

Nesta dissertação, pretendeu-se rastrear não apenas as interdiscursividades entre as crônicas analisadas e seus discursos pretéritos, até mesmo porque isso só não bastaria para que elas fossem produzidas. Retomando os conceitos de Bakhtin de que língua, sujeito e mundo social não se separam, de que nenhum sujeito é autônomo nem criador de seus próprios discursos – ao contrário, ele se constitui na relação com os outros indivíduos – Josué, ao escrever suas crônicas, posicionava-se como um sujeito concebido pela sua interação com os outros sujeitos, pelas palavras dos outros e pelo contexto histórico que o envolvia. Diante disso, pode-se afirmar que o jornalista era um sujeito em conflito, ou seja, sua consciência

estava habitada por signos cujas lutas ideológicas ocorriam, e isso possibilitou o processo de constituição das identidades de que ele se apoderou para escrever as crônicas. Para tanto, Josué apossou-se dos enunciadores D. Camilo e Peppone, personagens-sujeitos constituídos sócio-historicamente, e os converteu em “autores” da sua própria voz, dando-lhes a autoria daquilo que almejava expressar. Fez isso pela aproximação de ideias entre aquilo que queria expressar nas suas colunas e as posições ideológicas defendidas pelos dois personagens.

Josué Guimarães é, então, um ser-evento único, sócio-historicamente situado e culturalmente impregnado de ideologias, constituído na relação com outros sujeitos. Todos os seus discursos, seja como político, jornalista ou cronista, estão intimamente relacionados com a História e com os discursos que o circundavam. Sua postura responsiva diante dos fatos discursivos é oriunda da identidade de um indivíduo que se constituiu das relações dialógicas entre enunciados valorativos, da interação desse sujeito com outros sujeitos, com outros discursos, ou com a própria cultura. Os pseudônimos D. Camilo e Peppone, apesar de fictícios, também podem ser vistos como enunciadores formados pela consolidação social e histórica das interações, das palavras, dos signos, ou seja, dos outros.

Diante das análises feitas sobre as crônicas que representavam a troca de ofensas entre os cronistas D. Camilo e Peppone, é possível afirmar que Josué apropriou-se dos personagens cinematográficos e das ideologias que eles representavam para transpor a eles com sua voz. Os personagens cinematográficos, criações de Giovanino Guareschi, estabelecidos como inimigos aparentemente irreconciliáveis, tornaram-se o suporte ideal para que Josué pudesse expressar, nas suas crônicas, o mesmo embate ideológico existente nos filmes. Na constituição de seus pseudônimos, o jornalista não lhes atribui somente sua voz. Deles, emanam as vozes que os caracterizariam como defensores de ideologias contrárias. Em D. Camilo, faz-se presente a voz de um padre antisocialista que usa artifícios de benevolência, perdão e caridade como uma forma de converter os socialistas. Em Peppone, ressaltam-se as vozes constitutivas da ideologia socialista, da revolução e da rebeldia. Mas, apesar das diferenças tanto ideológicas quanto pessoais, o padre e o socialista defendiam a mesma posição: um mundo melhor e mais justo a todos.

Considerando a investigação dos cronistas Peppone e D. Camilo e de suas crônicas, com as quais foi decidido trabalhar aqui, constatou-se que um sujeito sócio-histórico é perpassado por vozes alheias e constituído dialogicamente sob fenômeno da polifonia em suas interações, seja ele real, como Josué Guimarães, sejam eles fictícios, como D. Camilo e Peppone. O jornalista apoderou-se de um discurso ficcional pretérito para falar sobre as injustiças sociais, sobre a miséria e a desigualdade de um povo sem acesso a condições

melhores de vida, sobre o fracasso das estratégias políticas que tornavam o Brasil um país sem recursos. Em cada assunto abordado pelos pseudônimos de Josué, encontram-se a interatividade com discursos pretéritos, discursos estes a que Josué teve acesso e que formaram sua consciência, e são apresentados, nas crônicas, como a alteridade do jornalista frente aos fatos que viveu.

Outro ponto defendido neste trabalho é a vinculação dos discursos proferidos nas colunas *Um dia depois do outro* e *Nosso pequeno mundo* com a História. Como todo discurso é uma construção linguística atrelada ao contexto social no qual o texto é desenvolvido, cabe afirmar que as produções literárias de Josué não seriam possíveis sem seu atrelamento com o contexto social, político e cultural nos quais estavam inseridas. Ou seja, as ideologias presentes nestes discursos são diretamente determinadas pelo contexto histórico em que viveu o autor. A sociedade que promoveu o contexto dos discursos analisados é a base de toda a estrutura do texto, amarrando, desse modo, todo e qualquer elemento que possa fazer parte do sentido dos discursos.

Vivendo a História, Josué deu forma a discursos literários dos quais emanavam vozes ideológicas convergentes: o capitalismo e o comunismo. Fez isso porque o mundo contemporâneo à publicação das crônicas aqui analisadas estava envolto numa atmosfera de questionamentos e comparações entre as ideologias em decorrência da Guerra Fria. Alguns países ainda caminhavam lentamente devido às devastações ocasionadas pela Segunda Guerra Mundial. Entre esses países estavam a Rússia e a China, nações que implantaram o sistema socialista, e que, conforme o testemunho de Josué relatado na obra *As Muralhas de Jericó*, viveram uma situação de progresso e paz. Essa situação não acontecia no Brasil, onde o sistema liberalista regia as relações políticas e comerciais, ocasionando injustiças sociais e miséria ao povo. Da relação histórica sobre esses dois diferentes cenários, Josué produziu suas crônicas, que não comparavam explicitamente duas ideologias, duas realidades, mas intentavam fazer com que os leitores as percebessem e, conseqüentemente, refletissem sobre a realidade brasileira da época, ou seja, sobre a História e suas futuras decorrências.

Ao tecer críticas e levantar reflexões, o jornalista Josué Guimarães utilizou-se da crônica por essa estar aberta à poeticidade, à referencialidade e, até mesmo, à expressão dos seus sentimentos e impressões sobre os fatos do cotidiano. Portanto, a postura assumida por Josué, na elaboração de seus discursos, só poderia ser feita pela subjetividade possibilitada pela crônica, visto que ela é uma narrativa autônoma que não está, necessariamente, veiculada aos preceitos impessoais das categorias jornalísticas. A autoria repassada aos pseudônimos, D. Camilo e Peppone, também é mais bem explicitada como uma colaboração, em que o

cronista Josué não está diretamente ligado à função de opinante dos acontecimentos, mas exerce um papel flexível, na medida em que trabalha com uma certa liberdade de criação. Essas autorias não transmitem a posição de um alguém irredutível ou taxativo em seus pontos de vista, que se mostram de certa maneira previsíveis em suas colocações. Os “cronistas” Peppone e D. Camilo escondem, por trás de suas identidades, uma pessoa que demonstra seus medos, questionamentos, certezas, conjecturas e devaneios.

Ao ler as crônicas, *Nosso Pequeno mundo* e *Um dia depois do outro*, 50 anos após suas publicações, elas ainda remetem ao questionamento e à reflexão sobre o mundo, visto que os temas ali discutidos ainda são, em sua maioria, os mesmos da atualidade. Nesse diálogo entre presente e futuro, entre uma possível escolha por um sistema governamental mais justo, a Literatura de Josué Guimarães, de 1954, pode ser tida como um discurso pretérito capaz de engendrar discursos futuros que melhor façam os homens conviverem com suas Histórias e, quem sabe, mudá-las.

REFERÊNCIAS

ALJOG/ UPFTV. **A Jornada de Josué**. [Filme- vídeo]. Direção Deisi Fanfa. Passo Fundo: 2011. DVD (90 min.)

ANNES, Gervásio. In: ALJOG/ UPFTV. **A Jornada de Josué**. [Filme- vídeo]. Direção Deisi Fanfa. Passo Fundo: 2011. DVD (90 min.)

BACIGALUPO, Graciela Zubelzú de. **As relações russo-brasileiras no pós-Guerra Fria**. Revista Brasileira de Política Internacional. 2000, vol.43, n.2, pp. 59-86. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v43n2/v43n2a03.pdf>> Acesso em: 10 Dez. 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 2. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **Questões de literatura e estética**. A teoria do romance. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Agir, 1960.

BENDER, Flora Christina; LAURITO, Ilka Brnhildee. **Crônica**: história, teoria e prática. 1.ed. São Paulo: Scipione, 1993.

BORDINI, Maria da Glória. In: ALJOG/ UPFTV. **A Jornada de Josué**. [Filme- vídeo]. Direção Deisi Fanfa. Passo Fundo: 2011. DVD (90 min.)

BRAIT, Beth. (Org.) **Bakhtin**: conceitos chave. São Paulo: Contexto, 2005.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. In: ALJOG/ UPFTV. **A Jornada de Josué**. [Filme- vídeo]. Direção Deisi Fanfa. Passo Fundo: 2011. DVD (90 min.)

BRASIL ESCOLA. **O mundo depois da Segunda Guerra Mundial**. Disponível em <<http://guerras.brasilecola.com/seculo-xx/o-mundo-depois-segunda-guerra-mundial .htm>>. Acesso em 25 jun. 2015.

CEIA, Carlos. **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em <<http://www.fcsh.unl.pt/>>. Acesso em 13 maio 2015.

CLEMENTE, Elvo. Josué Guimarães: uma vida plurifacetada. In: REMÉDIOS, Maria Lúiza Ritzel (Org.). **Josué Guimarães o autor e sua ficção**. 1. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS/ EDIPUCRS, 1997.

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: **A literatura no Brasil**. vol. 6. São Paulo: Global, 2003,

DICIONÁRIO HISTÓRICO. **José Seabra da Silva**. Disponível em <www.arqnet.pt/dicionario/seabrasilvaj.html>. Acesso em 02 abr. 2015.

DICIONÁRIO POLÍTICO. **Marx, Karl Heinrich**. Disponível em <<https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/m/marx.htm>>. Acesso em 12 ago. 2015.

ELICHIRIGOITY, Maria Teresinha. **A formação do sentido e da identidade na visão Bakhtiniana**. Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: Literatura, língua e identidade. Niterói, RJ: UFF, n. 34, 2008, p. 181-206. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo12.pdf>> Acesso em: 10 maio 2015.

FABRIS, Mariarosaria. **O Senhor está vendo, mas Stálin não**: representação do embate ideológico no período da guerra fria na Itália. São Paulo: Significação: revista de cultura audiovisual, v. 40, n. 40, 2013. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/viewFile/71674/74791>>. Acesso em 18 Dez. 2015.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de. (Org.) **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

FAUSTO, Boris (Dir.). **História geral da civilização brasileira**. 4. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2007.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008

_____. **Polifonia textual e discursiva**. In: Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade em Torno de Bakhtin. Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin (orgs), 2. Ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003, p. 30-36, 2003.

_____. **Interdiscursividade e Intertextualidade**. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 161-193.

GALERIA DOS PENSADORES RUSSOS. **Pavel Medvedev**. Disponível em <http://www.isfp.co.uk/russian_thinkers/pavel_medvedev.html>. Acesso em 23 jul. 2015.

GONZAGA, Sérgio. In: ALJOG/ UPFTV. **A Jornada de Josué**. [Filme- vídeo]. Direção Deisi Fanfa. Passo Fundo: 2011. DVD (90 min.)

GUIMARÃES, Josué. Declaração de princípios. **A Hora**. São Paulo, 1945, s/p.

_____. **As Muralhas de Jericó - Memórias de viagem: União Soviética e China nos anos 50**. 1. ed. Porto Alegre: IEL/L&PM, 2001.

GUIMARÃES, Nydia.. In: ALJOG/ UPFTV. **A Jornada de Josué**. [Filme- vídeo]. Direção Deisi Fanfa. Passo Fundo: 2011. DVD (90 min.)

HECKER, Alexandre. Propostas de esquerda para um novo Brasil: o ideário socialista do pós-guerra In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Coord). **Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007

HOBSBAWM, E. J.; PAOLI, Maria Celia (Rev.). **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. **Josué Guimarães**. Autores gaúchos. 3. ed. Porto Alegre: IEL, AGE/ULBRA, 1997.

INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. **Josué Guimarães**: Escrever é um ato de amor. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2006.

MACHADO, Ivan Pinheiro. In: ALJOG/ UPFTV. **A Jornada de Josué**. [Filme- vídeo]. Direção Deisi Fanfa. Passo Fundo: 2011. DVD (90 min.)

MAROCCO, Beatriz; LIMA, Nilsângela Cardoso; VIEIRA, Karine Moura. **A estratégia da invisibilidade em O Dia**: Contribuição para o estudo do pseudônimo. Paris: Sur Le journalisme (Sobre jornalismo). Vol 3. N1- 2014. Disponível em <<http://surlejournalisme.com/rev/index.php/slj/article/view/129>>. Acesso em 07 Jan. 2016.

MARTINS, Dileta Silveira. A posição de Josué Guimarães na literatura sulina. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (Org.). **Josué Guimarães o autor e sua ficção**. 1. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS/ EDIPUCRS, 1997.

MARTINS JÚNIOR, Leandro Augusto. **Governo Dutra e o retorno de Vargas**. Disponível em <<http://educacao.globo.com/historia/assunto/redemocratizacao-brasileira/governo-dutra-e-o-retorno-de-vargas.html>>. Acesso em 03 fev. 2015.

MARXISTS INTERNET ARCHIVE. **Voloshinov, Valentin Nikolaevich**. Disponível em <<https://www.marxists.org/glossary/people/v/o.htm>> Acesso em 23 jul. 2015.

MATOS, Maria Vitalina Leal de. **Introdução aos Estudos Literários**. 21. ed. Lisboa: Verbo, 2001

MELO, José Marques de. **A Opinião No Jornalismo Brasileiro**. 1. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1985.

MEMÓRIA/FAMECOS (PUCRS): **Núcleo de Comunicação e Memória Institucional**. Disponível em <<http://projetos.eusoufamecos.net/memoria/jornal-a-hora-surge-naquele-conturbado-ano-de-1954/>>. Acesso em 07 Jan. 2015.

MENDONÇA, Marina Gusmão. **Imprensa e política no Brasil**: Carlos Lacerda e a tentativa de destruição da Última Hora. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, n.31, 2008. Disponível em <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao31/materia04/texto04.pdf>> Acesso em 10. Dez. 2015.

MOISÉS, Massaud. **A criação Literária** – Prosa II. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

MORENO, Nahuel. O Estado e a classe dominante. In: FELIPPE, Wiliam (Org.). **O Estado burguês e a revolução socialista**. 1. ed. São Paulo: Editora Sudermann, 2003.

MOURA, Vanessa dos Santos. **Josué Guimarães: uma análise de sua trajetória político-intelectual e de sua produção literária ficcional.** Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

MUSEU DE COMUNICAÇÃO HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA. **Destaques do acervo da imprensa.** Disponível em <<http://www.museudacomunicacao.rs.gov.br/site/destaques/destaques-imprensa/>>. Acesso em 07 Jan. 2015.

NEIVA, Érica Michelline Cavalcante. **A crônica no jornal impresso brasileiro.** Disponível em <www.unirevista.unisinos.com.br>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2008.

REIS, Carlos. **O Conhecimento da Literatura** - Introdução aos Estudos Literários, 21 ed. Coimbra: Almedina, 2001.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **Estado desenvolvimentista, nacionalismo e liberalismo.** Artigo apresentado à Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Ciência Política, Gramado-RS, Ago. 2012. Disponível em <<http://www.bresserpereira.org.br/papers/2012/372-Estado-Desenvolvimentista-Nacionalismo-Liberalismo-exLilian.pdf>> Acesso em 13 Dez. 2015.

RAMOS, Plínio de Abreu. **A imprensa nacionalista no Brasil.** In: A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50. Alzira Alves de Abreu (org.). Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 61-139.

RANGEL, Monique Benati. **Profissionalização Jornalística: Identidade, Anonimato e Autoridade.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006. Artigo publicado em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0106-1.pdf>>. Acesso em 6 Jan. 2016

REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (Org.). **Josué Guimarães o autor e sua ficção.** 1. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS/ EDIPUCRS, 1997.

_____. In: **As Muralhas de Jericó** - Memórias de viagem: União Soviética e China nos anos 50. 1. ed. Porto Alegre: IEL/L&PM, 2001.

_____. O empreendimento autobiográfico: Josué Guimarães e Erico Verissimo. In: ZILBERMAN, Regina et al. In: **As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura.** Belo Horizonte: EdUFMG, 2004.

_____. In: ALJOG/ UPFTV. **A Jornada de Josué.** [Filme- vídeo]. Direção Deisi Fanfa. Passo Fundo: 2011. DVD (90 min.)

REVISTA PROBLEMAS: revista mensal de cultura e política. **Por um Amplo Desenvolvimento da Colaboração Econômica Internacional**. Editorial: Março. 1952. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/40/amplo.htm#topp> Acesso em: 02. Dez. 2015.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Ed. Ática. Col. Princípios, 1985.

STALLONI, Yves. **Os gêneros literários**. 3 ed. Rio de Janeiro: Difusão Européia do Livro, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. **Escritos de Linguística Geral**. BOUQUET, Simon; ENGLER, Rudolf (orgs.) e WEIL, Antoinette (Col.). Tradução Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2012. 296p.

TAVARES, Rodrigo Rodrigues. **A foice e o martelo**: história e significado do símbolo socialista. In: Anais II Encontro Nacional de Estudos da Imagem Congresso, Londrina: UEL, 2009. Disponível em <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Tavares_Rodrigo%20Rodrigues.pdf>. Acesso em 03 Jan. 2016

VASQUES, Edgar. In: ALJOG/ UPFTV. **A Jornada de Josué**. [Filme- vídeo]. Direção Deisi Fanfa. Passo Fundo: 2011. DVD (90 min.)

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Crônica: definições. **Folha de São Paulo**. 9 out. 1979.

ZILBERMAN, Regina. In: ALJOG/ UPFTV. **A Jornada de Josué**. [Filme- vídeo]. Direção Deisi Fanfa. Passo Fundo: 2011. DVD (90 min.)